



Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Programa de Pós-graduação em História - PPGH

JÚLIO SANTOS DA SILVA

A Pandemia de Gripe Espanhola em Manaus: Crise, política e saúde global (1918-1919)

Manaus
Fevereiro de 2025



Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Programa de pós-graduação em História - PPGH

JÚLIO SANTOS DA SILVA

A Pandemia de Gripe Espanhola em Manaus: Crise, política e saúde global (1918-1919)

Tese apresentada à banca examinadora
do Programa de pós-graduação em
História da Universidade Federal do
Amazonas PPGH-UFAM, sob
orientação do Prof. Dr. Jaime Ricardo
Teixeira Gouveia.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Ricardo Teixeira Gouveia

Manaus
Fevereiro de 2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586p Silva, Júlio Santos da
 A Pandemia de Gripe Espanhola em Manaus: Crise, política e saúde
 global (1918-1919) / Júlio Santos da Silva. - 2025.
 163 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Jaime Ricardo Teixeira Gouveia.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de
 Pós-Graduação em História, Manaus, 2025.

 1. Pandemia. 2. Saúde Pública. 3. Gripe Espanhola. 4. Manaus. I.
 Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira. II. Universidade Federal do Amazonas.
 Programa de Pós-Graduação em História. III. Título



Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Programa de pós-graduação em História - PPGH

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Jaime Ricardo Teixeira Gouveia
Universidade Federal do Amazonas (UFAM) / Universidade de Coimbra

EXAMINADORES:

Prof. Dr. James Roberto Silva
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Profa. Dra. Ana Isabel Coelho Silva
Universidade de Coimbra, Portugal

Prof. Dr. Sérgio Gonçalo Duarte Neto
Universidade do Porto, Portugal

Prof. Dr. Wellington Bernardelli Silva Filho
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Aos meus pais
Raimundo Walmir e Francisca dos Santos
Pela vida dedicada aos filhos

A minha amada esposa
Amanda (amada) Silva
Por suportar com amor esse historiador “velho”

Aos meus amados filhos
Evelyn Vanessa, Alison Maximus, Annanda e Daniel Otavio

À memória eterna do historiador Hideraldo Costa

Dedico a todos

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus pela força e graça concedida durante o tempo de mais uma etapa na minha vida profissional, a conclusão do doutorado em história pelo PPGH-UFAM, que tem contribuído muito para a consolidação da ciência histórica no Amazonas, eu devo toda a minha vida profissional na educação à Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Mesmo tendo passado mais de 15 anos sem vê-lo, não posso deixar de agradecer ao meu querido professor Aloysio Nogueira, que sempre foi uma referência para a minha vida acadêmica. Suas reflexões na sala de aula me ensinaram a perceber o mundo com os olhos de um historiador, “companheiro Aloysio” você sempre será, meu mestre, minha referência de magistério. Agradecimento também estendido ao professor Dr. Auxiliomar Ugarte pela genialidade que tanto admiro.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas PPGH-UFAM, Luís Balkar, Almir Diniz, César Bubolz, Davi Avelino, Keith Barbosa, Júlio Cláudio, Patrícia Melo, Maria Luiza e Nelson Tomelin. Professores que me ajudaram a crescer no ofício de historiador, por isso eu amo a história.

Faço também um agradecimento especial aos professores Márcia Eliane Mello e James Roberto Silva que me orientaram no começo de todo esse processo do doutorado. Obrigado pelo profissionalismo e dedicação.

A todos os funcionários e coordenadores Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas PPGH-UFAM, que desde o momento da minha inscrição na seleção do doutorado, agiram com todo o profissionalismo, um abraço especial ao Jailson, que conhece toda a burocracia do Programa, agradecimento especial.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado, em especial ao Nonato que sempre me recebeu com dedicação e profissionalismo, me disponibilizando, sempre, o acesso irrestrito à documentação. Sem esquecer os saudosos seu João e dona Janete (*in memoriam*).

Aos funcionários do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), sempre dedicados no trabalho de atendimento dos pesquisadores, com paciência me ajudaram na “garimpagem” das fontes. Ao presidente José Braga que tem feito um trabalho extraordinário no Instituto, e em especial ao confrade Geraldo dos Anjos que tem o poder de conhecer TUDO sobre o Amazonas, sem nenhum exagero.

Às companheiras de longa data que sempre foram minhas bússolas Marlucia Bentes e Luciana Gil, minhas conselheiras sobre as fontes no Amazonas, elas sabem de tudo, devo minha vida a vocês. Aos amigos amados Francisca Passos, Francisca Mourão, prof. Alcenor, Nogueira, Francisco Elias, Roberto Porto, Vinicius, Milton Melo (*in memorian*) e Admilton.

Um agradecimento especial ao Hideraldo Costa, professor o orientador amado, até hoje não compreendo porque Deus te levou tão cedo para junto Dele. Esteve na minha qualificação do doutorado tão entusiasmado com a minha pesquisa, te devo minha vida professor Hideraldo.

Quero agradecer em especial ao meu orientador professor Jaime Gouveia, que aceitou assumir, na reta final, a minha orientação e foi fundamental para a feitura final desta pesquisa. Pesquisador com uma inteligência impressionante, me ajudou a compreender os caminhos e descaminhos da história, mesmo que nosso contato tenha sido na maior parte virtual, nunca faltou profissionalismo e respeito. Deus abençoe Portugal e o time do Porto.

Quero agradecer à minha família, ao meu pai Walmir e à minha mãe Francisca pela vida dedicada aos filhos. Aos meus irmãos Lázaro e Samuel, e as minhas sobrinhas Vivian e Lilian. Aos meus filhos Evelyn Vanessa, Alison Máximos, Annanda e Daniel Otavio. Espero ser um dia referência para vocês.

E, por fim, um agradecimento especial a minha esposa amada Amanda Silva, que nunca me abandonou e está sempre do meu lado, e sabe compreender a vida atribulada de um doutorando. Te amo minha vida.

A pandemia de gripe espanhola em Manaus: crise, política e saúde global (1918-1919)

RESUMO

Nos finais do século XIX e inícios do século XX, Manaus experimentou um acréscimo populacional excepcional em decorrência da atração de migrantes para a exploração e fabricação da borracha. Em 1913 veio a crise econômica, mudando completamente a cidade que outrora era a Paris dos Trópicos, principalmente porque em 1918 a pandemia de gripe espanhola chegava na cidade trazendo morte e colapso do sistema de saúde. A crise sanitária logo alcançou as pessoas de todas as classes sociais, onde os medicamentos da medicina oficial pareciam não fazer num efeito contra tão terrível vírus. Esta tese estuda esse acontecimento à luz das perspectivas da história global, levantando novos questionamentos com base em fontes originais, ainda não estudadas.

Palavras-chave: Saúde Pública; Pandemia; gripe espanhola; Manaus.

The Spanish flu pandemic in Manaus: crisis, politics and global health (1918-1919)

ABSTRACT

Manaus, in the late 19th century and early 20th century, experienced an exceptional populational growth due to the attraction of migrants to the exploitation and manufacture of rubber. But the economic crisis came in 1913, completely changing the city that was once the Paris of the Tropics, mainly because in 1918 the Spanish flu pandemic arrived in the city, bringing death and the collapse of the healthcare system. The health crisis soon reached people from all social classes, where official medicine medications seemed to have no effect against such a terrible virus. This thesis examines this event from the perspective of global history, raising new questions based on original sources that have not yet been studied.

Keywords: Public Health; Pandemic; Spanish flu; Manaus.

Siglas:

1. Instituto Geográfico e histórico do Amazonas (IGHA)
2. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas (SMCA)
3. Organização Mundial da Saúde (OMS)
4. Associação Comercial do Amazonas (ACA)

Gráficos:

1. Gráfico 1: Mortalidade em Manaus (1895-1920).....	26
2. Gráfico 2: Mortalidade Mensal de gripe espanhola (1895-1919).....	32
3. Gráfico 3: Número mensal de mortos (1918)	74
4. Gráfico 4: Número de mortos em Manaus (1918).....	75
5. Gráfico 5: Mortalidade infantil (1918)	79
6. Gráfico 6: Mortalidade acima de 50 anos (1918)	79
7. Gráfico 7: Mortalidade por idade e sexo (1918).....	80
8. Gráfico 8: Porcentagem de homens que morreram em Manaus por faixa etária	81
9. Gráfico 9: Porcentagem de mulheres que morreram em Manaus por faixa etária	82
10. Gráfico 10: Contagem de idade por cor.....	87
11. Gráfico 11: Contagem por nacionalidade	88
12. Gráfico 12: Contagem por hora do óbito	88
13. Gráfico 13: Contagem por profissão.....	89
14. Gráfico 14: Contagem por local do óbito	89
15. Gráfico 15: Contagem por Naturalidade.....	90
16. Gráfico 16: População por nacionalidade (1907)	101
17. Gráfico 17: População adulta e infantil (1907).....	102
18. Gráfico 18: Atendimento por classes (1900-1918).....	106
19. Gráfico 19: Atendimento no hospital por classes (1900-1918).....	108
20. Gráfico 20: Tratamento no hospital por classes (1900-1918).....	108
21. Gráfico 21: Tratamento por nacionalidade (1900-1918)	109

Quadros:

1. Quadro 1: Mortalidade na cidade de Manaus (1895-1920)	25
2. Quadro 2: Animais incinerados em Manaus (1918-1919).....	29
3. Quadro 3: Localidades com obras sobre a gripe espanhola.....	38
4. Quadro 4: Produção sobre gripe espanhola na Amazônia	39
5. Quadro 5: Mortalidade por sexo e idade (1918)	78
6. Quadro 6: Postos de Atendimentos (1918).....	96
7. Quadro 7: População por rua (1907)	97
8. Quadro 8: Movimento de doentes no Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas (1907)	105
9. Quadro 9: Mortalidade por Gripe Espanhola do cemitério São João Batista de Manaus (1918-1919).....	125

Figuras:

1. Figura 1: Pacientes em um hospital improvisado	22
2. Figura 2: Forno de incineração de lixo	27
3. Figura 3: Livro de inumados do cemitério	46
4. Figura 4: Atestado de óbito	47
5. Figura 5: Capa do relatório da intendência municipal	49
6. Figura 6: Termo de espólio	50
7. Figura 7: Movimento de passageiros (1908-1909).....	68
8. Figura 8: Contagem de mortos em Manaus (1918)	73
9. Figura 9: Contagem de mortos em Manaus (1919)	75
10. Figura 10: Propaganda da empresa de navegação de B. Levy & Ca.. ..	102
11. Figura 11: Movimento no hospital Santa Bárbara	103
12. Figura 12: Movimento no hospital Português (1900-1918)	107
13. Figura 13: Capa da revista Amazonas Médico 1909	112
14. Figura 14: Governador Pedro Alcântara Bacellar.....	114
15. Figura 15: Charge da revista O Malho, 1917	117
16. Figura 16: Médico João Coelho de Miranda Leão	119
17. Figura 17: Contracapa da revista Amazonas Médico	121

18. Figura 18: Médico Alfredo da Matta	123
19. Figura 19: Recorte de jornal com votos para deputado	124
20. Figura 20: Interior da farmácia Lemos	126
21. Figura 21: Anúncio de vacinação contra a Influenza	127
22. Figura 22: Anúncio Preventivo farmácia Cantuaria	128
23. Figura 23: Anúncio Preventivo farmácia Studadt	128
24. Figura 24: Receita de chá na imprensa	130

SUMÁRIO

Agradecimentos	6
Resumo e Abstract.....	8
Siglas	9
Gráficos	9
Quadros.....	10
Figuras	10
 Introdução	 13
Capítulo I – A pandemia de Gripe Espanhola em Manaus: saúde global, fontes e historiografia	19
1.1 A <i>Influenza</i> em Manaus: do local ao global	20
1.2 Uma historiografia desconhecida.....	36
1.3 Repensando as fontes da gripe espanhola.....	44
1.4 As doenças e a reflexão histórica: experiências do presente e do passado...53	
 Capítulo II – “O livro dos Mortos”: o cemitério São João Batista e a mortalidade em Manaus	 66
2.1 O cemitério e a contabilidade dos mortos.....	67
2.2 Quem contou os mortos?	70
2.3 A “autópsia” dos cadáveres: conhecendo os espanholados	83
 Capítulo III – Instituições, personagens e práticas de cura	93
3.1 As instituições de saúde e o combate à pandemia de gripe	94
3.2 Práticas de cura para a espanhola em Manaus	125
 Conclusão	 133
Fontes Documentais	136
Referências Bibliográficas	138
Anexos	146

Introdução

Esta tese é resultado de mais de dez anos pesquisando sobre a gripe espanhola na cidade de Manaus, tema já aportado por mim ainda no mestrado, onde dediquei um subcapítulo ao assunto na minha dissertação, defendida no PPGH-UFAM. Contudo, a minha trajetória no âmbito do estudo da temática da “História da Saúde e da Doença”, começou ainda na graduação, no ano de 2007. Na Iniciação Científica desenvolvi um projeto intitulado “Saúde e doença no rio Solimões nos relatórios dos presidentes de províncias (1852-1889)”, como parte do projeto PIBIC da Universidade Federal do Amazonas UFAM. Com este projeto tive o meu primeiro contato com a pesquisa científica assim como com a temática da “História da Saúde Pública”.

A temática de “História da Saúde e da Doença” passou então a ser objeto das minhas pesquisas. Terminando a graduação, ingressei no mestrado em história do PPGH-UFAM, onde defendi a dissertação “Adoecendo na capital da borracha: Manaus (1877-1920)”. Foi exatamente ao realizar essa pesquisa, no mestrado, que me deparei com a passagem da gripe espanhola pela cidade de Manaus, dedicando ao assunto uma parte do terceiro capítulo. Além disso, também trabalhei o tema numa especialização na Fiocruz Manaus, com a temática da História da Saúde na Amazônia.

O grande desafio da pesquisa foi mesmo o trabalho nos arquivos de Manaus, principalmente os da administração pública. Se, de um lado, os relatórios do governo do estado e da intendência estavam mais acessíveis, outros documentos produzidos por departamentos específicos, como o departamento que administrava a saúde, chamado de Diretoria de Higiene Pública, estavam dispersos nos livros sobre a correspondência da administração pública, que produzia diariamente uma gama de documentos, na prática se traduziam em diversos livros contendo ofícios diários e comunicações entre o departamento e as demais repartições públicas.

Na pesquisa nos arquivos da cidade de Manaus a surpresa foi ter encontrado no arquivo do judiciário uma caixa com diversos atestados de óbitos, os quais viriam a ser essenciais para entender melhor quem foram as vítimas da espanhola em Manaus, mas pela particularidade dessa fonte, era impensável encontrar exatamente no arquivo judicial este tipo específico de documentação. O mesmo poderá ser dito dos livros do cemitério São João Batista, encontrados no arquivo da Secretaria Municipal de Limpeza Urbana (SEMULSP), fontes fundamentais para entender os dados de mortalidade da cidade. Isso

significa que tivemos que fazer diversas prospecções em diversos arquivos, que ainda não tinham sido estudados, nem tão pouco organizados, e cruzar fontes de diversas proveniências e de diversos setores da administração pública. Essa documentação, aliada aos inventários que continham os espólios de pessoas mortas na gripe espanhola ajudou-nos a perceber como os doentes da espanhola em sua maioria pertenciam aos setores mais pobres da cidade.

É importante salientar que os espólios, os atestados de óbito e os livros do cemitério São João Batista são fontes inéditas são exemplos de documentação inéditas para a reflexão histórica sobre a pandemia de gripe espanhola em Manaus, pois a partir dessas fontes históricas podemos saber um pouco do perfil social das pessoas que morreram de Influenza em Manaus.

Mas se por um lado está pesquisa apresenta documentos inéditos para o tema da gripe Espanhola, por outro lado com a leitura e análises das documentações, percebemos que boa parte dos documentos produzidos pelos hospitais permanentes ou de campanha que atuaram no âmbito da assistência aos doentes da pandemia analisada por esta tese, desapareceram. Ainda assim, o universo das fontes disponíveis não é diminuto. As pesquisas efetuadas permitiram recolher documentos que, outros estudos, julgaram inexistentes. A historiografia que se debruçou sobre este tema não teve aparentemente à sua disposição a quantidade de fundos documentais que servem de base a esta tese.

Não obstante, nos deparamos com outro problema que foi necessário contornar. No momento em que estudávamos uma pandemia, fomos assolados por outra. As restrições de mobilidade impostas em todo o mundo pela pandemia de Covid-19, o *lockdown*, obrigou a realização da pesquisa em sites e depositórios virtuais com fontes sobre a espanhola. Para o caso da pandemia em Manaus isso não deu resultados significativos, já que boa parte das fontes documentais ainda não estão disponíveis em repositórios virtuais, mas é importante salientar que a Hemeroteca Digital, depositário de inúmeros periódicos brasileiros nos permitiram consultar diversos jornais manauaras de 1918, facilitando a elaboração do contexto histórico da pandemia em Manaus.

É importante, por isso, salientar o papel crucial dos arquivos que guardam a documentação histórica. Neste ponto, os historiadores do Amazonas devem muito ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), que por coincidência foi criado no governo do Dr. Pedro Alcântara Bacellar, um dos principais personagens desta pesquisa, que foi governador do Amazonas no período da gripe espanhola e participou ativamente no seu enfrentamento. Foi exatamente no IGHHA que boa parte da

documentação sobre a gripe espanhola no Amazonas foi preservada. O Instituto possui a Biblioteca “Ramayana de Chevalier”, que mantém um bom acervo bibliográfico e, principalmente, documentação impressa. Os relatórios dos presidentes da província e dos governadores, relatórios da Intendência municipal, relatórios da Santa Casa de Misericórdia e da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas, além de coleções de leis, entre outros fundos, que compõem o acervo da biblioteca, foram essenciais para este estudo.

Merece destaque, também, a coleção de revistas da “Amazonas Médico”, uma publicação da época fundamental para perceber a atuação e o entendimento dos médicos em relação à gripe espanhola, com destaque para os artigos específicos sobre a pandemia de 1918. Os artigos e os posicionamentos dos médicos em atuação na cidade de Manaus, durante a pandemia, são um aspecto importante na compreensão das respostas ao seu combate. Esta revista é uma das poucas publicações do gênero direcionadas para a classe médica do Amazonas. O maior destaque do IGHA é o seu acervo de jornais, com inúmeros títulos que circularam na província até ao final do século XX. Apesar de existirem lacunas e descontinuidades entre os anos e os jornais, este é o acervo mais completo do Estado do Amazonas.

Esse também é um ponto importante, porque alterou, de modo significativo, a versão final desta pesquisa, isto é, a experiência de passar por uma pandemia, no nosso caso a de Covid-19, que foi decretada no início da pesquisa (2020). As semelhanças e diferenças entre as duas pandemias, distanciadas por mais de cem anos, é uma questão que ainda não suscitou muita reflexão por parte dos historiadores, sobretudo no tocante a Manaus, embora a saúde global seja uma matéria importantíssima para a compreensão do passado e do presente.

Os sepultamentos em valas coletivas que aconteceram em Manaus tanto em 1918 quanto em 2020, é um ponto sobre o qual precisamos refletir, mas para isso é necessário ter um conhecimento aprofundado sobre o passado. O que podemos aprender com os enfrentamentos de epidemias do passado? O que podemos aprender com experiências globais do combate as doenças? A nossa pesquisa incide sobre o passado, mas também será útil para pensar o presente, mostrando a utilidade da história como ciência que apesar de estudar os homens no tempo poderá proporcionar um conhecimento mais profundo sobre os caminhos que sistemas de saúde devem trilhar na preparação e na resposta aos eventos epidêmicos. Pela dimensão global deste objeto de pesquisa, entendemos que a

metodologia mais apropriada para o estudar seria a história global, pois ela permite captar processos de integração estruturada a essa escala.

Pensar uma pandemia em escala global exige dos pesquisadores certos cuidados ao estabelecer suas análises, muito em decorrência de uma concepção universalista do fenômeno pandêmico, pois isso significa muitas vezes entender que não basta simplesmente compreender a etiologia da doença. Por mais que o vírus seja o mesmo em todo o mundo, seus contextos sociais de transmissão, diferem completamente um do outro. Mesmo sendo um fenômeno sanitário de crise global que aconteceu de forma intensa nos anos de 1918 e 1919.

Analisar a crise pandêmica de 1918 em comparação com as experiências históricas de diversas cidades ao redor do mundo é um exercício importante para perceber, em chave de história global processos de integração estruturada, isto é, as dinâmicas de relação e contato do fenômeno entre Manaus e outros territórios do globo, exercício ainda não levado a cabo pela historiografia. O cenário recente de pandemia de Covid-19, mostrou como é fundamental a troca de informações entre diversos os sistemas de saúde para o combate de um vírus global, tendo esses contatos sido intermediados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no caso da pandemia de Covid-19.

A perspectiva de uma história global pode clarear caminhos metodológicos para experiências históricas do passado, e contribuir para a compreensão de eventos de pandemias do passado e do presente. Além disso, sabemos também que desde o século XIX exista uma intensa troca de conhecimentos científicos, exemplificados principalmente pelas permutas de revistas científicas¹. Que papel terão tido esses contatos e essa circulação de ideias no combate à Influenza? Além da imprensa que teve um papel importante na difusão das informações sobre a gripe, por vezes de modo alarmista e exagerado, por outro divulgado informações importantes sobre a prevenção do vírus, foram estampadas diariamente nos jornais.

Antes de a *Influenza* chegar ao Brasil em 1918, a pandemia já tinha deixado seu rastro de morte em todo o globo terrestre, e já tinha mobilizado as estruturas de saúde de todo o mundo, que não conseguiram conter o avanço da gripe. Isso colocou o mundo diante de uma doença que não obedeceu às fronteiras geográficas, tampouco ficou restrita a uma região ou continente. A historiografia mundial sobre a gripe espanhola é unanime

¹ Sobre esta questão ver, SILVA, James Roberto, *Doença, fotografia e representação. Revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925*. São Paulo: Edusp, 2009.

em afirmar o alcance global da Influenza (TONIOLO NETO, 2001; KOLATA, 2002; BARRY, 2020).

É possível perceber na crise de saúde Global que ocorreu entre 1918 e 1919, a existência de um certo padrão nas respostas dadas pelos governos e profissionais da saúde. Isso foi muito importante e talvez tenha sido possível porque já existia desde o século XIX, como anteriormente dito, uma rede internacional de informações, entre médicos e instituições de saúde. Além disso, um padrão de profilaxia ocidental deu respostas idênticas às tentativas de prevenção e tratamento da gripe, que se viu muitas vezes sem respostas adequadas a tão grave problema de saúde global:

“Ninguém sabe dizer exatamente de onde veio, mas os vírus influenza não se originaram em seres humanos. Uma hipótese bem-aceita diz que ocorreu uma mutação a partir de alguma gripe de aves aquáticas e migratórias e esse vírus começou a nos atormentar há pelo menos 2 mil anos” (Schwarcz & Starling, 2020, p.27).

De fato, sabemos que em 2020 com a pandemia de Covid-19, esforços globais partindo principalmente da Organização Mundial da Saúde (OMS) tentaram minimamente padronizar as ações de combate ao vírus do Sars-Cov-2, principalmente depois da consolidação da própria OMS como bem exemplifica Stevem Palmer (2015) sobre a criação da organização.

Em 1918 não só a articulação entre sistemas e a padronização de medidas de combate era mais difícil do que na atualidade, pela disparidade de meios entre as duas temporalidades, como também pelo fato de o mundo, do ponto de vista geopolítico e diplomático, ser profundamente diferente, sobretudo pensando no rescaldo daquela que foi a primeira grande guerra mundial. Esse conflito não apenas trouxe cisões entre países como destruiu as economias de muitos deles, tornando ainda mais difícil a resposta a uma crise sanitária. A juntar a toda esta conjuntura, havia o desafio da novidade, isto é, o mundo enfrentava a sua primeira crise sanitária do século XX.

Face a este panorama, foi necessário capitalizar os meios existentes, nomeadamente a existência de redes de intercâmbio de revistas científicas, que foi muito útil e importante, tendo coexistido com outros tipos de rede de debate e troca de conhecimentos científicos, aliados à imprensa que repercutia diariamente notícias sobre a pandemia de gripe no Brasil e no mundo, haja vista que a doença chegou primeiro em estados do sudeste e nordeste, antes da Amazônia. Antes do vírus chegar em Manaus, os jornais já noticiavam seu rastro de morte em outras capitais. Esse fato não significou que

a capital amazonense fosse poupada dos efeitos nefastos da pandemia de gripe espanhola, tampouco que a doença vitimou a população da cidade de Manaus, que apresentou elevado número de mortalidade.

Diante dessas considerações iniciais e questões acerca da pandemia de Gripe Espanhola organizamos esta pesquisa em três capítulos que a seguir expomos. No capítulo I, “A pandemia de gripe espanhola em Manaus: saúde global, fontes e historiografia” procuramos mostrar como é que as perspectivas da história global nos ajudam a entender se o Estado adotou respostas semelhantes ou diferentes para a crise sanitária que ocorreu durante o evento pandêmico da gripe espanhola de 1918, daquelas que foram adotadas noutras latitudes. Refletimos também sobre se a crise da economia da borracha e a consequente crise econômica influenciou ou impactou a organização da cidade no combate a pandemia. Através de fontes originais, ainda não utilizadas na historiografia, procuramos entender melhor as diversas faces da pandemia, que vitimou principalmente a população pobre dos subúrbios de Manaus.

No capítulo II, “O livro dos Mortos”: o cemitério São João Batista e a mortalidade em Manaus”, procuramos entender como se deu a dinâmica da contabilização dos mortos. Os livros de inumados, dados do cemitério e atestados de óbito, são fontes valiosas para o estudo do nosso objeto de pesquisa que nunca tinham sido utilizadas nos estudos sobre o tema. Através destas fontes buscamos conhecer melhor os vitimados da gripe, focando aspectos do seu perfil, como a nacionalidade, o sexo e, para os casos em que é possível obter essas informações, a sua condição social.

No capítulo III, “Instituições, personagens e práticas de cura”, refletimos sobre as políticas desenhadas e os caminhos percorridos no estado do Amazonas para combater a gripe espanhola na capital, Manaus. Procuramos prestar atenção não apenas aos hospitais permanentes, mas também aos de campanha, designados de Postos de Atendimento, que tinham caráter provisório e emergencial. Buscamos ainda detectar e diferenciar as diversas práticas de cura em disputas na cidade, inserindo a atuação de alguns médicos, no auge da crise pandêmica, no contexto político da época, sobretudo no efeito que poderão ter tido os atos eleitorais em curso.

Capítulo I

A pandemia de Gripe Espanhola em Manaus: saúde global, fontes e historiografia

1.1 A *Influenza* em Manaus: do local ao global

No mês de novembro de 1918, na capital amazonense a imprensa estava agitada com as notícias sobre a urgência da retirada de cães raivosos da cidade, fato que ganhava um interesse substancial nos jornais, principalmente pelo medo de contrair a “raiva”, zoonose transmitida pelos cachorros, além das notícias sobre a crise econômica que pairava sobre a cidade, fato que se transformou no principal argumento para contenção de obras e investimentos na capital, e notícias sobre a política local.

Basta dizer que um ano antes, em 1917, a posse do governador Alcântara Bacellar, foi realizada num clima de disputas políticas e muita violência, pois um dia antes da posse a casa do vice-governador eleito o coronel Antônio Guerreiro Antony foi atacada por soldados do batalhão da polícia militar do Amazonas. Do confronto que seu com tiros de armas de fogo, deixou um saldo de diversos mortos e feridos, mas a força policial federal assegurou a posse do governador e seu vice².

Importa sublinhar que apesar destes cenários, de I Guerra Mundial, hidrofobia, disputas políticas e crise econômica, as notícias da *Influenza*, já circulavam nos jornais locais, embora apenas ganhariam destaque no final de outubro, com os primeiros contaminados e as primeiras mortes a serem confirmadas. Até então, muitas vezes a doença era noticiada como uma gripe simples sem necessidade de maiores cuidados, diagnóstico errado que evidencia a imprecisão e a falta de consciência das eventuais repercussões.

Até mesmo alguns médicos se posicionaram nos jornais, mas sempre alegando que não havia necessidade de pânico, pois as notícias que já corriam em todo o país sobre a gripe espanhola era um exagero dos veículos de notícias. O jornal “O Imparcial” que circulava na capital tem um relato de como os repórteres entrevistaram os médicos Jorge de Moraes e Adriano Jorge, reportagem publicada no dia 22 de outubro de 1918. Segundo o jornal, o doutor Jorge de Moraes concedeu a entrevista dentro um bonde após ser surpreendido pelo repórter, e ao ser questionado sobre a *Influenza* Espanhola, que já era notícia na imprensa do resto do país e do mundo, o médico respondeu, “*Penso que se trata de um caso de gripe comum, não havendo mesmo motivo para grandes sustos*”,

² O professor Agnello Bittencourt ao realizar uma biografia sobre o médico Alcântara Barcellar relata que a posse se deu num ambiente conturbado e uma intensa briga política o que resultou em várias mortes de várias pessoas num tiroteio intenso. Ver BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 42-44.

acrescentando que as notícias sobre a gripe eram exageradas: “*penso que há muito exagero em todas as notícias que por ali andam*” (IMPARCIAL, 1918, p.1).

Na mesma matéria o jornal entrevistou o médico Jorge de Moraes, mas a entrevista foi concedida no seu consultório, na farmácia Verne, localizado na avenida Joaquim Nabuco, no centro de Manaus. Assim como aconteceu com o médico Jorge de Moraes, também este subestimou a gravidade da pandemia, afirmando que “*a Influenza Espanhola não me atemoriza. Há certamente, exagero em todas as notícias*” (IMPARCIAL, 1918, p.1), além de elogiar o estado sanitário da capital amazonense.

Até esse momento muitos médicos que falavam sobre a gripe espanhola na imprensa local tranquilizavam a população e todos classificaram a doença como inofensiva à saúde, sem motivos de preocupação. Sabiam já que não era assim, e então, mentiam propositalmente, ou ignoravam as reais proporções do que aí viria? Apenas não queriam alarmar as populações, ou realmente subestimavam quão devastadora poderia ser a doença?

Até esse momento as notícias da I Guerra Mundial tinham muito mais destaque nos jornais. O confronto bélico travado principalmente no continente europeu também figurava com um dos motivos para o momento de instabilidade econômica, assim como a crise iniciada em 1913, com a queda de preços da matéria-prima para a fabricação da borracha, o látex. Desde o ano de 1914, com o palco no continente europeu, mas repercussões em todo o mundo, estava em curso a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), uma guerra moderna e muito devastadora, dado o número de novas tecnologias bélicas empregadas no confronto e a grande mobilização de combatentes. Como mostrou o historiador britânico Norman Stone, o ano de 1914 viu nascer um novo tipo de guerra e um novo tipo de mundo (STONE, 2011). A corrida às riquezas imperiais levou fatalmente a um banho de sangue industrializado, com um rescaldo muito mais duro de ultrapassar pela conjuntura pandêmica que, entretanto, surgiria. Pela proximidade com a guerra o combate à pandemia recebeu muitas influências do conflito. A própria guerra influenciaria os termos usados para designar a gripe espanhola. A linguagem belicista está presente nas manchetes que na época foram publicadas sobre a *Influenza*, “combate contra o vírus”, “mobilizar recursos”, “Hospital de Campanha” são exemplos de como a linguagem e a atitude de resposta estavam ainda muito relacionadas com a existência da I Guerra Mundial, que marcou a vivência e a existências das pessoas daquela época, além de que o próprio conflito bélico estava relacionado, do ponto de vista prático, à escala em que foi disseminado o vírus (BRUM, 2021).

A conjuntura então vivida por Manaus também não era propícia a uma resposta rápida e eficaz contra a crise sanitária. A cidade vivenciava um misto de crise econômica, aumento da pobreza e incertezas econômicas, além da preocupação com aumento de cães com raiva na cidade. A verdade é que esse cenário iria mudar repentinamente com o aparecimento dos primeiros casos de gripe espanhola entre os manauaras, no final de outubro de 1918. Além de possuir um altíssimo grau de letalidade, doença também desafiou os saberes da medicina alopata, que se viu sem nenhuma profilaxia capaz de conter o seu avanço (BERTUCCI, 2004).

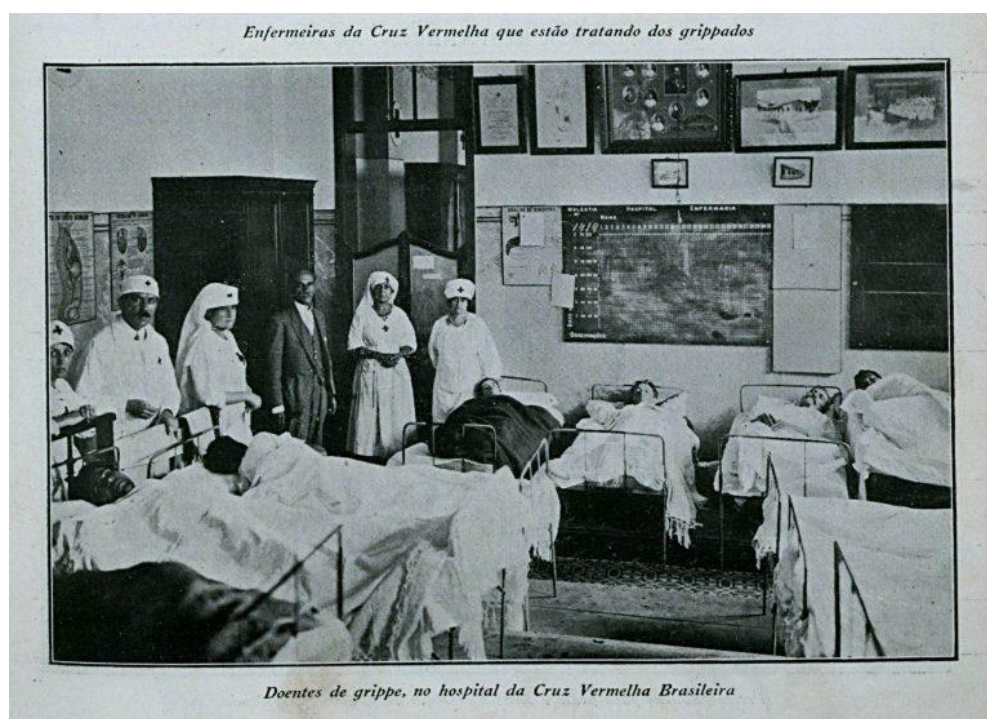


Figura 1: Pacientes em um hospital improvisado no bairro do Meyer, durante a pandemia da Gripe Espanhola. Careta, 23 de novembro de 1918, n.º 544.
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital.

A despreocupação daria lugar então a uma corrida desesperada para montar hospitais e enfermarias³ para dar conta da alta demanda de doentes que se multiplicavam por toda a cidade, apesar de fracos cuidados no combate à transmissão, típicos do estado de desenvolvimento científico-médico da época, como se percebe pela figura 1, onde se

³ Podemos entender que os hospitais e enfermarias criadas na cidade se equipararam a hospitais de campanha comuns em contextos de pandemias e epidemias. No caso de Manaus escolas, farmácias e até barcos foram utilizados para receber os doentes da gripe espanhola.

vê a proximidade entre pacientes e profissionais de saúde, sem cuidados no campo respiratório.

A estratégia de montar enfermarias e postos de atendimento na cidade era uma prática comum desde o século XIX, inclusive alguns dos locais utilizados para montar enfermarias para tratar dos espanholados foram em épocas passadas utilizados para o tratamento de outras epidemias. Aliás, as doenças sempre estiveram relacionadas com a história da cidade, isto desde o século XIX com as diversas epidemias de varíola, cólera, e a malária que sempre foi uma epidemia que assolou a cidade. Basta dizer que no ano de 1900 a malária vitimou aí 1.495⁴ pessoas e continuou com altas taxas de mortalidade durante as duas primeiras décadas do século XX, além da febre amarela, que foi epidêmica até 1911 (SCHWEICKARDT, 2011; SILVA, 2012).

Tendo refletido sobre a situação manauara, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling apontam também que o discurso modernizador que trouxe luz elétrica, bondes, praças e toda uma estrutura do estado para gerir a cidade foi acompanhado de severos controles relativos à “vigilância sanitária, impondo às populações de baixa renda uma série de novas medidas” (SCHWARCZ & STARLING, 2020, p.268). Os anos de prosperidade econômica deram condições para as cidades amazônicas, sobretudo Belém e Manaus, poderem realizar medidas de modernização na sua estrutura de saúde pública.

Como dito anteriormente, não foi somente a energia elétrica e as novidades de produtos industriais que chegaram na cidade, a questão do saneamento foi uma preocupação constante, principalmente no final do século XIX e início do século XX, iniciada pelo então governador Eduardo Ribeiro⁵.

Para a historiadora Edinea Mascarenhas Dias (2007), que refletiu sobre as grandes transformações urbanas na cidade podemos entender que as intervenções na saúde pública foram no mínimo, dado as devidas proporções, transformadoras da paisagem urbana. No discurso dos gestores da cidade, o aterramento de igarapés, construção de uma rede esgotos e diversas medidas que visavam a melhoria da “Salubridade Pública” junto com as outras construções na cidade, eram mudanças basilares para livrar a cidade das doenças. Exatamente neste contexto, Edinea Dias (2007)

⁴ O número de mortos pela malária foi retirado dos dados fornecidos por Alfredo da Matta no relatório “Geografia e Topografia Médica de Manaós” (MATTA, 1916, ANEXO 12).

⁵ As obras do governador Eduardo Ribeiro na cidade de Manaus foram emblemáticas no sentido de modernização urbana sendo objeto de pesquisas de vários trabalhos. Ver MESQUITA, Otoni. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus, EDUA, 2009.

e Deusa Costa (2014) refletiram sobre o endurecimento de medidas que visavam a salubridade urbana, patente principalmente pelos códigos de posturas⁶.

Muitas das novidades tecnológicas implementadas no mundo ocidental estavam presentes nos sertões amazônicos⁷ (Manaus e Belém), representando o que era de mais moderno no enfrentamento das doenças e do saneamento da cidade, principalmente porque Manaus ostentava altos índices de mortalidade por doenças tropicais (Febre Amarela e Malária). Uma dessas tecnologias era o aparelho Clayton⁸, usado para desinfetar bagagens. Estava sendo usado no porto de Manaus desde 1904. Diminuía consideravelmente o tempo de inspeção no porto, agilizando o comércio e evitando as quarentenas (SILVA, 2012). Contava com a polícia sanitária e das brigadas de mosquitos, sendo usado principalmente contra os mosquitos transmissores da febre amarela.

A cidade também tinha uma estrutura mínima de saúde para atender a população, muito ligada ao fato que nela funcionavam várias instituições de saúde, situação que não pode ser desligada da prosperidade econômica que possibilitou o financiamento de várias Comissões de Saneamento, que ao longo do final do século XIX e início do século XX combateram diversas doenças e epidemias na cidade. Mas mesmo com todo esse aparato estatal os índices de mortalidade eram altíssimos, conforme observamos na tabela abaixo, que tem o resumo das principais doenças que afligiram a população da capital amazonense.

⁶ O código de posturas do município é o conjunto de leis e regulamentos imposto aos cidadãos normas urbanas que, se não fossem seguidas, eram passivas de gerar multas aos infratores. Ver SAMPAIO, Patrícia Melo (Org). *Posturas Municipais, Amazonas (1838-1967)*. Manaus: EDUA, 2016.

⁷ O termo “sertões” foi inspirado no livro da professora Nísia Trindade onde se tem a noção que regiões afastadas dos grandes centros políticos do Brasil eram denominadas “sertões”: LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2.^a ed., 2013.

⁸ Usando principalmente nos portos das cidades brasileiras, o aparelho Clayton usava o gás sulfuroso seco, produzido sob pressão. As condições em que foi empregado (grau de concentração de 8 %) foi perfeitamente eficaz na desinfecção dos navios para tornar inofensivos objetos poluídos pelos micróbios da febre tifoide, da cólera e da peste. Além disso, o processo permitia destruir todos os ratos e insetos, como pulgas, percevejos, baratas etc. (REBELO, 2010, p.174).

MORTALIDADE NA CIDADE DE MANAUS (1895-1920)																											
	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	TOTAL
Febre Amarela	23	17	22	31	139	142	15	2	85	56	157	117	170	117	61	206	278	172	111	0	0	0	0	0	0	0	1.921
Varíola	0	3	232	0	16	18	17	0	0	15	33	0	38	6	1	33	10	0	36	0	0	0	0	0	0	0	458
Sarampo	0	6	7	0	102	4	4	0	0	0	57	2	1	1	0	16	3	1	1	0	0	67	1	0	0	13	286
Coqueluche	1	8	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	4	0	0	0	2	1	6	3	1	0	10	3	3	8	53
Difteria	3	0	4	0	2	0	0	0	0	0	2	1	1	1	2	1	0	0	1	2	1	0	4	1	0	0	26
GRIFE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	6	5	6	11	21	5	6	7	6	3	7	1	798	83	26	999
Febre Tifoide	4	1	4	0	5	0	0	0	6	6	9	7	4	16	12	10	5	10	2	2	1	1	0	1	0	0	106
Disenterias	28	17	24	22	68	13	38	35	23	60	112	56	33	32	78	48	47	31	17	7	4	33	17	13	17	0	873
Lepra	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	2	1	5	4	1	3	8	8	8	12	15	7	10	89
Malária	290	168	512	1.074	710	1.495	614	776	766	914	558	400	330	476	477	593	708	563	416	379	299	462	227	397	389	446	14.439
Tuberculose	86	95	69	67	68	44	62	67	70	95	115	87	108	113	109	102	151	152	124	130	147	138	144	169	173	171	2.856
Sífilis	4	6	2	0	2	4	2	4	8	1	10	3	5	12	5	3	5	3	4	10	5	5	4	7	6	14	134
TOTAL	440	321	876	1194	1112	1720	752	884	961	1147	1062	681	700	782	757	1038	1218	940	728	547	469	721	420	1404	678	688	

Quadro 1. Mortalidade na cidade de Manaus no período compreendido entre 1895 e 1920. Tabela construída com base em dois relatórios: Relatório intitulado “Geografia a Topografia Médica de Manaus”, do Dr. Alfredo da Matta, de onde se retiraram dados de 1895 até 1914 (MATTa, 1916, anexo 12), e Relatório Departamento Nacional de Saúde, do Dr. Achilles Scorzelli Junior, de onde se retiraram os dados de 1915 até 1920 (SCORZELLI, 1939, p.16).

Fica evidente, nesta tabela, que até ao ano de 1918 a gripe não era, comparativamente às outras moléstias, fator que pudesse despertar alguma preocupação na população e nos médicos de Manaus. Quando surgiu, em níveis que podiam (como vieram a ser) ser preocupantes, a imprensa desvalorizou e deu mesmo maior destaque às eleições estaduais, haja vista que muitos médicos disputavam cargos políticos, por isso “a classe médica de Manaus continuava garantindo em entrevistas (vinculados na imprensa) que aquela gripe não era a mesma que estava devastando a Europa. Por fim “os fatos falaram mais alto” (Schwarcz & Starling, 2020, p.273).

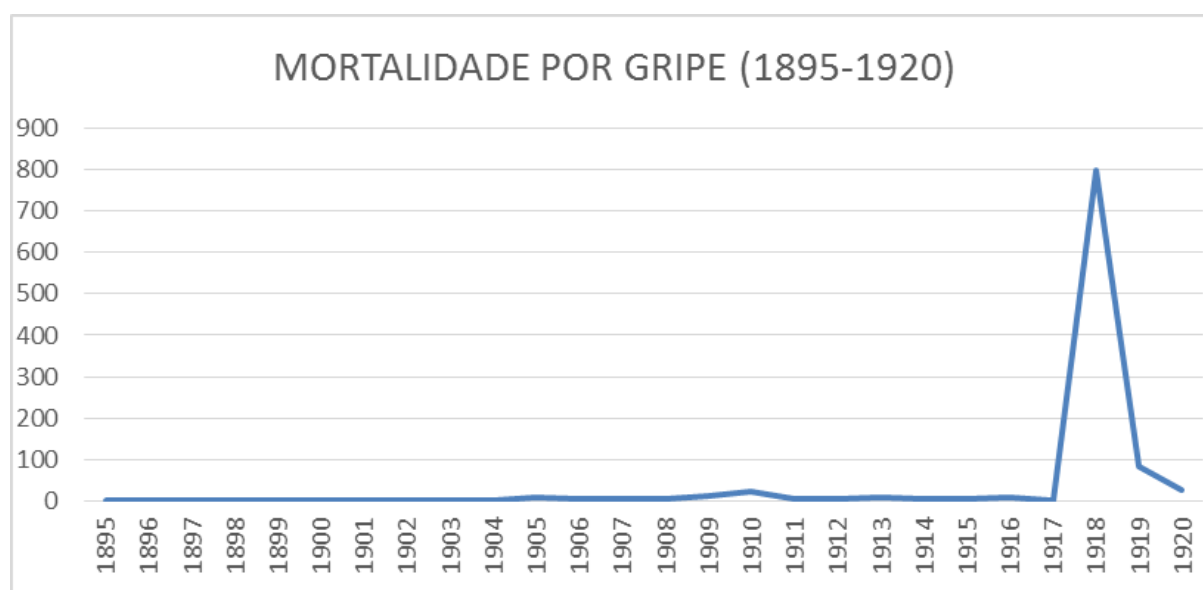


Gráfico 1. Mortalidade por gripe em Manaus (1895-1920).

A história da gripe espanhola em Manaus está marcada pelo aparecimento simultâneo de duas doenças na cidade, a hidrofobia e a *Influenza*. Ambas as doenças aparecem silenciosamente na cidade em outubro de 1918. Desde o ano 1917 que a cidade de Belém enfrentava uma epidemia de cães com hidrofobia, o que levou as autoridades sanitárias a impedir qualquer desembarque de cachorros no porto de Manaus provenientes da capital paraense, ação liderada pelo inspetor do Porto Figueiredo Rodrigues⁹. Esse tipo de medida era um padrão de contenção comum desde o século XIX. Não é de surpreender, portanto, que no início da crise da gripe espanhola o porto da cidade tenha sido o principal alvo das medidas profiláticas. Já com as notícias vindas da cidade de Belém, em cuja capital reinava uma epidemia de hidrofobia, logo os primeiros casos de cães infectados com o morbus da raiva

⁹ Notícia publicada na Revista Cá e Lá, n.º 10, maio de 1917.

chegaram na diretoria de higiene pública. Foram então identificadas todas as aglomerações de cães com os sintomas da raiva, agressivos e babando pela boca, sinais característicos de contaminação. Essa ação culminou na captura e incineração de cães e gatos “vagabundos” na cidade,

“E foi assim que a superintendência resolveu desde então executar a profilaxia específica do *morbus*, intensificando a destruição que habitualmente se pratica, dos cães vagabundos, e estendendo essa medida aos gatos, cuja eficiência na veiculação do pavoroso germe patogênico, está suficientemente conhecido – destruição essa que se opera pela caça aos animais vivos, coleta dos que absorveram os tóxicos adrede propinados, e sua incineração no forno crematório” (Freitas, 1919, p.6).

Os relatórios da Intendência Municipal de Manaus indicam que os animais foram incinerados no forno crematório de lixo (visível na figura 2), que funcionava desde o ano de 1901, dentro do projeto da cidade de mantê-la higienicamente saneada para evitar a proliferação de ratos, animal associado a peste bubônica que aparece na cidade mesmo com poucos casos naquele início de século.

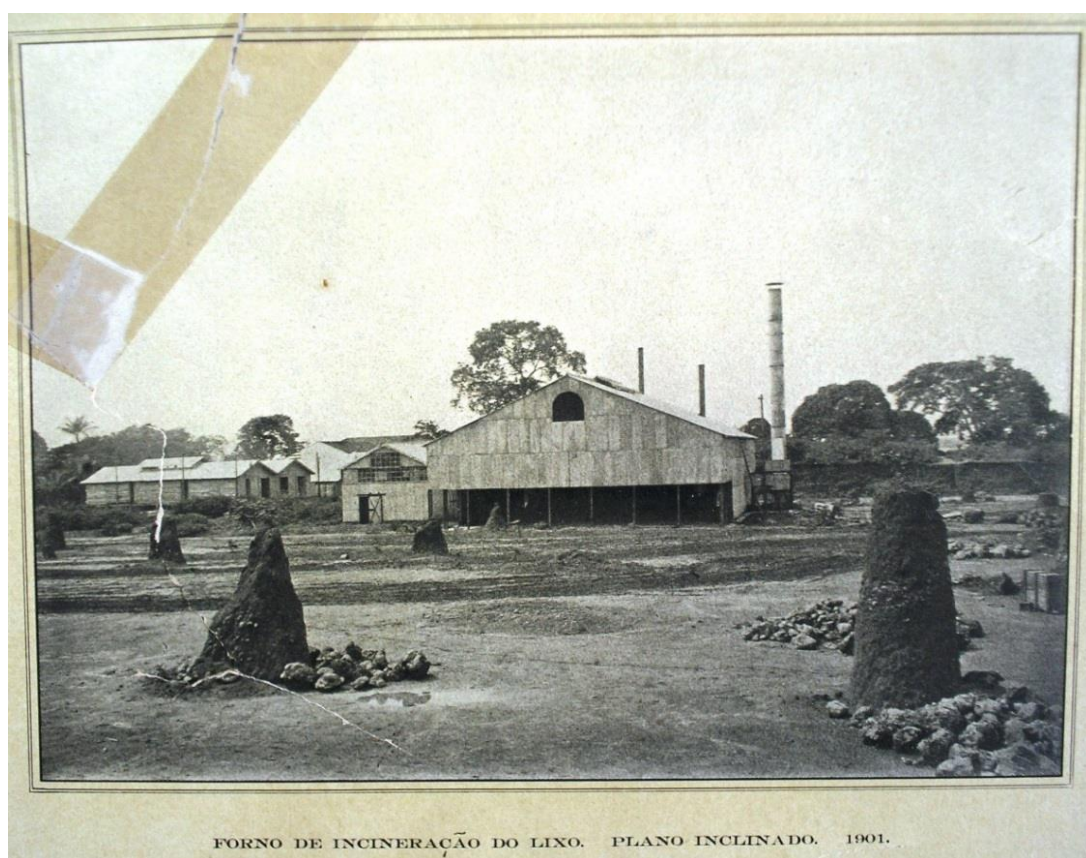


Figura 2. Forno de Incineração de lixo urbano da cidade de Manaus, 1901.
Fonte: Relatório da Intendência Municipal de Manaus 1901, IGHA.

No mesmo mês de outubro de 1918 também chegava a o vírus da *Influenza* à capital amazonense. Isso significa que além do cenário de gripe espanhola, concomitantemente a cidade enfrentou as duas epidemias, agravando a disponibilidade de recursos e esforços para enfrentar as duas doenças, porque exigia disponibilidade de profissionais para execução das diversas atividades relacionadas ao combate das doenças, que não se limitavam aos profissionais da saúde, mas toda uma estrutura do estado. No combate à raiva por exemplo, foram mobilizados diversos grupos de trabalho responsáveis na captura, morte e incineração dos cães. Alfredo da Matta, então chefe da seção de Higiene municipal¹⁰, ao escrever um artigo na revista *Amazonas Médico* sobre a epizootia e a gripe na cidade, abordou as dificuldades em compreender as doenças que apareceram simultaneamente na capital,

“Em princípio do mês de outubro de 1918, foi despertada a atenção dos poderes públicos municipais com os informes de certas doenças em diversos cães. Observação cuidadosa procedida sem estrepito, comprovou uma epizootia na população canina de Manaus, muito semelhante a raiva por sua sintomatologia e evolução. No entanto, casos de gripe de muita gravidade constavam ter ocorrido nesses animais, ao passo que outros diziam existir naquela epizootia certas analogias clinicas com certas doenças, em particular o tétano” (Matta, 1919, p.05).

O início de outubro de 1918 ficou marcado pelos agentes da prefeitura capturando os animais pela cidade com cobertura pela imprensa. A gripe oficialmente começou no final do mês de outubro de 1918 e foi até março de 1919, tendo o seu pico de casos no mês de novembro de 1918. O surto de hidrofobia aconteceu entre outubro de 1918 e janeiro de 1919. A captura e morte de cães e gatos “*danados*” deixou um saldo de 1.342 animais mortos e incinerados na cidade, conforme dados do Médico Alfredo da Matta, sistematizados no quadro 2 (Matta, 1919, p.7). O que impressiona é sobretudo a evolução de casos, de 100 em 1918 para 1.242 no ano seguinte, o que demonstra claramente uma situação de aumento súbito da doença, bem típico de um surto epidêmico.

¹⁰ O cargo de chefe da seção de higiene municipal equivale atualmente ao cargo de secretário municipal de saúde pública.

ANIMAIS INCINERADOS EM MANAUS (1918-1919)					
ANO	MÊS	CÃES	GATOS	PORCOS	TOTAL
1918	DEZ	100	0	0	100
1919	JAN	1.071	145	26	1.242
					1.342

Quadro 2. Animais incinerados em Manaus no período compreendido entre 1918 e 1919.

Fonte: Da Matta, Alfredo. Revista *Amazonas Médico*, Ano II, V.II, N.º 5, 1919.

A gripe espanhola aparece em meio à caça de cães e gatos na cidade, que diariamente noticiava muitos relatos de perseguição aos animais por parte da população da cidade, aterrorizada pelos cães “danados” que atacavam as pessoas. Isso mesmo dizia o *Jornal do Comércio*, que entre outras notícias do gênero, informava sobre a perseguição lançada por Antônio Coelho a um cachorro, após ter ouvido os gritos do major Alípio Castelo-Branco, que havia sido atacado por um desses animais na sua residência. Coelho terá alcançado o animal na rua Izabel, no centro citadino, e “armado de cacete, matou o animal” (JORNAL DO COMERCIO, 1919, ANO XVI N.5273). O jornal não clarifica o que foi feito com o corpo do animal morto, se foi abandonado na rua ou se foi incinerado.

Já no dia 11 de janeiro de 1919 o menor José, filho de maria da Silva Brandão foi atacado e mordido em diversas partes do seu corpo por um cão hidrófobo. O ataque canino foi explorado pelo jornal do Comércio, com relato do fato na sua primeira página, dizendo que a criança, “foi a dias atingida, em diversas partes do corpo, pelas presas venenosas de um cão hidrófobo, achando-se, por isso, em delicado estado de saúde” (JORNAL DO COMÉRCIO, 1919, p.1). O jornal também citou que o menor, José, teve que viajar para Belém a fim de prosseguir com o tratamento no Instituto Pasteur em Belém, da capital paraense.

Foi nesse cenário de crise econômica, pobreza, miséria e inquietação política que chegou, na cidade, a maior pandemia de todo século XX no mundo, a *Influenza Espanhola*. Esta foi a pandemia que mais assolou a humanidade no século XX e que mais vitimou os infectados, alcançando todos os continentes. Daí ter ficado conhecida principalmente por sua letalidade e velocidade na contaminação,

“A influenza espanhola fez a sua aparição nefasta no segundo semestre de 1918, durante os últimos meses da I Grande Guerra Mundial. À medida que o conflito caminhava para seu fim, o mundo se viu às voltas com a nova

ameaça. Em menos de um mês, a epidemia promoveu uma verdadeira calamidade. A forma abrupta e fulminante como a doença atacava suas vítimas justificava a dúvida de que fosse a tão familiar influenza” (Silveira, 2008, p.30).

A historiografia mundial não é unânime quanto ao local de origem da gripe, existindo divergências entre os autores, mas uma relativa parte da historiografia produzida no mundo ocidental indica os Estados Unidos como o local de origem do vírus, como descrito pelo historiador Abreu Junior na sua pesquisa de doutorado sobre a espanhola na cidade de Belém,

“Jovens soldados da Força Expedicionária Americana, que haviam adquirido a doença em seus campos de treinamento e posteriormente foram enviados à França para lutar na Primeira Guerra Mundial, foram considerados os responsáveis por espalhar a moléstia na Europa” (Abreu Junior, 2018, p.48-49).

Foi a Espanha a primeira nação a divulgar os números de mortos pela *Influenza*, por estar naquele momento fora do conflito bélico, a Primeira Guerra Mundial (Abreu Junior, 2018). Isso fez com que, no início da pandemia, em 1918, houvesse a percepção errada de que o local de origem era a Espanha. A gripe ficou então mundialmente conhecida como “*Influenza*” ou “*Hespanhola*”. No Brasil, por diversas vezes aparece na documentação como “Dançarina”. Nos periódicos brasileiros a doença que até então se imaginava que tinha origem na Espanha, era representada por uma dançarina espanhola, mas com a sua face de caveira que significava a morte.

No final do mês de outubro de 1918 a imprensa manauara noticiava com manchetes diárias a “terrível epidemia”. Em geral falava da repercussão da gripe em outras cidades brasileiras, principalmente em Belém, mostrando o medo de que a epidemia chegasse de barco vinda da capital paraense, fato que segundo os jornais realmente aconteceu,

“Com a chegada da influenza, a imprensa local tratou de noticiar e supostamente espalhar o terror entre a população manauara, no mês de outubro de 1918 notícias sobre a “terrível epidemia” já ocupava as páginas dos jornais locais. As notícias que em geral falavam sobre a repercussão da gripe nos outros estados brasileiros e na capital federal, alertavam a população sobre a temida doença que já flagelava o sul e o sudeste do país” (Santos, 2015, p. 162).

No início de novembro a gripe implodiu na cidade com o aumento diário de casos da *espanhola*, levando em menos de um mês ao colapso do sistema de saúde, que não deu conta dado o surpreendente número de doentes e mortos. Logo foram criadas medidas emergenciais

para conter o rápido avanço da pandemia. As escolas foram transformadas em enfermarias, farmácias e barcos em hospitais de campanha e todo aparato da saúde de Manaus se voltou para atendimento da população, mesmo que na prática hospitais, enfermarias e postos de atendimentos não fossem suficientes para conter o crescente número de mortos. O principal cemitério da cidade, o São João Batista de Manaus não dava conta da grande quantidade de sepultamentos de gripe espanhola, entrando em colapso com corpos insepultos por vários dias sem que os funcionários dessem conta de enterrá-los,

“Os funcionários do cemitério não mais davam conta de enterrar os mortos vitimados pela espanhola, passaram a receber ajuda dos praças da polícia do estado, que ajudavam nas inumações, mesmo assim, diante do grande número de mortos, foi necessário abrir “grandes valas para acudir as inumações” e estas receberam grandes quantidades de mortos” (Santos, 2015, p. 170).

As ruas estavam vazias e a maioria dos estabelecimentos permaneceram fechados durante muitos dias do mês de novembro de 1918, que até o ouvir o barulho dos caminhões em direção ao cemitério causava terror na população. Houve um “*isolamento social*”, sem que o poder público conduzisse tal medida diretamente, pois escolas e instituições públicas fecharam por decreto, mas o comércio parou muito mais pela quantidade de mortos e doentes, o que impossibilitou seu funcionamento (Santos, 2015).

Os dados oficiais compilados por Alfredo Augusto da Matta sobre o número de mortos pela gripe espanhola na cidade de Manaus apontam para 858 óbitos só na capital. O seu ápice ocorreu em novembro de 1918, quando morreram 661 pessoas. Depois, o número de vítimas diminuiu substancialmente em dezembro de 1918, tendo números reduzidos no primeiro trimestre de 1919. Em relação ao número de pessoas contaminadas com o vírus, o próprio Alfredo da Matta estimou um número total de 9.000 pessoas. Abaixo apresentamos tabela completa com os números de mortos entre os meses de outubro de 1918 e março de 1919.

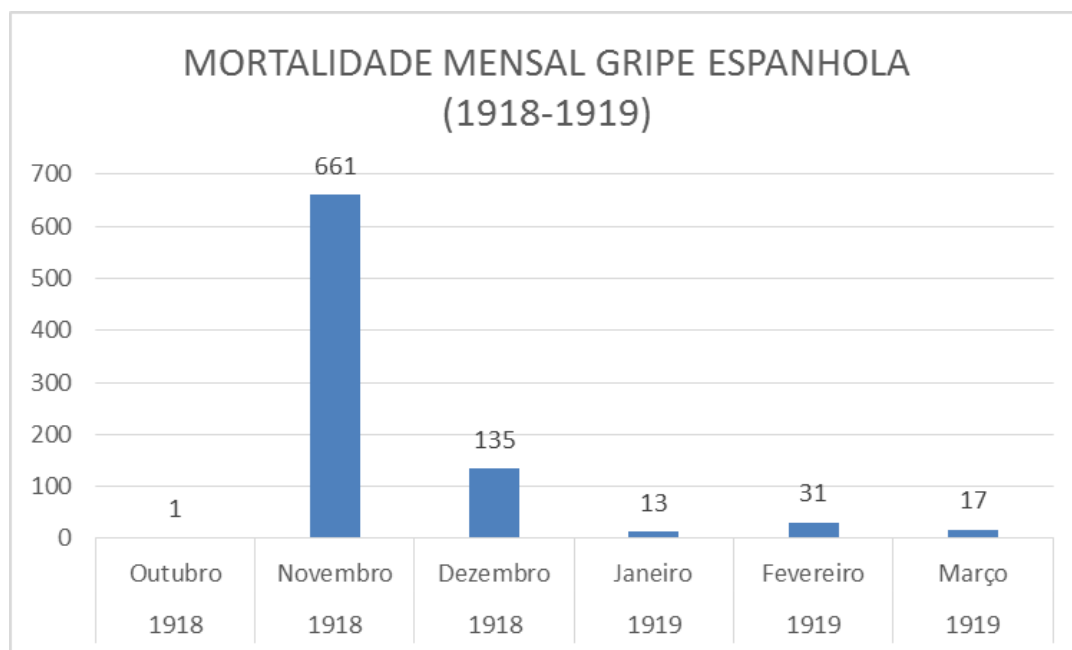


Gráfico 2. Dados da mortalidade da gripe espanhola por mês, entre 1918 e 1919.

Fonte: Da Matta, Alfredo. Revista *Amazonas Médico*, Ano II, V.II, N.º 5, 1919.

Diante de um cenário caótico e de colapso do sistema de saúde, até então com características de atendimento emergencial e com poucos recursos, Manaus enfrentou a pior epidemia do século XX. Pior mesmo do que a malária, que no ano de 1900 matou mais do que a gripe espanhola, mas não aconteceu num intervalo tão curto, de quatro meses, escancarando a fragilidade do sistema de saúde da cidade para níveis mais elevados e súbitos em relação aqueles que já eram conhecidos no passado.

A questão essencial não é se cidade estava ou não preparada para enfrentar a pandemia de gripe espanhola, pois essa questão poderá ser levantada em todos os territórios onde ela deflagrou e foi difícil vencê-la. No entanto, é pelo menos de questionar se a sua situação geofísica e climática peculiares, aliados ao seu histórico de maleitas graves, teve ou não impacto na forma como respondeu à pandemia. As fontes documentais, e aqui falo especificamente da revista *Amazonas Médico*, dirigida e elaborada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, tem o mais detalhado relato sobre a atuação dos médicos juntamente com o poder público. É importante também observar que os artigos, “*Notas sobre a Pandemia de gripe no Amazonas, especialmente em Manaós*” de Alfredo da Matta, que narra com muitos detalhes como se deu o aparecimento da gripe no estado do Amazonas e especialmente na cidade de Manaus, e “*Gripe ou Influenza*” do Doutor J. de Miranda Leão, então diretor do serviço sanitário, publicados no mesmo número da revista *Amazonas Médico*, de 1919, no ano

que encerrou a pandemia na cidade são as fontes mais importantes sobre a epidemia de gripe. Mostram a atuação do estado do Amazonas no combate à *Influenza*, e com bastante proximidade com os acontecimentos pandêmicos.

Por mais que nesse primeiro momento uma parte importante da imprensa manauara minimizasse a gravidade da pandemia, um Conselho Sanitário constituído pelo governador Alcântara Barcellar, se reuniu no Palácio Rio Negro, então sede do governo, nos dias 21, 23 e 29 deliberando as medidas profiláticas para combater a *Influenza*. A revista *Amazonas Médico* deixa a percepção que logo que o Conselho identificou os primeiros casos em soldados das forças policiais, com a forma benigna da gripe, no dia 24 de outubro de 1918, teve como primeira medida internar imediatamente na Santa Casa da Misericórdia os doentes e começou efetivamente a pôr em prática as medidas contra a pandemia.

Nesse primeiro momento o porto da cidade foi o primeiro alvo das ações com a inspeções de todos os navios que aportavam, e caso tivessem algum gripado adotavam dois procedimentos. Ou era enviado imediatamente para a Santa Casa, ou ficava recolhido no hospital flutuante *Santa Barbara*, ancorado no Rio Negro. Ao que indicam as fontes documentais, o barco ficava próximo do próprio Porto Flutuante. Importa referir que o navio que foi adequado como hospital flutuante foi o “*Rio Madeira*”¹¹, embarcação de fabricação inglesa que fazia as linhas dos rios Madeira e Purus, no Amazonas.

Logo após os primeiros casos identificados em soldados da força policial, a cidade seria tomada por completo pela pandemia de gripe. A velocidade com que o vírus se espalhou pela cidade surpreendeu os médicos e paralisou quase por completo as instituições da cidade. Como alegava Matta: “*foi celebre, insólita, e surpreendente irrupção da gripe, tomando em poucas horas o surto de verdadeira pandemia*” (MATTA, 1919, p.16). A estrutura de saúde da capital revelou fragilidade para lidar com o boom de casos nos hospitais da cidade, o que levou a comissão de combate à gripe a criar diversos postos citadinos de atendimento, utilizando inicialmente, no centro, a estrutura de hospitais e farmácias, e na zona periférica postos de atendimento, além de visitas domiciliares. Quando a pandemia avançou pelo interior do estado, algumas instituições médicas da capital também receberiam alguns doentes de diversas localidades para tratamento (MATTA, 1919).

No cenário de colapso na cidade muitas entidades e associações se organizaram para enfrentar a pandemia, mas o que a documentação disponível não deixa claro é qual o alcance

¹¹ O vapor Rio Madeira pertencia a Navegação de B. Levy & Ca., fazia a linha quinzenal para o rio Madeira e segundo o jornal do Comercio foi fabricado na Inglaterra. Fonte: (*Jornal do Commercio*, Manaus, 14 de junho de 1910).

da contribuição dessas entidades no socorro às vítimas. O fato é que muitos uniram esforços para o combate. Entre essas entidades estiveram: Cruz Vermelha, Associação Comercial do Amazonas (ACA), Associação dos Empregados no Comercio, dentre outros. Todos lutaram para conter o avanço da *Influenza* na capital, principalmente nos entre os dias 7 e 29 de novembro de 1918, quando se deu o ápice de mortes pela gripe, com abertura de valas comuns para o enterro de cadáveres, ou muitas vezes ficaram três dias no cemitério esperando o sepultamento, dada a quantidade de mortos¹². Até então existia uma média de no máximo cinco mortes diárias, podendo subir o número de defuntos em tempos de outras epidemias comuns na cidade. Decerto, a criação de valas comuns para sepultamento foi uma solução emergencial para o colapso nos enterramentos, cena repetida em Manaus na pandemia de Covid-19, não no mesmo cemitério, mas no cemitério do Tarumã (Schwarcz & Starling, 2020), (Santos, 2021).

A situação de completo desespero sem poder contar com os medicamentos da medicina alopata, ou porque rapidamente se esgotaram, ou porque logo percebeu-se sua ineficácia com o vírus da *Influenza*, e diante desse cenário todos os recursos disponíveis para o combate à gripe pareciam em vão, tanto que o próprio diretor do Serviço Sanitário do estado do Amazonas o médico Miranda Leão recomenda o uso de plantas medicinais para o tratamento,

“Miranda Leão descreveu os inúmeros tratamentos à base de plantas e ervas da região da região Amazônica, usados pela população. Esses tratamentos conviveram lado a lado e concomitantes à medicina oficial e suas prescrições e muitas vezes auxiliaram nos tratamentos prescritos pelos doutores diplomados. Vale salientar que o próprio Miranda Leão reconheceu a inutilidade dos remédios da medicina alopata disponíveis para o tratamento da gripe, servindo tão somente no tratamento da febre alta apresentada pelos pacientes” (Santos, 2015, p. 173).

Foi frequente, neste período, o uso de plantas pela população manauara, dentro da farmacopeia de uma tradição que remonta ao século XIX, aliado às práticas de curas populares durante a crise pandêmica, como plantas, ervas, chás e garrafadas¹³. O cenário revelado pela historiografia regional aponta para um completo estado de calamidade, que persistiu durante dois meses na capital do Amazonas. Além disso o custo de vida aumentava consideravelmente na capital, não esquecendo que a cidade já vivenciava os efeitos da crise do látex, agravados pela I Guerra Mundial. Essa conjuntura político-econômica impactou o preço dos alimentos e

¹² O tema dos números de mortos será melhor trabalhado no capítulo específico sobre a quantidade de vítimas da gripe espanhola no capítulo 2.

¹³ As práticas de cura populares serão melhor abordadas no capítulo III.

dos remédios, dificultando a sobrevivência da população mais pobre, com a chegada da pandemia (Santos, 2015; Gama, 2020).

O impacto se deu pela grande quantidade de vitimados num curto espaço de tempo na cidade, agravada pela incapacidade do Estado em combater a gripe, e pela situação econômica vivida pela população manauara (Santos, 2015, p. 175). A crise econômica não pode ser dissociada dos efeitos nefastos da *Influenza* em Manaus. Ela aumentou o sofrimento da população, sobretudo porque não permitiu uma resposta universal em termos sociais, isto é, os poucos recursos disponíveis para o combate da gripe privilegiaram primeiramente o centro da cidade e a elite da borracha.

Gama (2020) também descreve um cenário mefistofélico com uma grande repercussão na imprensa local, que diariamente noticiava os efeitos nefastos da epidemia. É claro que os jornais também tinham um posicionamento político, ora noticiando somente o caos pela cidade, ora informando sobre a atuação dos médicos em conter o vírus da gripe. Sem dúvida o mês de novembro de 1918 foi o mais devastador para a população, com o auge de mortes e do isolamento social na cidade, colapso do sistema de saúde e dos enterramentos coletivos. Já no mês de dezembro de 1918 muitas das enfermarias criadas para acolher a população tiveram suas atividades encerradas, em decorrência do declínio da pandemia. No mês de novembro foram registrados oficialmente 661 mortos, enquanto em dezembro somente foram anotadas 131 vítimas mortais. Com esta descida do número de casos as atividades comerciais, praticamente paralisadas, foram restabelecidas.

No primeiro mês do ano de 1919 o número de mortes era já residual foram então contabilizadas 13 mortes. O que então voltaria às manchetes é a caça e incineração dos cães com raiva, voltando a vida na capital à normalidade. Nesse momento, praticamente todos os postos de campanha abertos¹⁴ durante a pandemia já estavam desativados ou voltaram às atividades que outrora desempenhavam, o que aconteceu sobretudo com as escolas, barcos ou repartições públicas.

É possível perceber, através da imprensa, que no início do mês de fevereiro a vida na capital já havia voltado à rotina verificada nos tempos anteriores à pandemia. Ao que tudo indica a população não temia mais a *Influenza*, tanto que a historiadora Rosineide Gama refletindo sobre o carnaval de 1919 afirma que,

¹⁴ Durante a pandemia foram abertos em Manaus diversos Postos de Atendimento para os enfermos, que na prática funcionaram como hospitais de campanha, que serão refletidos especificamente no capítulo III.

“As notícias jornalísticas, nos últimos dias de dezembro, já se despediam da “hespanhola” e começavam a pensar na alegria do carnaval, até porque no centro da cidade de Manaus, a gripe parecia mesmo ter dado os seus últimos suspiros. Publicações e sátiras começaram a sair nos periódicos, destacando o adeus, a tristeza e uma divertida recepção à alegria e ao carnaval” (Gama, 2020, p.185).

Com a diminuição abrupta dos casos de gripe¹⁵ no início do ano de 1919, a cidade direcionou suas preocupações para o combate à hidrofobia com os cachorros, que voltariam a ser destaque nos noticiários. A caça e incineração destes animais, que tinham diminuído bastante durante o auge dos casos e mortes da *Influenza*, voltariam às páginas dos noticiários da cidade. As poucas mortes não impediriam a realização de festas com aglomerações, como é caso do Carnaval, que aconteceria sem grandes resistências por parte das autoridades médicas. Em suma, a pandemia de gripe espanhola, um problema de saúde global, significou para a cidade o agravamento da crise financeira, ela própria motivada por causas globais, e agudizou ainda mais os seus efeitos nefastos, e o colapso das instituições de saúde.

1.2 Uma historiografia desconhecida

A pandemia de Covid-19 fez crescer no Brasil o interesse sobre a história das doenças, com a crise sanitária global e o quase desconhecimento da história das grandes epidemias que assolaram a humanidade, houve uma guinada de interesses sobre epidemias do passado. O interesse antes restrito ao público acadêmico, agora irradiou para o público geral. Isso foi importante e marcou até uma viragem no sentido em que, até então, muito do que havia sido produzido como fruto de pesquisa acadêmica, se restringia a circular somente entre historiadores sem despertar muito interesse fora da bolha acadêmica.

O interesse apareceu com mais força devido ao contexto vivido, mas já havia ocorrido no passado, tendo surgido obras que voltaram, no presente, a ser lidas. Bastará lembrar a obra do historiador estadunidense Alfred Crosby, surgida nos anos 80 do século passado, intitulada “*American Forgotten Pandemic. The Influenza of 1918*” (1989), onde o autor refletiu sobre o impacto da pandemia no mundo e como permaneceu no esquecimento durante muitos anos. Além deste, também o livro “*A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*” (2020), do historiador da mesma nacionalidade, John M. Barry,

¹⁵ De acordo com a bibliografia sobre o tema, a diminuição dos casos de gripe estava muito mais ligada ao ciclo da doença do que exatamente a eficácia das medidas profiláticas.

também ficou popular no Brasil no período da pandemia de Covid-19. Um terceiro exemplo diz respeito ao livro da jornalista Gina Kolata “*Gripe: história da pandemia de 1918*”, igualmente popular entre historiadores e sociedade em geral.

É importante também citar a obra dos pesquisadores David Killingray e Howard Phillips no clássico “*The Spanish influenza pandemic of 1918-1919, new perspectives*” (2003), além da pesquisadora espanhola Beatriz Echeverri Dávila, lançado em 1993 o livro “*La gripe española. La pandemia de 1918-1919*”.

Mas para entender a produção historiográfica brasileira sobre a pandemia de gripe espanhola, vamos primeiramente observar a tabela elaborada pela historiadora Anny Jackeline sobre quais as cidades brasileiras dispõe de pesquisas sobre a espanhola. No quadro abaixo elaborado de acordo com os dados fornecidos pela professora Anny Jackeline.

LOCALIDADES BRASILEIRAS COM PESQUISAS SOBRE A GRIPE ESPANHOLA		
Estado	Capitais	Interior
São Paulo	São Paulo	Sorocaba
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	
Minas Gerais	Belo Horizonte	Cataguases
Espírito Santo	Vitória	
Bahia	Salvador	
Pernambuco	Recife	
Paraíba	João Pessoa	
Pará	Belém	Bragança
Amazonas	Manaus	
Goiás		Goiás (Velho)
Paraná	Curitiba	Ponta Grossa
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	Pelotas Rio Grande

Quadro 3. Localidades sobre as quais incidiu a pesquisa bibliográfica de Anny Silveira sobre a gripe espanhola, que na época de sua produção ainda não constava a cidade de Bragança-PA.

Fonte: SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. E a “Espanhola” fez cem anos: Um panorama da produção acadêmica sobre a história de *Influenza* de 1918 no Brasil. IN: FRANCO, Sebastião Pimentel. Uma história brasileira das doenças. – 1. Ed. – Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2019.

A tabela elaborada por Anny Silveira permite concluir que o Brasil ainda carece de pesquisas relacionadas com a pandemia de Gripe Espanhola, sobretudo em relação à Amazônia, já que somente os estados do Amazonas e Pará apresentam pesquisas sobre o tema. Sobre os demais estados e cidades amazônicas não existe nenhuma publicação sobre a história da saúde e das doenças, no geral, e sobre a gripe espanhola em particular. A historiografia não se interessou muito pelo assunto, direcionando o seu foco sobretudo para as capitais amazônicas, deixando os sertões amazônicos num completo “apagão historiográfico”. Essa realidade poderá ser melhor entendida através do quadro seguinte.

Produção sobre História da Gripe Espanhola na Amazônia			
Autor	Título	Publicação	Ano
BOTELHO, João Bosco	Gripe Espanhola	Capítulo de livro	2009
GAMA, Rosineide de Melo	Dias Mefistofélicos: A gripe espanhola através dos jornais de Manaus (1918-1919)	Mestrado em História	2013
MARTINS, Maria José Moraes	A gripe espanhola em Belém, 1918: cidade, cotidiano e Medicina	Mestrado em História	2016
MARTINS, Maria José Moraes	Bacillus influenzai ou micrococcus catarrhalis? Controvérsias médicas durante a epidemia de gripe espanhola em Belém (1918)	Artigo	2015
SILVA, Júlio Santos da	A Influenza e a crise: A gripe espanhola chega a Manaus (1918)	Artigo	2015
ABREU Jr. José Maria de Castro	O vírus e a cidade: rastros do cotidiano na cidade de Belém durante a pandemia de gripe espanhola	Capítulo de livro	2016
ABREU Jr. José Maria de Castro	O vírus e a cidade: rastros do cotidiano na cidade de Belém durante a pandemia de (1918)	Doutorado em História	2018
MUNIZ, Érico Silva Alves	A Influenza entre nós: a interiorização da gripe espanhola na Amazônia e a chegada da doença a Bragança (1918)	Artigo	2019
FARIAS, Silvine de Carvalho			
FARIAS, Silvine de Carvalho	"O espirro da morte": a gripe espanhola na cidade de Bragança Pará (1918)	Mestrado	2021
SILVA, Júlio Santos da	"A pobreza e a fome": pandemias de gripe espanhola e Covid-19 em Manaus	Capítulo de livro	2022

Quadro 4. Tabela elaborada a partir dos dados disponíveis dos dados da professora Anny Jackeline Torres Silveira, com acréscimo das obras publicadas após 2019, SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. E a “Espanhola” fez cem anos: Um panorama da produção acadêmica sobre a história de Influenza de 1918 no Brasil. IN: FRANCO, Sebastião Pimentel. *Uma história brasileira das doenças*. – 1. Ed. – Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2019.

Pela tabela acima podemos perceber como as produções na Amazônia especificamente sobre a gripe espanhola contemplaram somente as capitais com exceção do município de Bragança no Pará¹⁶. Este cenário timidamente tem mudado com as produções dos programas de pós-graduação na Amazônia¹⁷. Já a discussão acadêmica sobre a gripe espanhola no Brasil, tem um cenário bastante diversificado com inúmeros e importantes trabalhos sobre o tema.

Claudio Bertolli Filho é autor de uma dessas obras de referência. Em “*A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918*”, publicada em 2003, Bertolli manejou uma vasta documentação, dando destaque aos efeitos da gripe na capital paulista, às práticas de cura empregadas, bem como à mobilização da cidade para combater a gripe. Um dos pontos importantes a destacar nessa pesquisa é a subnotificação dos dados de mortalidade na cidade de São Paulo, tendo o autor explicado os diversos motivos da não colocação da causa da morte nos atestados de óbito dos falecidos, atrapalhando nas estatísticas mortuárias da cidade. O livro foi fruto da dissertação de mestrado de Bertoli, defendida em 1986, saída em versão de livro no ano de 2003, tendo influenciado uma geração de historiadores da saúde.

Outra importante obra é a pesquisa de Cristiane Maira Cruz de Souza (Souza, 2009). Ao trabalhar a cidade de Salvador, explorou uma vasta documentação e fontes sobre o tema, com destaque para a imprensa local, lugar de debate sobre política em meio a pandemia. Além disso, ampliou a pesquisa para os sertões baianos. Vale também destacar que, a autora, além dessa tese, que se transformou em livro, tem inúmeros artigos e capítulos de livro publicados sobre o tema da gripe espanhola na Bahia, com destaque para um artigo¹⁸ onde discute as práticas de cura baseadas nas religiões de origem africana na Bahia, um subtema pouquíssimo discutido na historiografia sobre a pandemia.

Importa referir também a produção da autoria da historiadora Liane Maria Bertucci, nomeadamente o livro “*Influenza, a medicina Enferma*”, dado ao prelo no ano

¹⁶ Para o município de Bragança-PA, temos duas produções sobre a passagem da gripe espanhola naquele município a saber: MUNIZ, Érico Silva & FARIAS, Silvine de Carvalho. *A Influenza entre nós: a interiorização da gripe espanhola na Amazônia e a chegada da doença a Bragança* (1918); FARIAS, Silvine de Carvalho. “O espirro da morte”: a gripe espanhola na cidade de Bragança Pará (1918).

¹⁷ Este cenário de poucos trabalhos sobre a história da saúde e das doenças, mas não significa que eles não existam, mesmo que muitos só contemplem a cidade de Manaus.

¹⁸ Estamos falando do artigo “SOUZA, Christiane M. C. de. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé”. *Dynamis* (Granada), v. 30, p. 41-63, 2010.

de 2004. A discussão proposta por Bertucci, que teve como alvo a cidade de São Paulo, se tornou um marco historiográfico no tema, pois sua discussão se insere na falência da medicina face ao avanço da gripe. Ela traz à tona um universo de práticas de curas, tanto da medicina oficial, quanto dos saberes populares, apresentando não somente os medicamentos das grandes farmácias, mas também os saberes de cura dos rezadores e curandeiros da cidade, refletindo como as práticas de cura populares ficam em evidência no evento pandêmico, ao mesmo tempo em que até medicamentos ineficazes ganham destaque na pandemia.

Anny Jackeline, já referida, publicou em 2008 a obra “*A Influenza Espanhola e a cidade planejada*”, um dos livros mais citados em trabalhos sobre a espanhola no Brasil. Tendo resultado de sua tese de doutoramento, o livro analisa a gripe espanhola numa cidade exemplo de planejamento e salubridade, demonstrando como as dificuldades enfrentadas por Belo Horizonte foram em parte idênticas às de outras cidades brasileiras, tais como as tensões sociais, o aumento do custo de vida e a reação da administração pública frente a pandemia. Jaqueline é uma das autoras mais produzidas sobre a gripe espanhola no Brasil.

De seguida vale destacar o livro do médico José Maria de Castro Abreu Junior, com o título “O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém. Esta foi a sua tese de doutoramento em História, defendida na Universidade federal do Pará em 1918. Abreu Junior escreveu a obra mais densa sobre a gripe espanhola na Amazônia brasileira, utilizando uma farta documentação, como relatórios institucionais, revistas, periódicos e até livros de memórias. Abreu Júnior construiu a sua tese em torno da concepção de Charles Rosenberg sobre como seria o desenvolvimento de uma pandemia. Aí o autor explica como a classe médica paraense conseguiu construir narrativas sobre a pandemia no ambiente amazônico, na cidade que outrora tinha desfrutado as benesses da borracha, sem dúvida uma referência para estudos das doenças na Amazônia.

A lista das obras mais importantes sobre a historiografia da gripe espanhola no Brasil inclui ainda o único livro que contemplou na sua pesquisa um grande número de cidades brasileiras, todas capitais de seus respectivos estados, além do Rio Janeiro, até então a capital federal: “A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil”, das historiadoras Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling, publicado no auge da pandemia de Covid-19. As autoras conseguiram sintetizar no livro as principais obras sobre a gripe espanhola no Brasil, possibilitando ao leitor ter contato com as principais

discussões em torno da pandemia com uma discussão que procurou dialogar com o presente. Para a Amazônia, o livro discute a passagem da gripe em Belém e Manaus, mas sem grandes aprofundamentos. Omite, por exemplo, os dados de mortalidade nas capitais, apesar de esses dados existirem em muita da bibliografia consultada na obra.

Como já dito anteriormente o cenário da historiografia local ainda é muito incipiente, a bibliografia produzida sobre a gripe espanhola no Amazonas possui um cenário bastante distinto, apresentando primordialmente dois grupos antagônicos entre si. O primeiro grupo é composto por trabalhos realizados essencialmente por médicos, contendo os primeiros registros sobre o tema, no estado, muitas vezes sem o compromisso de problematizar a pandemia como objeto de reflexão para uma história social da cidade, deixando claro que o traço marcante dessa vertente é o registro da pandemia como fato histórico, regatando uma história dos “grandes médicos”.

São exemplos das características que acabamos de referir, os livros “*Tempos de Esperança*” (1994) e “*História da medicina e das doenças no Amazonas*” (2004), do médico Antônio José Souto Loureiro, foram as primeiras obras no Amazonas a citar a gripe espanhola. O autor apresentou um curtíssimo relato sobre a doença na cidade e diferente da estatística oficial, avançando a possibilidade de ter havido até 6.000 mortes em Manaus. Não foi possível confirmar esse número em nenhuma das fontes consultadas até o momento.

“*História da Medicina em Manaus*”, de Manoel Dias Galvão (2003), é outro elucidativo exemplo. Galvão somente afirma que em 1918 ocorreu a pandemia de gripe na cidade de Manaus, sem levar a cabo qualquer problematização ou apresentar dados sobre a doença. Fica claro que a obra realizou uma visão panorâmica e linear da história da saúde local. Além dessas duas obras o médico e professor João Bosco Botelho também dedicou um capítulo ao assunto, no seu livro “*Epidemias: a humanidade contra o medo da morte*”, saído em 2009.

O segundo grupo está ligado principalmente ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM), com produções baseadas em diálogos teóricos e metodológicos com uma historiografia mais ligada à história problematizadora, com uma produção acadêmica especializada e profissional. O primeiro trabalho nesse cenário é a dissertação de mestrado da historiadora Rosineide de Melo Gama, intitulada “*Dias Mefistofélicos: A gripe Espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)*”, realizada no referido programa de pós-graduação. Essa pesquisa ganhou uma versão em formato de livro, em 2020, e teve como principal fonte os jornais

amazonenses, através dos quais a autora analisou a repercussão da gripe espanhola na cidade. A sua pesquisa é uma importante contribuição pois reconstituiu o cenário de disputa política que se travava na imprensa, com seus reflexos até no carnaval de 1919. A discussão é importantíssima para a compreensão da pandemia, mas deixou de refletir aspectos importantes, principalmente relacionados com os dados de mortalidade da gripe espanhola, indispensáveis para o completo entendimento do fato histórico pandêmico, mas limitados pela perspectiva das fontes jornalísticas.

Nesse grupo se insere também o estudo de Júlio Santos (SANTOS, 2015), intitulado “*A Influenza e a Crise: A gripe espanhola chega a Manaus (1918)*”, publicado num dossiê sobre história e saúde da revista estudos Amazônicos. Esse artigo aborda a estrita relação da elite médica da cidade com o governador do estado. O debate científico sobre o tratamento da gripe é outro dos assuntos afluídos, prestando atenção à falência da profilaxia empregada uso no seguimento do incentivo do uso de plantas medicinais por parte dos médicos no tratamento da gripe. Como o artigo demonstra, a julgar pelos trabalhos sobre a espanhola no resto do país, esse fato foi incomum. O mesmo autor publicou “*A pobreza e a fome: pandemias de gripe espanhola e Covid-19 em Manaus*”¹⁹, capítulo da coletânea “Caminhos da pesquisa”. Nesse texto comparou as pandemias de Gripe Espanhola e Covid-19 em Manaus, demonstrando que os conhecimentos históricos sobre doenças são fundamentais para o enfrentamento de doenças do presente.

Mesmo sabendo que os jornais foram importantíssimos nas mais diversas produções historiográficas no Brasil, essa explicação sobre o que se tem produzido no Brasil e na Amazônia, acabou por privilegiar muitas vezes a imprensa, que repito é fundamental como campo de disputas de narrativas sobre a pandemia, principalmente os embates travados entre os jornais de situação e oposição, mas como por exemplo dificilmente você encontrará na imprensa tabelas com mortalidade da gripe espanhola, no caso de Manaus não foi encontrado nenhuma tabela com esses dados, eles só aparecem na revista Amazonas Médico. As fontes que iremos mostrar no subcapítulo adiante nos permitem aprofundar as discussões sobre a pandemia, assim como o cruzamento de fontes jornalísticas com as demais que serão apresentadas no subcapítulo seguinte.

1.3 Repensando as fontes da Gripe Espanhola

¹⁹ Estamos nos referindo ao texto: SILVA, Júlio Santos. “A pobreza e a fome”: pandemias de Gripe Espanhola e Covid-19 em Manaus. In: OLIVEIRA, Rafaela Basto de; PANTOJA, Tamilly Frota.. (Org.). Caminhos da Pesquisa. 01ed.Curitiba: CRV, 2022, v. 08, p. 83-102.

Ao tratar do tema da saúde e da doença muitas vezes nos deparamos com uma série de fontes que tradicionalmente têm sido utilizadas pelos historiadores, principalmente relatórios médicos. Esses documentos são de suma importância porque foram produzidos na época pelos protagonistas em estudo.

Ao longo das últimas décadas tem-se ampliado as fontes documentais utilizadas para a investigação da pandemia. Esse movimento é também um legado do grupo de historiadores franceses em torno da revista dos *Annales*, que também tem tido eco no Brasil. No caso específico da gripe espanhola, os trabalhos clássicos foram baseados sobretudo na imprensa local. No Brasil os jornais renderam inúmeros trabalhos em detrimento de outras fontes, igualmente importantes, mas que têm sido ignoradas nas pesquisas. É exatamente esta uma das lacunas historiográficas que este trabalho procura preencher. Partindo da discussão das fontes já tratadas, buscamos trazer novas fontes para a discussão do tema.

Cláudio Bertoli (2003 [1986]) foi um dos autores que explorou os jornais da imprensa paulista para estudar a pandemia de gripe espanhola na cidade de São Paulo. Logicamente a pesquisa não se resume aos periódicos, mas o cerne de sua pesquisa são os jornais paulistanos. A sua pesquisa foi uma das primeiras realizadas no Brasil sobre o tema, e as que vieram posteriormente seguiram passos metodológicos semelhantes. No caso de Manaus, a pesquisa da historiadora Rosineide Gama (2020) incidiu sobre a gripe espanhola na cidade, utilizando fartamente os periódicos da imprensa manauara. O próprio título de sua obra deixa claro essa proposta de pesquisa “Dias Mefistofélicos: a Gripe Espanhola em Manaus através dos jornais (1918-1919)”. É um trabalho relevante, que importa não desconsiderar, porém, põe em evidência uma utilização confinada ao uso de jornais, que são fontes importantes para o estudo do tema, mas não só necessitam de um aporte metodológico rigoroso que implica uma análise crítica da informação aí contida, como não devem desconsentir o pesquisador em utilizar outro tipo de documentos que possibilitem um cruzamento de informações.

Para melhor compreensão das fontes utilizadas na nossa pesquisa e o ineditismo da sua utilização ao se tratar da gripe espanhola, devemos entender um pouco como se deu a produção da documentação. Para isso começaremos com os atestados de óbito e os livros do cemitério, fontes importantes e disponíveis, mas ainda não exploradas pela historiografia que se dedicou a este tema. Aqui queremos destacar a importância de

compreender como foram produzidas, e sua importância para a contabilização dos números oficiais divulgados pela diretoria de Higiene Pública no final da crise pandêmica, que basicamente seguia um padrão de notificação.

Primeiro, os hospitais e todos os postos de atendimento que atendiam os enfermos de gripe espanhola eram obrigados, dentro de um aparato burocrático, a preencher diversos formulários, principalmente com a morte do paciente. Muitos desses formulários não existem mais, seja por falta de uma política de guarda de documentos, seja pela política de descarte de documentação ao longo do tempo de vida útil do documento. Por isso aqui explicaremos sobre os documentos produzidos no caso de morte do doente, no hospital ou posto de atendimento, que logo com a confirmação do falecimento do paciente produzia o atestado de óbito em duas vias, uma ficava no estabelecimento e o outro atestado acompanhava o corpo do falecido até o cemitério para sepultamento. Os dados descritos no atestado de óbito eram transferidos para o livro de Inumados do cemitério, e era exatamente dos livros que eram retirados os dados para compor a estatísticas do município. Por isso percebemos como era fundamental tanto a produção como sua contabilização que no final do mês iria compor o quadro da estatística oficial, usado em todos os relatórios do governo estadual e municipal. Essa breve reflexão sobre as fontes documentais, tem muito a oferecer no entendimento da gripe espanhola em Manaus, os arquivos e depositários da documentação primária da cidade muito tem a oferecer para o entendimento do evento pandêmico.

Especificamente, os livros de Inumados do cemitério São João Batista foram uma fonte documental importantíssima para colher os dados das vítimas da gripe espanhola foram os Livros de Inumados do cemitério São João Batista de Manaus, que serviram de base para a coleta de dados sobre as vítimas da *Influenza* que ali foram sepultados. Ativo desde o século XIX, o São João Batista era no ano de 1918 um dos principais cemitérios da cidade de Manaus, sendo o destino da maior parte dos mortos pela espanhola e demais causas de morte da população.

Os livros do cemitério eram uma peça fundamental no controle estatístico da diretoria de Higiene Pública. Concretamente, os livros de inumados do cemitério São João Batista trazem com precisão todos os 858 mortos descritos pelo médico Alfredo da Matta no seu relatório institucional. Com as informações do livro poderemos quantificar todos os indivíduos que vieram a óbito na cidade, pois traz informações sobre, idade, sexo, estado civil, naturalidade, além de detalhe sobre sua condição social.

Registro de Inumações a cargo da Municipalidade de Manaus

Boa Vista
Anno de 1948

Mes de Novembro

N.º	Idade	NOME	FILIAÇÃO	ECONOMIA			NACIONALIDADE	Etnia	Ingresso	Data	RESIDÊNCIA				Município
				Profissão	Estado	Endereço					Estado	Endereço			
133	33	Paula Pereira Barbo	José Pereira Barbo	25			Port. Brasileiro		25	V	2.º	J. de Lima			
134		Regina Mendonça	Antônio Mendonça	26			Port. Brasileiro					J. de Lima			
135		Regina de Fátima	Regina de Fátima	27			Port. Brasileiro					J. de Lima			
136		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	28			Port. Brasileiro					J. de Lima			
137		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	29			Port. Brasileiro					J. de Lima			
138		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	30			Port. Brasileiro					J. de Lima			
139		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	31			Port. Brasileiro					J. de Lima			
140		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	32			Port. Brasileiro					J. de Lima			
141		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	33			Port. Brasileiro					J. de Lima			
142		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	34			Port. Brasileiro					J. de Lima			
143		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	35			Port. Brasileiro					J. de Lima			
144		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	36			Port. Brasileiro					J. de Lima			
145		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	37			Port. Brasileiro					J. de Lima			
146		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	38			Port. Brasileiro					J. de Lima			
147		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	39			Port. Brasileiro					J. de Lima			
148		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	40			Port. Brasileiro					J. de Lima			
149		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	41			Port. Brasileiro					J. de Lima			
150		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	42			Port. Brasileiro					J. de Lima			
151		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	43			Port. Brasileiro					J. de Lima			
152		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	44			Port. Brasileiro					J. de Lima			
153		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	45			Port. Brasileiro					J. de Lima			
154		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	46			Port. Brasileiro					J. de Lima			
155		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	47			Port. Brasileiro					J. de Lima			
156		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	48			Port. Brasileiro					J. de Lima			
157		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	49			Port. Brasileiro					J. de Lima			
158		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	50			Port. Brasileiro					J. de Lima			
159		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	51			Port. Brasileiro					J. de Lima			
160		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	52			Port. Brasileiro					J. de Lima			
161		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	53			Port. Brasileiro					J. de Lima			
162		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	54			Port. Brasileiro					J. de Lima			
163		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	55			Port. Brasileiro					J. de Lima			
164		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	56			Port. Brasileiro					J. de Lima			
165		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	57			Port. Brasileiro					J. de Lima			
166		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	58			Port. Brasileiro					J. de Lima			
167		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	59			Port. Brasileiro					J. de Lima			
168		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	60			Port. Brasileiro					J. de Lima			
169		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	61			Port. Brasileiro					J. de Lima			
170		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	62			Port. Brasileiro					J. de Lima			
171		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	63			Port. Brasileiro					J. de Lima			
172		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	64			Port. Brasileiro					J. de Lima			
173		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	65			Port. Brasileiro					J. de Lima			
174		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	66			Port. Brasileiro					J. de Lima			
175		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	67			Port. Brasileiro					J. de Lima			
176		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	68			Port. Brasileiro					J. de Lima			
177		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	69			Port. Brasileiro					J. de Lima			
178		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	70			Port. Brasileiro					J. de Lima			
179		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	71			Port. Brasileiro					J. de Lima			
180		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	72			Port. Brasileiro					J. de Lima			
181		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	73			Port. Brasileiro					J. de Lima			
182		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	74			Port. Brasileiro					J. de Lima			
183		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	75			Port. Brasileiro					J. de Lima			
184		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	76			Port. Brasileiro					J. de Lima			
185		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	77			Port. Brasileiro					J. de Lima			
186		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	78			Port. Brasileiro					J. de Lima			
187		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	79			Port. Brasileiro					J. de Lima			
188		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	80			Port. Brasileiro					J. de Lima			
189		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	81			Port. Brasileiro					J. de Lima			
190		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	82			Port. Brasileiro					J. de Lima			
191		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	83			Port. Brasileiro					J. de Lima			
192		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	84			Port. Brasileiro					J. de Lima			
193		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	85			Port. Brasileiro					J. de Lima			
194		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	86			Port. Brasileiro					J. de Lima			
195		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	87			Port. Brasileiro					J. de Lima			
196		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	88			Port. Brasileiro					J. de Lima			
197		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	89			Port. Brasileiro					J. de Lima			
198		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	90			Port. Brasileiro					J. de Lima			
199		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	91			Port. Brasileiro					J. de Lima			
200		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	92			Port. Brasileiro					J. de Lima			
201		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	93			Port. Brasileiro					J. de Lima			
202		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	94			Port. Brasileiro					J. de Lima			
203		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	95			Port. Brasileiro					J. de Lima			
204		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	96			Port. Brasileiro					J. de Lima			
205		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	97			Port. Brasileiro					J. de Lima			
206		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	98			Port. Brasileiro					J. de Lima			
207		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	99			Port. Brasileiro					J. de Lima			
208		Antônio de Fátima	Antônio de Fátima	100			Port. Brasileiro					J. de Lima			

Figura 3. Livro de Inumados do cemitério São João Batista de Manaus.

Fonte: Arquivo da Municipal de Limpeza e Serviços Públicos – SEMULSP

Como dito anteriormente, após o óbito do paciente o primeiro documento produzido para registrar o falecimento era o atestado de óbito. Esses registros revelaram detalhes sobre os mortos que não constam em nenhuma outra fonte. Temos 100 atestados de óbitos de falecidos de gripe espanhola, os quais contêm outros detalhes não revelados por outras fontes, tais como: nomes completos, naturalidade, nacionalidade, estado civil, cor, profissão, nomes dos pais ou cônjuges e os bairros onde moravam.

ATTESTADO DE OBITO
Decreto 9.886 de 7 de Março de 1888

Attesto ter fallecido <i>hoje</i> às <i>5</i> horas Nome <i>Maria Justina</i> Idade <i>50 annos</i> Sexo <i>feminina</i> Nacionalidade Naturalidade <i>Parahyba</i> Filiação <i>Ignorada</i> Estado civil <i>solteira</i> Casado com Profissão Côr <i>branca</i> Residente a ma <i>Rua da Norte Sul (cath)</i> Numero <i>em la</i> Lugar do obito <i>Parahyba</i> Procedencia do interior Em consequencia de <i>grippe</i> Manãos, <i>23</i> de <i>Novembro</i> de 191<i>8</i> O Medico assistente, <i>Dr. J. Klein</i>	OBSERVAÇÕES <i>Attestado por</i> <i>Dr. J. Klein</i> <i>2/10/18</i>
---	---

NOTA—A Secção de Demographia solicita a attenção para as notas seguintes:
Sexo—Muitas vezes empregam nomes que servem para ambos os sexos, como: Waldemar, Cloves Alcides, Eurydice, Aracy, etc. Em outras ha confusão nos nomes que terminam por *a* ou *o* e que são indecifráveis, na maioria dos casos, na escripta. Assim as letras F e M nos attestados, onde está a palavra *Sexo*, evitam os equívocos prejudiciaes á organização dos mappas.
Estado civil—Declaração obrigatória, por motivo de herança e exigencia consular.
Côr—A estatística federal apenas exige as seguintes classificações: Branca, Parda e Preta, Morena ou Parda.
Nati-mortos—Indicar o sexo, côr e filiação.
O decreto federal 1.850, de 2 de Janeiro de 1908, obriga a todas as autoridades e profissionais a prestarem informações minuciosas á Directoria Geral de Estatística, sob pena de multa de 50\$000 a 500\$000. O Governo do Estado e o Federal firmaram um accordo para a execução desse decreto em 30 de Julho de 1908.

Figura 4. Atestado de Óbito referente ao ano de 1918.

Fonte: Arquivo Central Júlia Mourão de Brito pertencente ao Tribunal de Justiça do Amazonas - (TJAM).

Como observado na imagem acima, os atestados de óbito tinham os seguintes campos para preenchimento: 1) Atesto ter falecido; 2) Hora; 3) Nome; 4) Idade; 5) Sexo; 6) Nacionalidade; 7) Naturalidade; 8) Filiação; 9) Estado Civil; 10) Casado Com; 11)

Profissão; 12) Cor; 13) Residente a rua; 14) Número; 15) Lugar do óbito; 16) Procedência do interior; 17) Em consequência de; 18) Data; 19) Médico; 20) observações. Além de ser uma das únicas fontes que demonstra claramente que parte dos falecidos pela *Influenza* vieram doentes de partes do interior do Estado para tratamento na capital e acabaram sendo computados na estatística de mortos da cidade.

É por isso que a documentação oriunda da administração pública foi fundamental para esta pesquisa, constituindo o âmago da base documental utilizada neste trabalho. Os Relatórios da administração pública a nível estadual existem desde o período imperial e, para o estado do Amazonas, existem desde 1852, ano da instalação da Província do Amazonas. Apesar de, com o advento da República, a designação dessas fontes ter mudado de Relatórios dos presidentes de província para Relatórios dos governadores, a sua estrutura praticamente continuou a mesma com relatórios de todas as secretarias do governo e sua atuação anual. O relatório do departamento de Saúde Pública é sem dúvida a parte que mais descreve as ações em saúde no Estado, sendo valioso no sentido de oferecer todos os atos dos governadores sobre a saúde da população do Amazonas. Vale lembrar que além desses relatórios estarem arquivados nos dois principais arquivos da cidade de Manaus, o Arquivo Público do estado do Amazonas e o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), existe um depósito na WEB, no *Global Resources Network* (CRL)²⁰. Com o término da pandemia da cidade praticamente todos os relatórios registraram o impacto da *Influenza* na cidade, seja pelos dados revelados sobre a passagem do vírus, seja sobre a mobilização e ação do Estado frente ao evento pandêmico.

Outros relatórios importantes oriundos da administração pública municipal são os Relatórios da Intendência Municipal de Manaus. De tiragem anual, esses documentos eram elaborados pelas diversas secretarias municipais, muitas vezes com bastantes fotografias e ilustrações, contendo informações sobre as obras públicas e dados de despesas e receitas da cidade. Sobre o enfrentamento da gripe espanhola, os relatórios mostram detalhes e tabelas com os números de mortos, dados primordiais para o entendimento da pandemia. Com repercussões registradas nos relatórios até ao ano de 1920, fica latente a impressão de que a gripe entrou para a relação das doenças monitoradas pela saúde pública na década posterior à do evento pandêmico.

²⁰ O site onde todos os relatórios dos governadores estão disponíveis tem acesso através da seguinte ligação: <https://www.crl.edu/>.

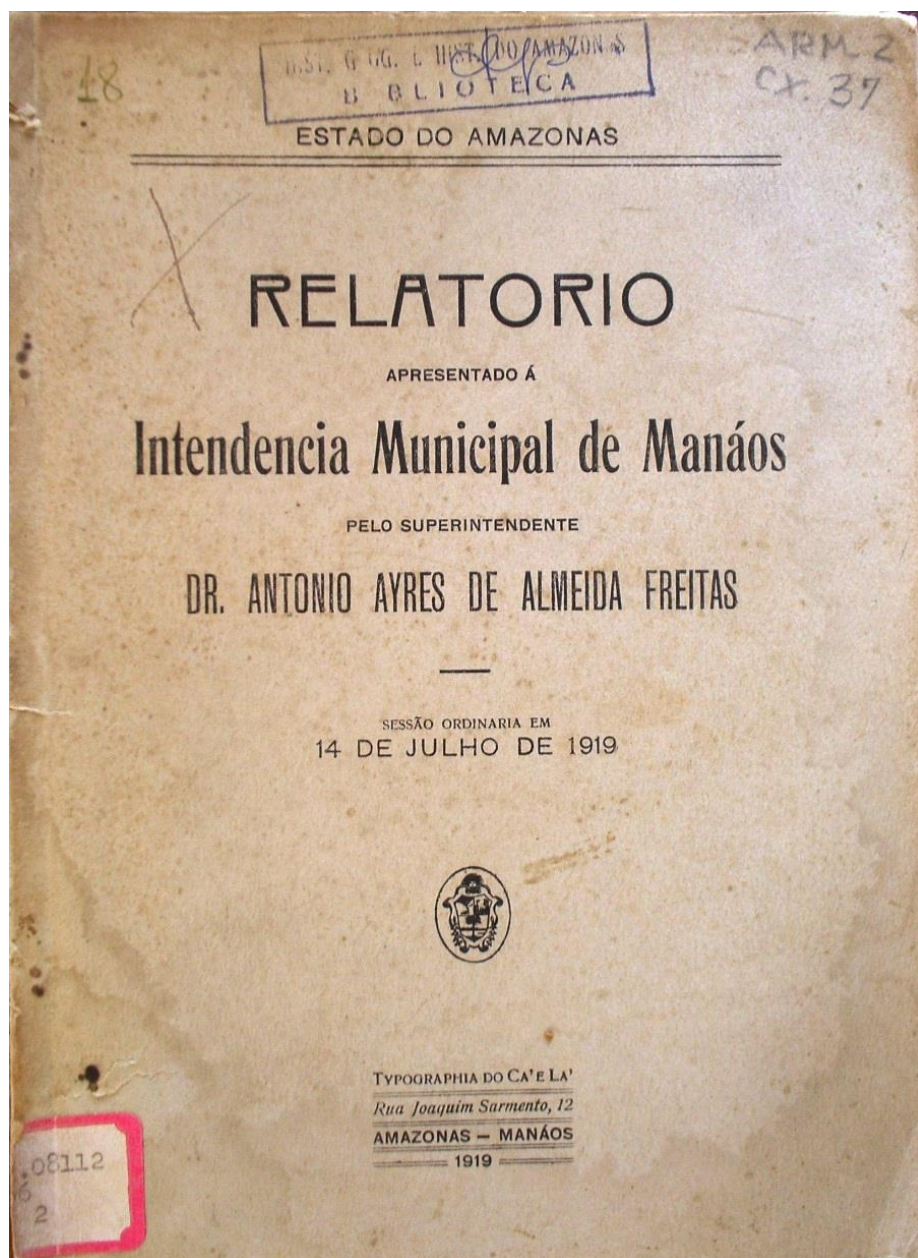


Figura 5. Capa do relatório da Intendência Municipal de Manaus, 1919.

Fonte: Biblioteca Ramayana de Chalivier do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA.

Outra documentação que também não foi utilizada pela historiografia para analisar a gripe Espanhola na cidade são os “Autos de Arrecadação do espólio”, documentos pertencentes ao arquivo do judiciário. São documentos dos falecidos, procedentes do arquivo da 2ª vara da família que estava no arquivo público do estado do Amazonas. Existem 23 espólios de vitimados pela gripe espanhola. Além de fornecerem detalhes sobre as condições sociais dos espanholados, alguns desses documentos são também essenciais para entender melhor a dinâmica dos doentes que eram enviados para

a capital, mas muitas vezes já chegavam falecidos. Na fotografia seguinte vemos o exemplo de um homem que morreu dentro de um barco, tendo as suas roupas incineradas.

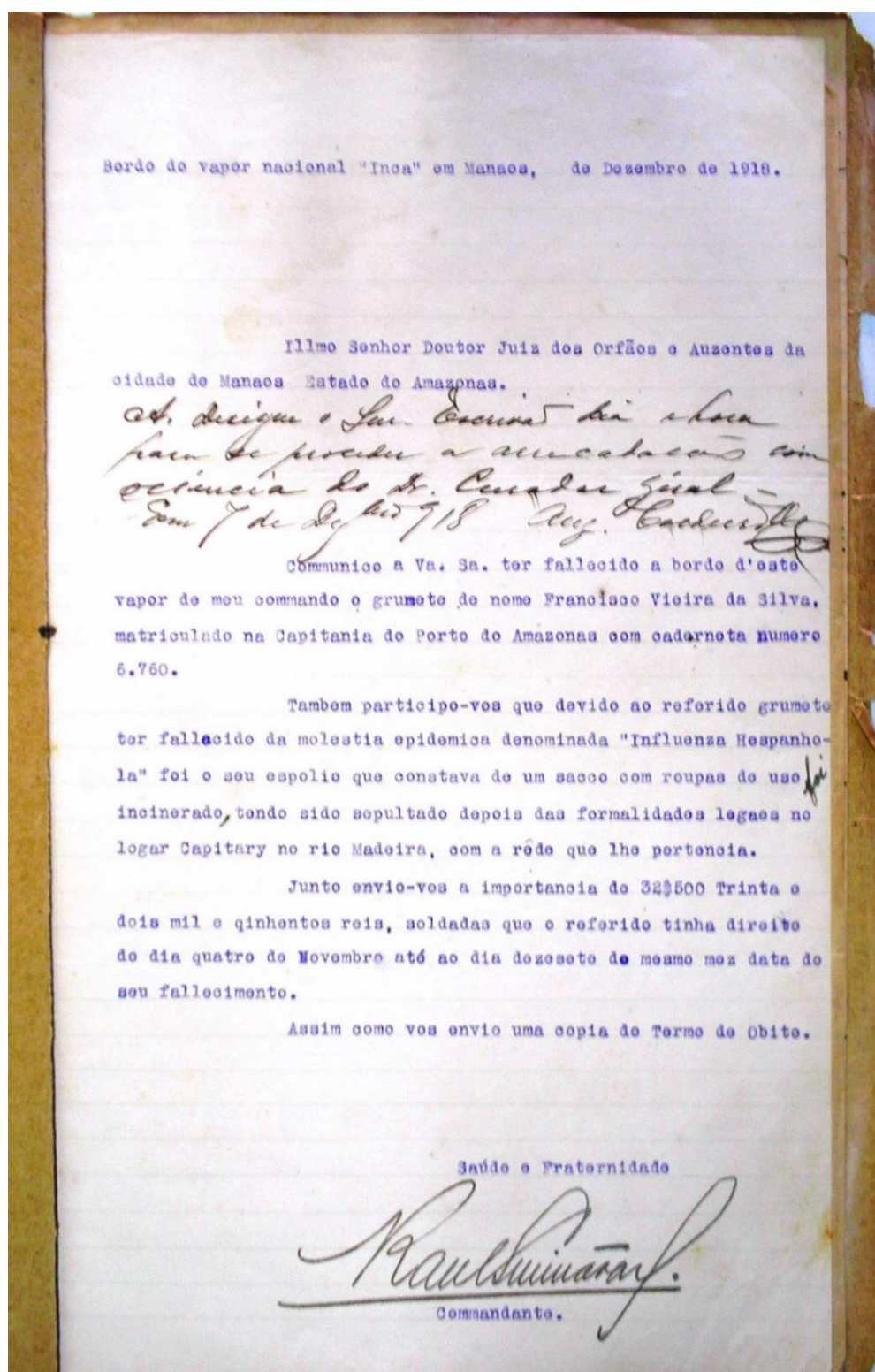


Figura 6. Termo de espólio de Francisco Vieira da Silva, 1918.

Fonte: Arquivo Central Júlia Mourão de Brito pertencente ao Tribunal de Justiça do Amazonas - (TJAM).

De todas as fontes até agora citadas, estas são de extrema importância para entender o evento pandêmico em Manaus. Ainda assim, podemos afirmar que a revista científica *Amazonas Médico*, tem a maior série de artigos científicos sobre a gripe espanhola. Nenhuma fonte documental, das que analisamos, registrou tantos detalhes sobre a gripe espanhola como esta revista. Nela foram publicados textos sobre a gripe e os médicos que estavam na frente de combate ao vírus, referindo também todas as lideranças de saúde que ocuparam os cargos da administração pública que combateu a *Influenza*. Nesses artigos é possível encontrar dados, reflexões e observações produzidos exatamente no contexto do evento da pandemia. Como já foi dito, a revista se enquadra na categoria das revistas científicas.

No que diz respeito ao Amazonas, importa referir a revista *Amazonas Médico*, periódico editado pela “Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas”. Toda a elite médica da cidade participava dessa Sociedade, tendo como seu principal representante o doutor Alfredo da Matta. A revista *Amazonas Médico* tinha formato semelhante à revista *Brasil Médico*, e era a única de perfil científico a circular na cidade. Segundo Júlio Cesar Schweickardt, a *Amazonas Médico* passou por três fases bem distintas. Neste trabalho analisaremos somente a segunda fase da revista, que vai de 1918 até 1922 (SCHWEICKARDT, 2011, p.102). Os principais mentores desse período foram os médicos Alfredo da Matta, Miranda Leão, Araújo Lima, Galdino Ramos, Sebastião Barroso Nunes, Astrolábio Passos, Pedro Alcântara Bacellar e Wolferstan Thomas, para citar alguns. Todos estiveram ativos no combate à gripe na cidade.

A *Amazonas Médico* N.^{os} 3-4, de 1918, publicada no início de 1919, contou com um artigo que fala diretamente sobre a gripe, o artigo “*Profilaxia da Gripe*”, da autoria dos médicos Galdino Ramos, Franco de Sá, Madureira de Pinho, Miranda Leão e Sebastião Barroso Nunes. Esse texto procurava explicar as principais medidas aprovadas pela Comissão de Combate à Gripe para conter a pandemia no Amazonas. Além disso, publicava na íntegra a Ata do “*Conselho Sanitário do Amazonas*”, realizado numa reunião extraordinária na sede do governo estadual, Palácio Rio Negro.

No Número 5, do ano de 1919, encontramos três artigos fundamentais para entender a gripe espanhola no Amazonas, o primeiro “*Notas sobre a pandemia de gripe no Amazonas*”, da autoria do médico Alfredo da Matta; o segundo, “*A gripe ou Influenza*”, do também médico Miranda Leão; e o terceiro “*Amaurose Gripal*”, do doutor Theogenes Beltrão. Além de trazerem estatísticas de vítimas na cidade, esses três artigos também contam detalhes da estrutura médica montada para conter e tratar a pandemia, além de

fornecerem detalhes da profilaxia utilizada. Já na revista N.º 7, de 1919, existe outro artigo da autoria do médico Guilherme Victor, com o título “*O Estado Sanitário de Itacoatiara: o episódio da gripe em fins de 1918*”, que trata das medidas postas em prática para o combate da pandemia no município de Itacoatiara. Ao falar sobre a pandemia, a *Amazonas Médico* abriu uma oportunidade única para refletir sobre a ciência médica com o grupo de médicos que propõem dialogar com os pares de todo o Brasil e América do Sul, tornando assim, esta publicação, um veículo importantíssimo de disseminação de procedimentos e tratamentos que estavam sendo propostos no campo da medicina.

Desde há muito que os jornais são fontes valiosíssimas para os historiadores e, no caso de Manaus, temos diversos periódicos que circulavam diariamente na cidade. No momento da chegada da pandemia de *Influenza* muitos desses jornais estavam dando destaque para o conflito bélico no continente europeu (I Guerra Mundial), o caso de cães com raiva e as disputas políticas que agitavam a cidade. Importa, no entanto, olhar estes jornais não somente como fontes de informação, mas também como um campo de debates e lutas sobre as narrativas que estavam sendo travadas, como acontecia com *O Imparcial*, *A Capital*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta da tarde* e *A imprensa*. A maneira como a imprensa manauara noticiou a pandemia, seja no alarme, seja dando menor importância à crise sanitária, pois a disputa dos partidos políticos também se travou nos jornais, permite perceber que as reações foram diversas e tiveram vários protagonistas, ligados sobretudo a partidos políticos ou a grandes elites da exploração da borracha, que mesmo no período da decadência econômica dominavam a política local.

Dentre os jornais que serão trabalhados por esta pesquisa destacamos os já citados acima que de nenhuma maneira não estavam alheios aos grupos políticos da cidade, e essa perspectiva direciona muita de como as reportagens aparecem nas páginas dos jornais. O “*A Imprensa*” por exemplo, um jornal que circulava diariamente na capital desde 1916, ano de sua fundação, estava ligado ao Partido Republicano Amazonense, e tinha como seu diretor o médico Alfredo da Matta, o mesmo médico que no momento da pandemia de gripe espanhola era médico chefe da Seção de Higiene de Manaus, cargo equivalente ao secretário municipal de saúde. O jornal sempre destaca com heroísmo a atuação dos médicos no combate a *Influenza*, com destaque ao governador Alcântara Bacellar, e também do posto Madame Bacellar que funcionava no teatro Amazonas, que além de servir como enfermaria também distribuiu comida para a população pobre na pandemia.

Os documentos normativos são também essenciais. Leis, regulamentos sanitários e decretos norteavam as ações dos gestores públicos, sendo um excelente repositório de informações sobre a *Influenza*. Alguns exemplos das fontes que encontramos na nossa pesquisa que correspondem a essa tipologia são: Código de Postura do Município (1893, 1904 e 1910); Código Municipal, Intendência Municipal Lei N.º 23 de 6 de Maio de 1893; *Digesto do Município de Manaós*, Tomo I, Leis orgânicas e comuns (1828-1906); *Digesto do Município de Manaós*, Tomo II, Leis orçamentárias (1853-1906); Regulamento do Serviço Sanitário do Estado do Amazonas a que se refere o Decreto N.º 649 de 30 de Dezembro de 1903 e o Serviço Sanitário Distrital instrução a que se refere o decreto N.º 173, de 15 de julho de 1897.

O estudo da *Hespanhola* em Manaus também não deve desconsiderar os ofícios manuscritos das instituições de saúde pública ou particular. Tal como foi possível concluir da análise que encetámos a estes documentos, eles contêm registro diário das ações tomadas pelos administradores das referidas instituições. Integram esses acervos diversos livros e papéis avulsos, tais como: Livro Higiene Pública Ofícios Recebidos; Ofícios manuscritos da Inspetoria de Saúde do Porto; Minutas Higiene Pública; Ofícios da Diretoria do Serviço Sanitário do Estado do Amazonas; Ofícios ao Inspetor de Higiene Pública; Ofícios da Fiscalização dos Esgotos; Ofícios da Higiene Pública; Ofícios da Inspetoria de Higiene Pública; ofícios da Santa Casa de Misericórdia; Ofícios da Vigilância Sanitária e ofícios da Saúde Pública.

Como se percebe por este balanço crítico a propósito das fontes, o objeto de análise desta dissertação necessita de ser estudado com base no cruzamento do maior volume possível de fontes, de tipologias e proveniências diferenciadas, sendo esta a principal novidade metodológica e analítica deste estudo, já que os anteriores não procederam desta forma.

1.4 As doenças e a reflexão histórica: experiências do presente e do passado

As epidemias sempre marcaram a história da humanidade e, por isso, têm sido um tema que tem despertado algum interesse por parte dos historiadores especializados nos campos da saúde e da doença. No Brasil e no mundo, todos os anos são publicados diversos trabalhos sobre as doenças ao longo dos vários períodos da história. Este fato,

contudo, não significou que as pandemias do passado tenham mudado a condução de doenças e epidemias contemporâneas. Em recente artigo, as historiadoras Lorena Ribeiro Zem El-Dine e Vanessa Pereira da Silva e Mello (2021), com o sugestivo título “A Gripe espanhola como lição”, relatam como a pandemia voltou para os noticiários da imprensa brasileira, muitas vezes como baliza na comparação com a pandemia de Covid-19. Isso não significou que medidas em larga escala no Brasil fossem postas em prática antes da chegada do vírus. Houve inclusive na cidade de Manaus, com o Coronavírus, sepultamentos coletivos em valas comuns, tal como aconteceu em 1918, e o colapso do sistema de saúde no combate ao vírus, exemplificado com o caso emblemático da falta de oxigênio na cidade²¹,

Considerada como o cenário mais parecido com o da pandemia de Covid-19, no que diz respeito às ações necessárias para o enfrentamento da doença, a pandemia de um século atrás foi lembrada para defender a adoção e a manutenção das medidas precoces de isolamento social, dos cuidados higiênicos, do uso de máscaras, assim como a ação centralizada e coordenada entre autoridades da saúde pública e lideranças política (Zem El-Dine & Silva e Mello, 2021, p.31).

Na memória coletiva, não havia já lembrança recente de uma doença de grandes proporções, impacto e escala, até que na quarta-feira 11 de março de 2020 o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom²², comunicava ao mundo a existência de uma pandemia em escala global, causada pelo Novo Coronavírus (Sars-Cov-2) ou Covid-19. Conhecido como “Coronavírus”, com um alto índice de transmissão entre seres humanos por ser uma doença viral, foi classificado como uma zoonose, já que o depósito natural do vírus era um animal, neste caso os morcegos.

O Coronavírus não é exatamente desconhecido da humanidade. Datam de 1912 as primeiras descrições de doenças causadas pelo Coronavírus. Em 1937 foi isolado, mas somente 1960 seu papel em zoonose foi reconhecido. Essa breve regressão temporal é

²¹ A falta de oxigênio na cidade de Manaus durante o auge da crise da pandemia de Covid-19 ainda carece de muitos dados para sua melhor explicação, mas no mínimo revelam a ineficiência do estado do Amazonas no combate a pandemia de Covid-19. <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>

²² Tedros Adhanom Ghebreyesus, possui mestrado em Imunologia de Doenças Infecciosas pela Universidade de Londres e doutorado em Saúde Comunitária pela Universidade de Nottingham, nasceu na Etiópia e desde 2017 ocupa o cargo de diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) após se destacar como ministro da saúde de seu país, sendo o primeiro diretor geral que não é formado em medicina, Tedros é biólogo de formação. Para saber mais consultar: <https://www.britannica.com/biography/Tedros-Adhanom>; <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-tedros-adhanom-ghebreyesus-diretor-geral-da-oms/>.

fundamental para a compreensão da Síndrome Respiratória Aguda Grave como doença com historial remoto de potencial pandêmico, sendo por exemplo conhecido um surto em 2002, em Guangdong, província chinesa (Silva & Angerami, 2008). Mesmo que boa parte da população ocidental nunca tenha ouvido falar sobre as doenças causadas pelo Coronavírus, tivemos diversos surtos nesse início de século XXI. Em 2012 foi descoberta na Arábia Saudita a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV) que se espalhou por países do Oriente Médio, mas não evoluiu para uma pandemia, embora na época essa possibilidade não tenha sido descartada, dado o alto índice de transmissibilidade do vírus (TESINI, 2020).

O fato de a humanidade ter vivenciado novamente uma pandemia depois de cem anos, além de mobilizar laboratórios e grandes empresas estatais e privadas em busca de uma cura ou uma vacina, influencia diretamente o modo de pensar e refletir sobre eventos idênticos ocorridos no passado. Novas perguntas e questionamentos surgem com a experiência pandêmica do presente, e novas indagações estão sendo feitas na atualidade pelos historiadores sobre os longínquos anos de 1918 e 1919 do século passado²³.

É de fato inegável que a reflexão histórica sobre a pandemia de Gripe Espanhola (1918-1919) mudou com a pandemia de Covid-19 (2020-2022²⁴), sobretudo relacionada com questões como a “previsão” de catástrofes pandêmicas e o combate à doença. Nesta tese não entraremos na discussão se seria possível prever ou não uma pandemia, mas os historiadores podem refletir sobre a maneira como lidamos e absorvemos o impacto da doença, que apresenta no mínimo diversas variantes e contextos históricos distintos, sendo possível detetar algumas semelhanças entre o presente e o passado sem cair em anacronismos. Talvez sejam essas semelhanças os pontos frutíferos para uma análise histórica. No ensaio sobre “A história e a previsão do futuro” O historiador inglês Eric Hobsbawm (1998) indica pontos importantes sobre o passado que têm seus reflexos nas ações do presente, pois a leitura do passado de uma certa forma influencia as nossas decisões, pois a memória e a experiência são sempre levadas em consideração numa tomada de decisão sobre tratamento ou enfrentamento de doenças ou qualquer outro

²³ Aliás um ponto bastante instigante seria refletir sobre a influência da escrita da história a partir da pandemia atual de Covid-19, e como o modo de pensar uma pandemia está mudando a escrita da história das doenças no Brasil e no mundo.

²⁴ O ano de 2020 indica o início oficial da pandemia de Covid-19 decretado pela OMS, e o ano 2022 indica um relativo controle sobre a pandemia, inclusive com o desenvolvimento da vacina, mas até o momento da escrita desta pesquisa a pandemia não acabou.

evento. Então, como diz o autor, pensar o futuro não é impossível do ponto de vista do exercício histórico de pensar a sociedade que vivemos,

“As estruturas das sociedades humanas, seus processos e mecanismos de reprodução, mudança e transformação, estão voltados a restringir o número de coisas passíveis de acontecer, determinar algumas das coisas que acontecerão e possibilitar a indicação de probabilidades maiores ou menores para grande parte das restantes. Isso implica um certo grau (admitidamente limitado) de previsibilidade – mas, como todos nós sabemos, isso não é, de modo algum, o mesmo que presciência” (Hobsbawm, 1998, p.50).

Eric Hobsbawm estava falando de memória e experiência que, consciente ou não, pesa na tomada de decisões sobre assuntos relacionados com o futuro. É justamente a reflexão que leva em conta a experiência humana na história que lança o desafio de refletir sobre o nosso objeto de estudo. Então podemos sim estabelecer algumas conexões entre as pandemias de Covid-19 e de gripe espanhola e, tendo em conta a experiência atual, revisitar o passado e fazer no mínimo “perguntas” até então imponderáveis. Hobsbawm criticou a não participação da ciência histórica em questões do presente, incluindo as doenças, pois os eventos passados devem orientar as políticas de saúde pública do presente. Deixar os historiadores fora do debate público do combate as epidemias pode significar não levar em consideração diversos fatores que já aconteceram no passado e que podem se repetir, não exatamente da mesma maneira, mas com o mesmo roteiro de acontecimentos,

“A mera experiência histórica sem muita teoria sempre pode nos dizer muita coisa sobre a sociedade contemporânea. Isso em parte acontece porque os seres humanos são quase os mesmos, e as situações novos mais velhos podem frequentemente dizer “**já vi isto antes**”, assim também os historiadores, com base no registro acumulado de muitas gerações. E isso é muito relevante” (Hobsbawm, 1998, p.39).

A partir da reflexão de Hobsbawm podemos entender como a ciência histórica é muitas vezes negligenciada do ponto de vista no combate às epidemias do presente. Por mais que no Brasil e no mundo a historiografia seja prolixa sobre as doenças do passado, há sempre questões não levantadas e conhecimento histórico que após ser gerado pode ser útil para colocar em prática novas políticas públicas de prevenção e enfrentamento de doenças.

No campo temático de história das doenças no Brasil já existem vários grupos com congressos específicos²⁵ para estudo histórico da doença. Aliás, a produção acadêmica sobre a atual pandemia e história das doenças, tem tido um verdadeiro *boom* de produção historiográfica, desde o início da pandemia de Coronavírus, no ano de 2020. Multiplicaram-se os trabalhos sobre a História das Doenças, o que fez aumentar sobretudo o número de publicações sobre a pandemia de Gripe Espanhola de 1918. Nesse período, revistas especializadas publicaram diversos “Dossiês” com a temática da “*História da saúde e da Doenças*”²⁶. Esse movimento editorial internacional já nasceu com a necessidade de se refletir a pandemia numa perspectiva global e ao mesmo tempo local dialogando diretamente com a pandemia de Covid-19. Podemos citar a livro das historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling “A Bailarina da Morte: A gripe espanhola no Brasil” (2020)²⁷, em que as autoras realmente se propõem a refletir sobre a pandemia de gripe em todo o território nacional, ao mesmo tempo fazendo alusão e perguntas nascidas com a Covid-19. Demonstrando claramente a tendência de reflexão histórica sobre a pandemia com questões do presente, o “novo olhar” dos pesquisadores leva em conta a própria experiência do Coronavírus, imprimindo uma análise com novos dilemas que podem ser observados a partir de novas perguntas ou da ampliação das fontes utilizadas.

Podemos observar que as perguntas refletidas nessa obra estão diretamente relacionadas com as questões surgidas na pandemia de Covid-19, que marca a historiografia recente sobre a gripe espanhola e covid-19, existindo ou uma comparação ou uma relação direta entre os dois eventos pandêmicos. Foram muitos os livros sobre a Covid-19 lançados durante esses tempos pandêmicos, com destaque para a coleção

²⁵ Podemos citar o congresso da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) que conta com um seminário bianual e grupos de pesquisas já consolidados: <https://www.sbh.org.br/>, além da Revista da Sociedade Brasileira da História da Ciência, com publicação periódica e acesso gratuito, ver: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/issue/view/60>.

²⁶ Nesta dissertação discutiremos com mais detalhe a produção historiográfica sobre as doenças no Brasil e no mundo, realizada principalmente por revistas especializadas de História. Neste período novas pesquisas sobre a gripe espanhola no Brasil foram publicadas.

²⁷ Posteriormente iremos analisar melhor o livro no capítulo que tratará da historiografia sobre a gripe espanhola.

publicada pela Fiocruz, da série “Informação para ação na Covid-19²⁸”, com 4 volumes, que aborda desde os impactos sociais da Covid-19 até aos cenários epidemiológicos.

A pandemia de Coronavírus na historiografia brasileira já nasceu estabelecendo um diálogo com a pandemia de *Influenza* de 1918, entre aproximações e distanciamentos, semelhanças e diferenças. De certo modo isso é fruto dos avanços no campo da história comparada e da história global e, mais especificamente, na Saúde Global, que nos últimos anos priorizaram análises de doenças em contextos nacionais e internacionais, com conexões até com outros tempos históricos.

A história comparada já há muito tempo que é utilizada pelos historiadores e já conta com muitos trabalhos na historiografia brasileira. Desde os textos do renomado historiador francês Marc Bloch, que sistematizou esse método comparativo na história (BARROS, 2014), muitas pesquisas brasileiras utilizaram essa ferramenta para suas análises e comparações de tempos históricos distantes no tempo e no espaço geográfico, o que exige bastante do pesquisador, sobretudo o cuidado em não cair nas armadilhas do anacronismo em suas análises ao comparar contextos sociais distintos.

Nesse ponto estamos falando de uma pandemia, o que significa um vírus espalhado por todos os países do globo terrestre, atacando e vitimando populações nos mais diversos contextos sociais e econômicos. Em suma, as respostas que são dadas à pandemia podem ser semelhantes no mundo todo, ou específicas numa dada cidade. As ações, tanto no combate ou na profilaxia, podem também diferir ou não. Para isso uma análise global do evento pandêmico dará mais opções de análise, ou até mesmo de comparação de como o vírus começou ou se espalhou nesses países, ou quais as respostas foram dadas a pandemia.

Pensar e refletir dessa maneira nos leva a uma perspectiva global do acontecimento sanitário, pois no momento que pensamos na pandemia e seus desdobramentos no mundo todo, nos aproximamos do ponto de vista da história global. Nesse ponto o historiador Sebastian Conrad (2016), um dos renomados teóricos da história global, como abordagem ou metodologia, nos ajuda a refletir em fronteiras geográficas desconhecidas, por exemplo, pelo vírus da Covid-19, que assim como no passado com o vírus da *Influenza*, chegou a todos os continentes do globo.

²⁸ A coleção da editora Fiocruz foi lançada no decorrer da pandemia, inclusive o volume II da série com o título “Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia” foi finalista do prêmio Jabuti na categoria Ciências: <https://www.premiojabuti.com.br/5-finalistas/>.

Mas diferentemente da historiografia da gripe espanhola, que na sua maioria tinha uma preocupação com uma cidade em particular, o da Covid-19 já em parte contempla análises de diversos países do globo. Análises de cenários epidemiológicos, índice de mortalidade, curados, velocidade da transmissão do vírus, são temas refletidos em grandes cidades do mundo, como Nova York, São Paulo, Paris, ou mesmo em cidades chinesas²⁹ até então desconhecidas. Quando o historiador se propõe a comparar cidades de países diferentes, ou a captar processos de integração estruturada que resultaram de conexões entre pessoas que circularam por várias latitudes do planeta estará do ponto de vista analítico a ultrapassar as barreiras nacionais, e a superar o nacionalismo metodológico.

Estudar uma pandemia, como a Espanhola, implica não restringir a análise a um espaço geográfico limitado ou circunscrever o olhar a um evento específico. Importa refletir sobre as interconexões, sobre os contatos, sobre as relações e os intercâmbios, sem descuidar ao mesmo tempo factos locais, como as inúmeras fiscalizações nos portos marítimos e fluviais, que limitaram o desembarque de pessoas com os sintomas da gripe. Contudo, como referiu Matta a escala global não significa que o fenômeno estudado seja universal e homogêneo:

“É possível estabelecer padrões, identificar seu patógeno, compreender a sua mecânica biológica e sua transmissibilidade. Mas um vírus sozinho não faz pandemia, tampouco explica o processo saúde e doença presente em diferentes contextos” (Matta, 2021, p.15)

Hoje, num estudo pandêmico, não podemos ignorar essas questões legadas pela perspectiva da história global, que acima de tudo é um exercício de pensar a história numa dimensão mais ampla, ou poderíamos ignorar as recomendações da OMS num estudo sobre Covid-19? Ou ignorar os deslocamentos de combatentes na I Guerra Mundial e sua relação com a disseminação da Gripe Espanhola?

Steven Palmer (2015), no livro “Gênese da Saúde Global” reflete sobre a concepção da “Saúde Global” que teve sua gênese ainda no século XIX a serviço do imperialismo europeu, muito mais ligado à própria sobrevivência de colonos na periferia mundial do que exatamente uma ajuda humanitária. A obra de Palmer, que teve uma preocupação maior com Caribe e América Latina, destaca a atuação da Fundação Rockefeller, e as diversas agências, comissões e laboratórios que funcionaram na

²⁹ A cidade chinesa de Yuan é apontada como a origem da pandemia de Covid-19.

América como parcerias internacionais para combater alguma doença. Isso teria proporcionado intercâmbio de médicos e tratamento de diversas epidemias, mesmo que a relação se desse Centro/Periferia, de certa maneira o debate sobre os avanços da medicina estabeleceu um diálogo entre esses países mesmo com contextos totalmente diferentes.

Entender então a Saúde Global é estabelecer essas relações entre médicos, tratamentos, mesmo que não seja uma regra engessada, pois muitas vezes os recursos financeiros e humanos disponibilizados não deram conta dos desafios imposto pela doença, que exige toda uma infraestrutura de saúde para sua execução.

Para entender esses contextos muitas vezes bastante específicos o campo historiográfico que trata a história da saúde pública a um relativo tempo tem se desenvolvido no Brasil, tendo como um campo maior da história das ciências. Hoje, pelo número considerado de historiadores dedicados a essa temática, podemos dizer que já se consolidou no Brasil, mesmo que esse cenário ainda seja carente no Amazonas, pois faltam trabalhos de pesquisa histórica que contemplem a história regional e local. Mas voltando para o campo historiográfico muitas linhas de pesquisas compõe a área como por exemplo: História das Prática de Cura; História das Instituições de Saúde; História da Saúde Pública; História das Ciências Médicas; História das Pandemias, e o campo mais utilizado pelos profissionais brasileiros, a “História da saúde e das doenças”.

Estabelecer uma cronologia linear de campo historiográfico não é simples, porque durante muito tempo médicos e profissionais da saúde desenvolveram pesquisas que resultaram muitas vezes em livros citados até hoje. Muitas vezes herdeiros do positivismo ou de uma história mais ufanista, é certo que tentaremos começar essa descrição muito mais ligada aos avanços metodológicos que já foram bastantes influenciados pela historiográfica herdeira dos *Annales*.

George Rosen é um autor essencial neste contexto, embora no seu estudo intitulado “Uma história da Saúde Pública” (1994), apresente uma visão linear da história da saúde pública, muito ligada à ideia de um desenvolvimento da medicina, algo característica da escrita desse período. Contudo, Rosen desperta a necessidade de se fazer uma história da saúde pública, das doenças e dos tratamentos historicamente aplicados em diversas sociedades ocidentais. Faz uma relação direta do capitalismo industrial e a criação da medicina social como instrumento para atender a grande massa de operários, constantemente acometidos das mais diversas doenças, muitas das quais estavam relacionadas diretamente ao trabalho fabril e as condições miseráveis as que estes trabalhadores eram submetidos,

“Uma série de febres tinha despertado a consciência de que a congestão de fabricas e moradias condicionava o florescimento e a difusão de doenças. Durante o inverno de 1795, a disseminação do tifo exantemático já havia levado à formação de um conselho de Saúde, voluntário (...) enquanto o século XIX avançava, o crescimento das condições insalubres superou em muito as tentativas de melhoria” (Rosen, 1994, p.157).

Do ponto de vista do entendimento da história da saúde pública e da historização do tema, o trabalho de Rosen foi importante principalmente para os primeiros trabalhos sobre a temática no Brasil, embora ligado à história factual ou à tradicional e memorialista “História da Medicina”. Contudo, a importância dos trabalhos de Rosen está principalmente em relacionar a história da Saúde Pública como parte integrante da vida das populações urbanas, características das sociedades capitalistas ocidentais, permitindo compreender como é que historicamente se constituíram muitos dos sistemas de saúde pública no mundo. Nesse mesmo caminho metodológico Rosen também publicou “Da Polícia Médica à Medicina Social”, onde narrou a relação do aparato público com a prática da medicina com o Estado, muitas vezes em estreita relação com a política e a economia.

Já Michel Foucault com a obra “Microfísica do poder” (2017), publicada em 1978, também refletiu sobre a constituição da medicina social. Foucault também relacionou o surgimento de uma medicina social ao fortalecimento do Estado, mas também a necessidade de cuidado dos operários no início da revolução industrial e dos trabalhadores fabris, e principalmente a partir da criação da *Lei dos Pobres*, e a necessidade da assistência médica aos operários das fábricas, características dessa fase da revolução industrial, pois a assistência tinha como alvo principal os operários.

Tentando se afastar da linha de pesquisa ligada aos memorialistas, uma nova e salutar tendência metodológica vem se destacando na investigação histórica das doenças, principalmente com o lançamento da coletânea “Uma história brasileira das doenças”, que já conta com o volume 10, que aborda há mais de dez anos no Brasil pesquisas de várias regiões brasileiras ligadas a temática da saúde e da doença, muitas desenvolvidas em universidades e oriundas de grupos de pesquisas ligados ao CNPQ.

Os historiadores Armus e Hochman (2004) no livro “*Cuidar, Controlar e Curar*” expõem detalhadamente como esse campo de pesquisa histórica está consolidado na América latina e Caribe. Além de refletir sobre diversos temas relacionados com a saúde

pública nesses territórios, o livro apresenta um texto introdutório que revela o quanto as pesquisas históricas sobre a saúde e a doença tem se desenvolvido na América Latina, sua consolidação metodológica e discussões com uma identidade própria (ARMUS & HOCHMAN, 2004). O estudo denota uma certa confluência metodológica com a conhecida “História Vista de Baixo” (BURKE, 1992). Além dos já referidos trabalhos, o livro que foi fruto da tese de doutorado em história sobre a gripe espanhola, de José Maria Abreu, também fala sobre “história dos pacientes” (ABREU JUNIOR, 2018).

Por não ser um campo estático, mas em pleno desenvolvimento historiográfico, podemos retornar para meados dos anos de 1980 do século XX, período que praticamente todas as pesquisas históricas sobre doenças eram desenvolvidas por médicos ou outros profissionais da saúde, ligados quase que exclusivamente a uma historiografia tradicional, pois não era incomum a existência de biografias de médicos com exaltação de seus grandes feitos, heróis da nação. Conhecido como História da Medicina, tinha uma preocupação quase que exclusiva em exaltar os feitos dos grandes médicos, sumidades quase que inquestionáveis, que é um traço marcante nesse tipo de historiografia, traduzido como obra de grandes médicos. Objetivamente a concepção característica era *“a ideia do progresso humano na história, hoje é melhor que ontem, e o amanhã será obrigatoriamente melhor que hoje”*. (AGUIRRE ROJAS, 2007, p.26). As obras clássicas glorificaram as grandes descobertas dos médicos, sem realizar reflexões sobre contextos, conjunturas sociais e políticas, apresentando muitas vezes o protagonismo de apenas um médico sem, contudo, colocá-lo numa rede de relações, agências e procedimentos metodológicos desenvolvidos em outros contextos sociais. Essas produções, segundo Hochman (2004), têm como características principais,

“Da utilização pouco reflexiva das fontes e dos documentos; da transformação dos enunciados de intenções dos atores em suas ações e realizações; das generalizações continentais de experiências locais; da ausência de mediações concretas entre micro e macroprocessos sociais, da reificação de conceitos, das reconstruções históricas política e ideologicamente interessadas, dos argumentos teleológicos, das interpretações conspiratórias ou triunfantes da ciência e da medicina” (Hochman, 2004, p. 12).

Num contexto mais geral a historiografia brasileira já estava em franca mudança no final do século XX. Influenciada por historiadores como Marc Bloch, Lucien Lebre e a Escola dos *Annales*, culminou com o avanço dos programas de pós-graduação, revistas especializadas e grupos de pesquisas (Hochman, 2004) impulsionando a investigação

sobre a saúde pública no Brasil. Deste modo, a consolidação do campo historiográfico agora chamado de “História da saúde e da doença” se deu nessas últimas décadas e a problematização das pesquisas e a inovação metodológica passaram a ser uma característica desses trabalhos, que valorizaram o diálogo com as diversas ciências e com os contextos históricos, entendendo a doença como fenômeno biológico, social e político. Já na saúde pública, *“as análises passam a se voltar para as relações entre poder público, medicina e sociedade, espraiando-se numa multiplicidade de temas, nos quais a construção nacional muitas vezes assume centralidade”* (Gazêta, 2006, p.10).

É importante referir que esse novo campo historiográfico rompe definitivamente com a tradicional história da medicina, ao propor diversas inovações metodológicas já disseminadas entre os atuais grupos de pesquisadores. Segundo Hochman (2004), podemos dividir em três principais estilos narrativos, que para efeitos de melhor compreensão descreveremos como sendo o primeiro os processos de industrialização e avanço tecnológicos da medicina, relacionando com a urbanização das cidades e a produção de conhecimento científico que valoriza as interfaces regionais:

“O primeiro [estilo] refere-se a uma história biomédica que pretende compreender as tensões entre a história natural da doença e algumas das dimensões de seu impacto na sociedade e as relações entre natureza e sociedade, buscando contextualizar o saber médico, explorando muitas das variáveis e transformações que marcam as etapas do processo de produção do conhecimento científico, assim como o seu resultado, especificamente no que se refere ao campo do conhecimento biomédico. Esta vertente da historiografia analisa as redes individuais e institucionais, os intercâmbios internacionais, as comunidades científicas, a construção do lugar dos cientistas, dos médicos e a medicina nas sociedades modernas, como também as possibilidades de se produzir ciência fora dos centros hegemônicos” (Hochman, 2004, p.13).

A relação dicotômica Centro/Periferia de produção de conhecimento agora aparece sob um olhar de que a periferia muitas vezes resignificou os saberes oriundos do centro, estabelecendo diálogos muitas vezes com os saberes locais. O segundo estilo refere-se à história da saúde pública, aqui entendida como um processo que exige o diálogo com as estruturas do Estado,

“Que leva em conta as relações entre instituições de saúde e estruturas econômicas, sociais e políticas, focalizando o poder, o Estado, as políticas, as instituições e os profissionais de saúde, o impacto das

intervenções na área da saúde pública e as respostas públicas e sociais à chamada transição epidemiológica” (Hochman, 2004, p.14).

O segundo estilo compreende as instituições de saúde e suas estreitas relações com as estruturas econômicas, sociais e políticas, assim como os embates e os protagonismos dos profissionais de saúde, que respondem às demandas impostas pelos contextos locais, bem como a utilização de práticas de cura oriundas dos diferentes saberes locais e que muitas vezes difere da medicina alopata.

O terceiro estilo compreende uma análise sociocultural da doença, considerando não somente o seu agente etiológico, vírus ou bactérias, mas principalmente levando em consideração a subjetividade humana, ou seja, levando em conta a sociedade na qual o paciente estava inserido:

“investiga os processos de profissionalização e burocratização, as relações entre medicina, conhecimento e poder, as dimensões culturais e sociais da doença em sentido amplo, suas representações e metáforas sociais, as condições de vida e seus efeitos no que refere-se às taxas de morbidade; as respostas estatais e sociais às epidemias; o higienismo como ciência e a higiene como cultura, práticas e praticantes de curas e ‘outras medicinas’, assim como seus praticantes; as instituições e os instrumentos de controle social, as influências externas e os intercâmbios internacionais no desenvolvimento médico-sanitário nacional e local, as políticas de saúde, ideologias e os processos mais amplos de construção dos Estados nacionais. É esse estilo que tem sido frequentado pela produção universitária em história social e história cultural que toma a saúde e a doença como objetos de pesquisa e reflexão” (Hochman, 2004, p. 15).

Essa terceira concepção tem sido bastante discutida nas pesquisas históricas, principalmente nos processos de construção dos Estados nacionais, as respostas locais a eventos epidêmicos e o desenvolvimento de instituições de saúde e políticas de saúde pública. Em recente artigo, a historiadora Dilene Nascimento (2018) refletiu sobre a sociedade e a representação social da doença, dizendo que o estudo história das doenças possibilita “compreender uma sociedade de uma dada época, a partir das redes estabelecidas no âmbito das manifestações socioculturais”. Segundo a mesma, isso decorre do fato de que os processos relativos ao adoecer e à cura são “socialmente vivenciados e construídos”, o que levanta várias possibilidades de análise da doença: “a perspectiva de quem adoece, de quem sofre e de quem a trata” (Nascimento, 2018, p. 46).

Através das fontes documentais disponíveis procuraremos estabelecer diálogos com a historiografia, com os agentes participantes dos tratamentos e curas, e suas estreitas

e subjetivas relações. Essa compreensão é de suma importância, pois nossa pesquisa também pretende estabelecer diálogos com a experiência histórica da pandemia de Covid-19, já que diversas perguntas e reflexões emergiram dentro do contexto atual. Os olhares dos historiadores alargaram, no sentido que perguntas contemporâneas e a similaridade das duas pandemias abriram outras possibilidades de compreensão da pandemia de gripe espanhola. As condições diversas do fenômeno biológico podem ter respostas diferentes numa mesma cidade, dadas as suas dimensões. Por exemplo o tratamento da gripe espanhola em Manaus de 1918 foi bastante diferente entre a periferia e a cidade, bem como também houve diferenças consoante as pessoas morassem no centro, na capital ou no interior do Estado. São também essas nuances que é preciso analisar e expor.

CAPÍTULO II

“O LIVRO DOS MORTOS”: O CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA E A MORTALIDADE EM MANAUS

2.1 O cemitério e a contabilidade dos mortos

A relação dos cemitérios da cidade de Manaus com o controle das doenças se deve muito à forma como a saúde pública era entendida e administrada pela Diretoria de Higiene pública. Como vimos anteriormente, com a prosperidade vinda com a comercialização da borracha e a necessidade de um controle sobre a população que chegava em Manaus, os mecanismos elaborados pela higiene pública procuraram ser mais atuantes, sendo vistos como fundamentais para o combate das doenças. Nessa estrutura

identificamos dois pontos fundamentais, o porto de Manaus, que recebia diariamente inúmeros navios com passageiros de passagem ou que se fixaram na cidade, e os cemitérios, fundamentais para identificar possíveis epidemias, e para a contagem da população.

Sofrendo com epidemias desde o século XIX Manaus, em certa medida, aplicava as medidas profiláticas postas em prática em diversos locais do mundo. É importante, neste contexto, referir o relatório “Geografia e Topografia Médica”, publicado de acordo com a lei N. 828, de 1 março de 1916, que tinha como objetivo mapear a cidade para um eficaz combate as doenças, o qual contava com diversos mapas da cidade.

O relatório ao se referir sobre a demografia da cidade, mostra claramente a preocupação com os dados da população, já que Manaus vinha desde o século XIX com acréscimos na sua população em decorrência da entrada de migrantes atraídos pela prosperidade advinda da comercialização do látex, tema bastante debatido com historiografia local, que apontam principalmente para o grande crescimento demográfico ocorrido em Manaus e na Amazônia. Alfredo Matta, médico responsável pela elaboração do relatório, explica que utilizaram os métodos desenvolvidos por Adolphe Quételet (1796-1874), principalmente nas estatísticas da população, e usando como exemplo os bem-sucedidos censos demográficos realizados na Holanda e na Bélgica em 1830 por Quételet. O médico francês Louis-Adolphe Bertillon (1821-1883) também é citado como referência na elaboração das estatísticas de Manaus, esses dois personagens citados pelo médico Alfredo da Matta mostravam no mínimo que existia um constante diálogo com experiências europeias relacionados ao censo populacional.

Na ocasião o médico faz uma crítica aos censos passados que calcularam a população da capital, incluindo o censo geral de 1900³⁰. Para realizar a contagem da população o porto flutuante era essencial para o registro de entrada das pessoas, visto como ponto fundamental e principal entrada para o estado do Amazonas, o porto, o que de fato para Manaus era compreensível. Alfredo da Matta contava com um aparato estatal para a contagem e registro das pessoas que chegavam na cidade e permanecia, e as que se deslocavam para outras localidades do estado. Na capital era a polícia do porto, que realizava o controle entrada e saída de passageiros, sendo peça fundamental na contabilidade e confiabilidade dos dados.

³⁰ No Brasil até 1920 houve três censos gerais, o primeiro em 1872, e o segundo em 1900 e o terceiro em 1920.

<i>Movimento de passageiros e população em 1908</i>			
Entradas do interior do Estado :			
Nacionais.....	11.753		
Estrangeiros.....	1.709		
do exterior do Estado :			
Nacionais.....	11.426		
Estrangeiros.....	4.260	29.148	
Saídas para o interior do Estado :			
Nacionais.....	7.668		
Estrangeiros.....	1.042		
para o exterior do Estado :			
Nacionais.....	9.573		
Estrangeiros.....	4.825	23.108	
Passageiros que ficaram na capital.....	—	6.040	
50 % que se fixaram na cidade de Manáos.....	3.020		
Nascimentos em 1908.....	712		
População calculada em 1907.....	36.457	40.189	
➡ Menos 1.762 obitos ocorridos em 1908.....	—	1.762	
Calculo da população (habitantes) aos 31 de Dezembro de 1908	—	38.427	
<i>Movimento de passageiros e população em 1909</i>			
Entradas do interior do Estado :			
Nacionais.....	12.070		
Estrangeiros.....	2.853		
do exterior do Estado :			
Nacionais.....	14.102		
Estrangeiros.....	5.078	34.103	
Saídas para o interior do Estado :			
Nacionais.....	9.388		
Estrangeiros.....	855		
para o exterior do Estado :			
Nacionais.....	11.674		
Estrangeiros.....	5.223	27.140	
Passageiros que ficaram na capital.....	—	6.963	
50 % que fixaram residencia na cidade de Manáos.....	3.481		
Nascimentos em 1909.....	826		
População calculada em 1908.....	38.427	42.734	
➡ Menos 1.638 obitos em 1909.....	—	1.638	
Calculo da população (habitantes) aos 31 de Dezembro de 1909	—	41.096	
		8	

Figura 7. Movimento de passageiros e população nos anos de 1908 e 1909.
Fonte: Relatório “Geografia e Topografia Médica” (1916), IGHA.

Observando a imagem acima podemos perceber que a entrada de passageiros e o total de óbitos era fundamental para o cômputo da população da cidade. Nesse método de coleta de dados os livros do cemitério eram fundamentais para os dados do município, fornecendo mensalmente os dados para a diretoria de Higiene Pública. Contudo, é importante salientar que no ano de 1918 existiam em Manaus diversos cemitérios espalhados pela zona urbana da cidade, a saber: cemitério São José (1856-1936); cemitério São Raimundo (1879); cemitério Nossa Senhora da Piedade (1905); cemitério São Francisco (1908); e cemitério Santo Alberto (1910). Além desses existiam outros na zona rural do município, nomeadamente: cemitério Santa Joana do Puraquequara (1870); cemitério São José do Jatuarana (1880); cemitério Nossa Senhora do Carmo (1903); e cemitério Nossa Senhora da Conceição das Lajes (1906). Estes últimos eram considerados cemitérios menores comparativamente aos da zona urbana (Duarte, 2009).

Nenhum dos cemitérios citados acima preservou os livros de inumados referentes aos anos de 1918 e 1919, fundamentais para a contagem. Somente o cemitério São João Batista de Manaus tem os seus livros de registros preservados referentes aos anos da epidemia de gripe espanhola. Aliás, a sua localização, próxima ao centro da cidade indica que a maioria dos vitimados pela gripe espanhola foram enterrados no cemitério São João Batista, principalmente no período entre 7 e 29 de novembro de 1918. Esse foi o período em que o número de mortos registrou os maiores índices “*quando os enterramentos no cemitério São João exigiram árduos e extenuantes sacrifícios do pessoal que ali trabalhava*” (Da Matta, 1919, p.17). Foi exatamente nesse momento que muitos corpos conduzidos em caminhões para o cemitério ficaram vários dias esperando o sepultamento, dado o grande número de cadáveres para poucos funcionários do cemitério: “*momento houve, por isso, em que os cadáveres conduzidos em caminhões não poderão ser logo inumados*” (Da Matta, 1919, p.17).

Esse relato do médico Alfredo da Matta também apareceu na imprensa manauara, no jornal *O Imparcial*, publicado na primeira página da edição do dia 14 de novembro de 1918. Noticiava, concretamente, que muitos cadáveres estavam apodrecendo no cemitério São João Batista sem serem sepultados no tempo: “*No cemitério de S. João, na tarde de ontem, viam-se muitos cadáveres de indigentes, mortos durante a noite do dia passado, já em adiantada decomposição*” (O Imparcial, 1918, p.1). A notícia dava ainda conta que, para agilizar o sepultamento das vítimas, a maioria foi conduzida para o cemitério São João.

Em relatório da Intendência Municipal de Manaus publicado somente em 1920, quer dizer um ano depois de findar a pandemia de gripe (em menor quantidade, mas a pandemia ainda fez muitas vítimas em 1919), Fulgêncio Vidal relatava a importância dos dados oriundos do cemitério, ao mesmo tempo que criticava as imprecisões por falta da constância dos dados fornecidos pelos cemitérios da cidade: “*nestas estatísticas não foram incluídos os óbitos registrados nos cemitérios da Colônia Oliveira Machado, Tabocal, Conceição das Lages, Jatuarana, Puraquequara, Tauapessassú e Ayrã*” (Vidal, 1920, p.73). Mesmo sendo cemitérios considerados pequenos e em alguns deles não existirem mais esses números não computados, fragilizava a confiança nos dados que foram concentrados no São João Batista,

“Penso que os zeladores desses cemitérios deveriam remeter de dois em dois meses a relação os enterramentos realizados neles, afim de serem

escurituros na secção competente, porque só assim poderemos ter o número exato de óbitos ocorridos neste município” (Vidal, 1920, p.73).

Se não existia uma precisão dos dados enviados a diretoria de Higiene Pública, por causa da inconstância da administração dos cemitérios no envio dos dados, havia a clara intenção no controle dados de mortalidade oriundos dos cemitérios, por parte do poder público. Mas é importante salientar que existia por parte da Diretoria de Higiene Pública critérios de obtenção de dados já consolidados desde 1908, realizados para obter os números da população e auxiliar nas ações de profilaxia do estado do Amazonas (conforme Figura 07). A documentação indica certa confiabilidade na coleta e controle dos dados oriundos dos livros dos cemitérios da cidade, que orientava as ações da saúde pública de Manaus.

2.2 Quem contou os mortos?

Sabemos que a gripe espanhola teve impacto nefasto na população manauara, em 1918, e que houve uma grande mortandade na cidade. Contudo, para compreender melhor esse impacto é necessário entender a lógica da mortalidade em Manaus, além de refletir sobre as fontes que permitem conhecer os números dos óbitos. Saber qual o índice de mortalidade da população da cidade ajuda a perceber o impacto da pandemia nas estruturas de saúde disponíveis na cidade, e como elas responderam as doenças e epidemias.

A dinâmica da morte já fazia parte da estrutura do sistema de saúde da cidade, que desde o início do século XX já vinha desenvolvendo mecanismos para o controle da população manauara. Como citado anteriormente a cidade mantinha um rígido controle de sua população pelos mecanismos desenvolvidos desde o início do século XX que consistia em: registro da entrada de pessoas no porto de Manaus; controle de nascimento com o registro dos batismos; registro dos mortos pelos livros dos cemitérios da cidade. Refletir sobre isso é essencial para entender os mecanismos de combate a epidemias e às doenças. Por mais que esses mecanismos estivessem em franco aperfeiçoamento, principalmente pela dinâmica da pandemia de gripe espanhola, a estrutura que estava em pleno funcionamento foi essencial para manter o controle (mesmo que somente estatístico) da *Influenza*.

Oscar Lima e Alexandre Carrieri (2020) refletiram sobre o controle da “morte”, dissertando sobre a contabilidade dos mortos. Nesse estudo afirmam que foi com o advento da República (1889) que esse controle ocorreu. Os dados sobre os mortos saíam da tutela da Igreja para passarem a ser controlados pelo estado laico. Segundo os autores,

“Apesar das relações existentes entre o Estado e a Igreja, não faltaram tentativas para secularizar o registro civil. O primeiro ato governamental sobre registros de óbito é de 1814, e, em 1870, foi criada uma Diretoria-Geral de Estatística, com competência para gerir os dados de nascimentos, casamentos e óbitos. Mas foi somente com o decreto n.9.886, de 1888, que se estabeleceu a obrigatoriedade do registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos; o que fez cessar os efeitos jurídicos dos registros eclesiásticos” (Lima & Carrieri, 2020, p.361).

Segundo os mesmos autores a padronização do sistema nacional de registro de óbito não teria logo eficácia e apresentaria ainda muitas falhas e somente em 1973 as organizações dos mapas estatísticos ficariam a cargo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Importa reconhecer, no entanto, que o estado do Amazonas já desde os inícios do século XX realizava um minucioso serviço de computar os óbitos ocorridos na capital, que tinha um grande fluxo de pessoas que aí chegavam, para fixar residência ou de passagem para o interior. Todos os relatórios da administração pública, principalmente depois de 1918, detalham os números da “Estatística Demógrafo Sanitária”, que era responsável por elaborar os dados oficiais a partir das informações enviadas pelos cemitérios da cidade,

“Penso que os zeladores desses cemitérios deveriam remeter em dois e dois meses a relação dos enterramentos realizados neles, afim de serem escriturados na secção competente, porque só assim poderemos ter o número exato de óbitos ocorridos no município” (Franco de Sá, 1920, p.73)

Mesmo com as dificuldades de receber com regularidade as relações dos sepultamentos da capital e do interior, a administração que cuidava da Higiene Pública tinha um relativo controle sobre o obituário municipal que, no evento pandêmico, foi fundamental para direcionar as ações do governo do estado. Durante a pandemia de gripe espanhola essa ação foi realizada pela Diretoria do Serviço Sanitário do estado do Amazonas, órgão que era abastecido diariamente com as informações sobre os óbitos. Isso aconteceu mesmo entre os dias 12 e 24 de novembro de 1918, momento de aumento

exponencial do número de óbito, tendo sido necessário abrir valas no cemitério São João Batista para os enterramentos (Silva, 2015). É importante salientar que a dificuldade aconteceu no enterramento dos vitimados pela gripe, e não na sua contagem.

No geral foi dada muito pouca publicidade à perda de vidas humanas. Os dados relativos à mortalidade causada pela pandemia não foram divulgados na imprensa local, somente na revista *Amazonas Médico* e nos relatórios dos governadores. Como se percebe, houve reserva política no tratamento do assunto e que apenas uma pequena parcela da população teve acesso a esses dados. Isso significa que os estudos sobre o tema apenas baseados na imprensa, ficaram limitados no conhecimento de dados essenciais para perceber o impacto dessa crise sanitária. Quais foram então os dados divulgados da pandemia de gripe espanhola em Manaus? Porque é que eles não foram divulgados na imprensa local? O que explica que tenham ficado confinados aos relatórios institucionais e às Revistas Científicas, no caso de Manaus a revista *Amazonas Médico*?

Os primeiros dados sobre os quais iremos refletir são os relacionados com o índice de mortalidade do ano de 1918, divulgados pelo médico Alfredo da Matta na revista *Amazonas Médico*, visíveis na imagem abaixo.

1918	Mortalidade geral	Óbitos por gripe	Por tubercu- lose pulmonar	Outras affec- ções do appar- ato respiratório
Janeiro.	102	1	11	7
Fevereiro	110	—	13	4
Março	93	—	14	4
Abril 	112	—	16	5
Maio	130	—	13	8
Junho	148	—	14	5
Julho	173	—	20	11
Agosto.	128	—	10	4
Setembro.	110	—	10	7
Outubro	114	1	11	8
Novembro	791	661	23	5
Dezembro	278	135	14	6
	2.289	798	169	74

Figura 8. Contagem do número de mortos na cidade de Manaus no ano de 1918.
Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5, 1919, p. 20.

As informações constantes na figura 8, divulgadas em 1919 na revista *Amazonas Médico*, mostram a representação e o peso do obituário de gripe espanhola em 1918, face ao total do número de mortes, que ascendeu a 3.330 óbitos. Os dados estão divididos por meses, e referem outras causas de óbito, como outras doenças do sistema respiratório. A mortalidade causada pela *Hespanhola* representou, nesse ano, 24% do total de óbitos, muito superior à da tuberculose pulmonar (5,1%) e outras doenças respiratórias (2,2%). Como dito anteriormente estes dados não tiveram muita difusão na cidade, não aparecendo na imprensa local. Todavia a sistematização feita nas publicações de médicos e para médicos, com inclusão de informações sobre as outras doenças do sistema respiratório, deixam perceber que, certamente pela conjuntura, houve preocupação das autoridades da saúde com outras maleitas. O gráfico seguinte elucida melhor a leitura dos dados acima expostos.

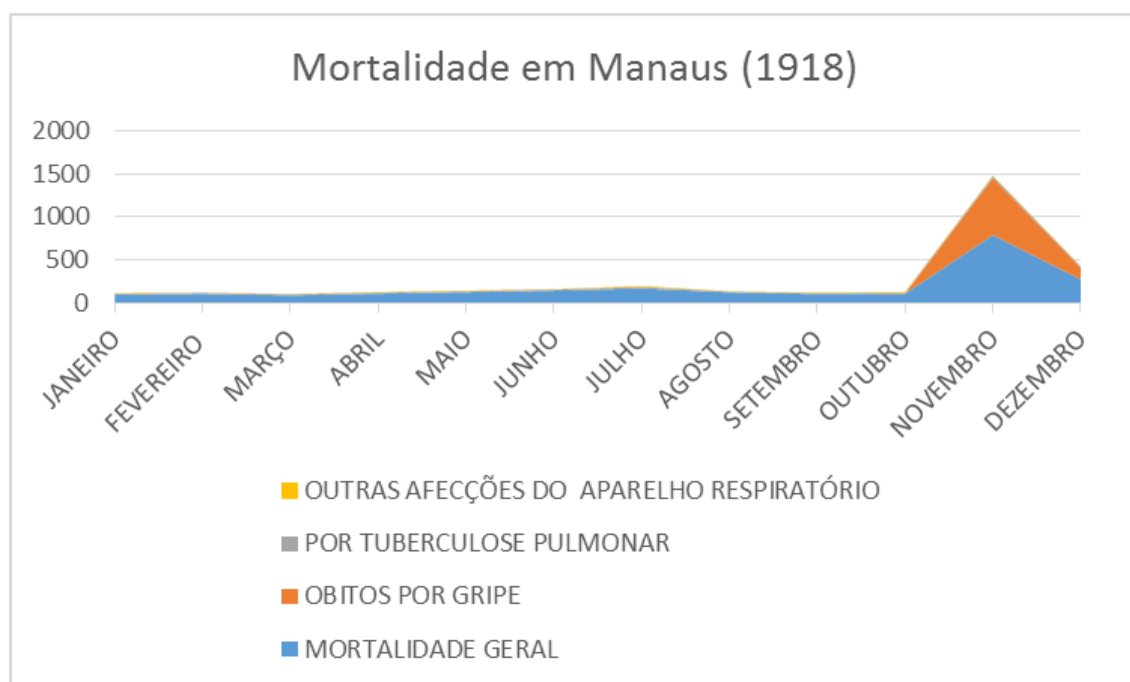


Gráfico 3. Número mensal de mortos na cidade de Manaus no ano de 1918 de acordo com a causa do óbito.

Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5, 1919, p. 20.

Como já foi demonstrado, a mortalidade em Manaus teve o seu pico no mês de novembro de 1918, onde totalizou 661 mortos somente por gripe espanhola. Na historiografia sobre a *Influenza* no Brasil não existem muitos questionamentos sobre a subnotificação com relação aos dados, mas alguns autores indicam que doenças com sintomas semelhantes ajudaram na subtração dos números da gripe. O que o quadro da

Amazonas Médico demonstra é que talvez essa interpretação não seja muito credível, porque houve de fato uma contabilização especializada, com distinção entre os vários tipos de doenças. Pelo menos para o ano de 1918, já que para o ano de 1919 a questão pode levantar mais dúvida, como se percebe na figura 9.

1919	Obituário geral	Óbitos devidos à gripe
Janeiro	162	13
Fevereiro	136	31
Março	141	17
	459	61

Figura 9. Imagem da tabela com a contagem dos mortos na cidade de Manaus do ano de 1919.
Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5, 1919, p. 21.

De acordo com os dados do quadro da figura 9, nos inícios do ano de 1919 ocorreu uma substancial diminuição dos casos fatais de gripe espanhola na cidade, embora o obituário geral tenha aumentado de 305 para 459 mortos nessa trimestre face ao do ano anterior. Terão alguns casos de gripe sido contabilizados no obituário geral? O que explica um aumento de 154 mortos no obituário geral? Não foi possível encontrar dados que expliquem esta estatística.

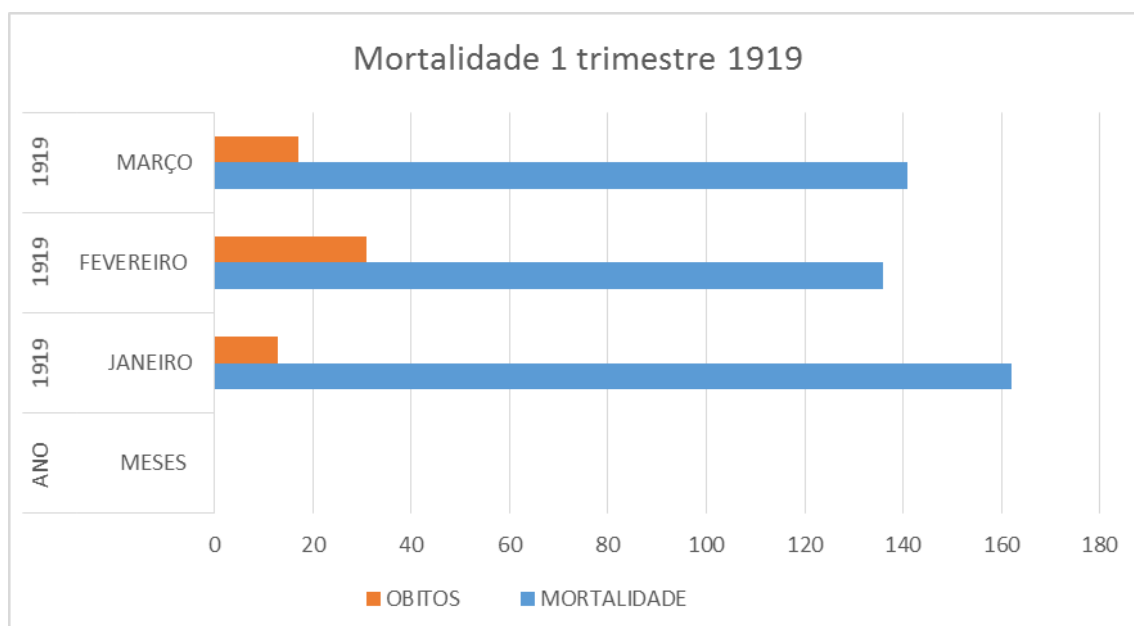


Gráfico 4. Número de mortos na cidade de Manaus no primeiro trimestre do ano de 1918 de acordo com a causa do óbito.

Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5, 1919, p. 21.

Para o primeiro trimestre do ano de 1919 temos somente os dados dos mortos pela gripe espanhola e do “obituário geral”, portanto escassez de informação sobre as demais causas das mortes, diante disso dois pontos é necessário destacar. Primeiro, que tal como aconteceu em relação ao ano de 1918, os dados relativos às mortes ocorridas em 1919 ficaram restritos aos leitores da revista, que tinha como público alvo a classe médica. Segundo, que a classe médica foi acompanhando a evolução da situação através de uma publicação especializada que, ao que se percebe, era um veículo importante de informação dentro desse setor profissional e social.

É claro que podemos sempre especular que um dos objetivos em registrar esses dados terá sido a intenção de eles virem a ser importantes para futuras epidemias, mas nada garante que tenha sido assim. Além disso, importa notar que ao refletir sobre a história da “Epidemiologia Histórica” (2020), James Webb Jr. chama à atenção para o fato de essa ser uma área temática pouco desenvolvida e explorada pelos cientistas sociais, porque exige um diálogo entre disciplinas da história e da saúde Pública, além de conhecimentos em antropologia da saúde. No entanto, o sucesso da Epidemiologia Histórica, segundo Webb Jr., depende muito do esforço interdisciplinar entre as disciplinas como a demografia histórica, a história das epidemias e as outras disciplinas, comuns somente à área da saúde e das ciências biomédicas. Esse diálogo permitiria, de acordo com o mesmo autor, tomar decisões para enfrentamento de doenças contemporâneas com base em dados historicamente conhecidos,

“A subdisciplina da epidemiologia histórica permitirá aos historiadores da saúde preencher o abismo entre o estudo de surtos históricos de doenças e o trabalho dos profissionais de saúde globais contemporâneos. Ele tem a promessa de criar uma base mais robusta e com mais nuances para a tomada de decisões em saúde pública global aprofundando o registro empírico do qual extraímos lições sobre intervenções passadas. Isto irá desenterrar sucessos e fracassos passados que podem sugerir abordagens alternativas ou híbridas para o controle de processos de doenças epidêmicas ou endêmicas” (Webb Jr, 2020, p.15).

A epidemiologia histórica permite refletir tanto sobre epidemias do passado como epidemias do presente, tomando como base sempre os dados disponíveis, principalmente os relacionados com os vitimados pela doença, os dados sobre a mortalidade. Nesse sentido o diálogo com as ciências biomédicas é fundamental, pois aliados a conhecimentos historicamente construídos sobre as doenças poderemos propor respostas mais eficaz frente as epidemias. Em artigo recente de Loreнна Ribeiro Zem El-Dine e Vanessa Pereira da Silva e Mello, intitulado “A gripe espanhola como lição³¹” relata como a pandemia de 1918 foi bastante evocada para enquadrar a pandemia de Covid-19:

“No último ano, entretanto, as narrativas se voltaram para a história da gripe espanhola também com o objetivo de encontrar respostas para as questões colocadas pela Covid-19. Dessa perspectiva, o interesse pela pandemia de 1918-1919 parece ter sido acompanhado por um novo enquadramento do trabalho dos historiadores, não mais como um pesquisador ocupado essencialmente com acontecimentos de um passado sem qualquer relação com o presente. Mas, como um intelectual que participa do debate público e que reflete também sobre o presente e o futuro” (Zem El-Dine & Silva e Mello, 2021, p.25).

Ainda no mesmo texto as pesquisadoras destacam que na imprensa muitas lições das pandemias passadas poderiam ser “aprendidas”, pois os conhecimentos historicamente acumulados seriam importantes para pensar em questões como por exemplo o isolamento compulsório para conter as aglomerações de pessoas. A história das doenças juntamente com a epidemiologia histórica ajudam na análise do impacto das doenças sobre a população acometida, mas para isso devemos levar em consideração diversos fatores sociais e biológicos. Essa reflexão deve considerar os dados disponíveis

³¹ ZEM EL-DINE, Loreнна Ribeiro & SILVA E MELO. Vanessa Pereira da. “A gripe espanhola como lição”: a pandemia de 1918-1919 nos jornais “O Globo” e “Folha de São Paulo” (1941-2020).

para o número da população, o número de pessoas acometidas pela doença e que faleceram em decorrência da mesma. Esses dados são importantíssimos para a mensuração do impacto da pandemia numa dada sociedade.

Quantitativos populacionais e relações de contaminados e mortos nem sempre estão disponíveis para os historiadores, ou às vezes estão incompletos, dificultando bastante as análises das epidemias e pandemias. Conscientes dessas dificuldades, recorreremos a diversos procedimentos metodológicos para tentar chegar ao mais próximo possível de uma realidade numérica, porque apesar de as pessoas falecidas se “transformarem” em números e virarem estatística, devemos entender todo o caminho percorrido entre a doença e a morte. É exatamente esse caminho percorrido que permite entender o processo, sendo de fundamental importância para a compreensão da doença.

Na tabela seguinte apresentamos os dados consolidados de duas tabelas elaboradas pelo médico Alfredo da Matta, onde consta a mortalidade, com divisão por sexo e idade. Essa divisão mostra números que teoricamente conduziram às políticas de enfrentamento da pandemia. O primeiro ponto para a reflexão é sobre a mortalidade infantil pelos dados de 1918. Em Manaus, os índices de mortalidade nessa faixa etária já eram altos antes da pandemia. No ano de 1918 a mortalidade entre crianças até dez anos de idade foi tão alta quanto de pessoas acima de 60 anos de idade.

MORTALIDADE POR SEXO E IDADE (1918)				
IDADE	HOMENS	MULHERES	Total	
			N.º	%
até 1 ano	18	29	47	5,9
1 a 5 anos	29	34	63	7,9
5 a 10 anos	16	14	30	3,8
10 a 20 anos	54	29	83	10,4
20 a 30 anos	144	85	229	28,8
30 a 40 anos	114	70	184	23,1
40 a 50 anos	66	23	89	11,2
50 a 60 anos	23	16	39	4,9
Mais de 61 anos	10	14	24	3,0
Idade Ignorada	7	1	8	1,0
TOTAL	481	315	796	100

Quadro 5. Número de mortos em Manaus no ano de 1918 com divisão por sexo e idade.
Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5.

Conforme os dados disponibilizados para 1918, podemos concluir que a mortalidade feminina foi inferior à mortalidade masculina e que a faixa etária que mais óbitos teve foi a dos indivíduos em idade ativa adulta, entre os 20 e os 40. O que explica isso, sendo que não eram a população mais vulnerável? Seria por uma questão de representação percentual face aos quantitativos populacionais, isto é, por ser a idade com mais pessoas em Manaus? Seria por ser a idade de atividade laboral, tendo isso aumentado a exposição ao contágio?

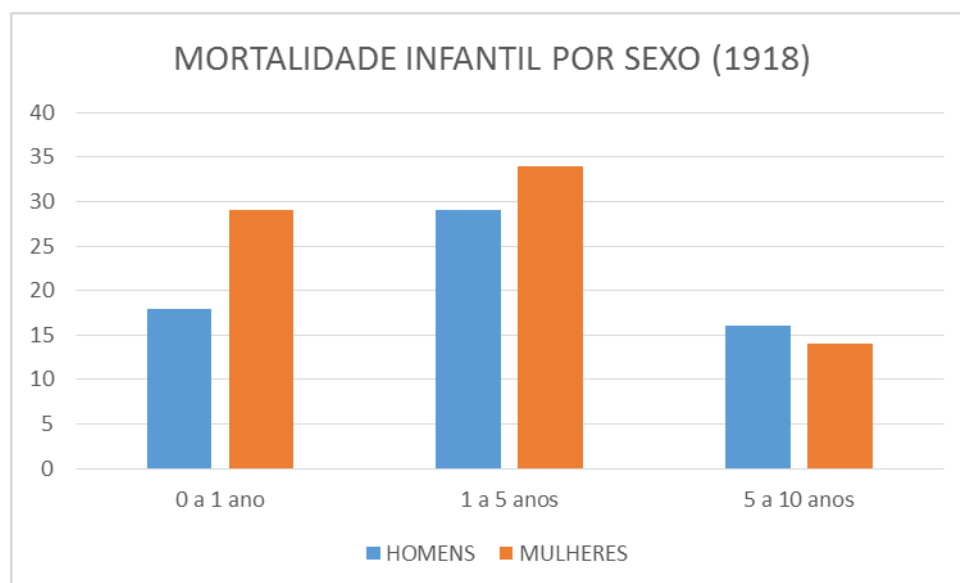


Gráfico 5. Representação da mortalidade infantil por sexo³².

Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5.

A mesma realidade pode ser observada para pessoas com idades acima dos 50 anos, visível no gráfico 6. A mortalidade foi maior entre pessoas do sexo masculino, nos dois grupos representados no gráfico, de 50 até 60 anos de idade e acima de 60 anos.

³² Nesse gráfico consideramos a idade infantil até aos 10 anos. É uma idade média aproximada, pois estamos cientes de que ainda vigorava na época o costume de fazer a divisão por critérios religiosos, isto é, a chamada idade de confissão, que correspondia a 7 anos de idade. As crianças só eram habilitadas aos sacramentos a partir dessa idade. Embora não haja um padrão único, era geralmente a idade com que se iniciavam no trabalho.

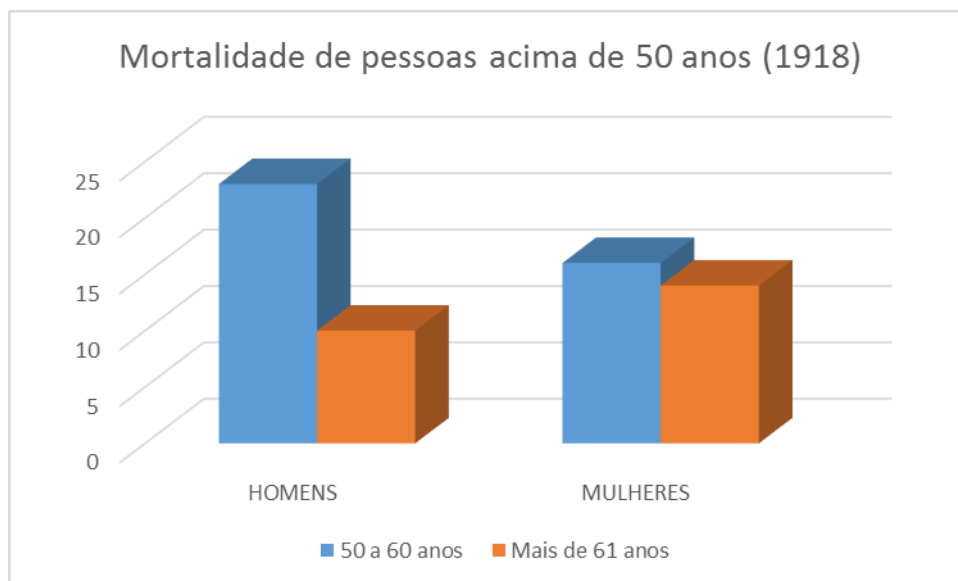


Gráfico 6. Elaborada com os dados disponíveis do médico Alfredo da Matta na revista *Amazonas Médico*, com os dados da mortalidade de pessoas acima de 50 anos de ambos os sexos.
Fonte: Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5.

Como já notado anteriormente, a distribuição dos números da mortalidade em Manaus por faixa etária e sexo revelou qual o grupo etário que teve a porcentagem maior de mortes, o dos 20 até 40 anos. Os gráficos que se seguem permitem perceber de forma mais nítida essa realidade, pois segundo os dados

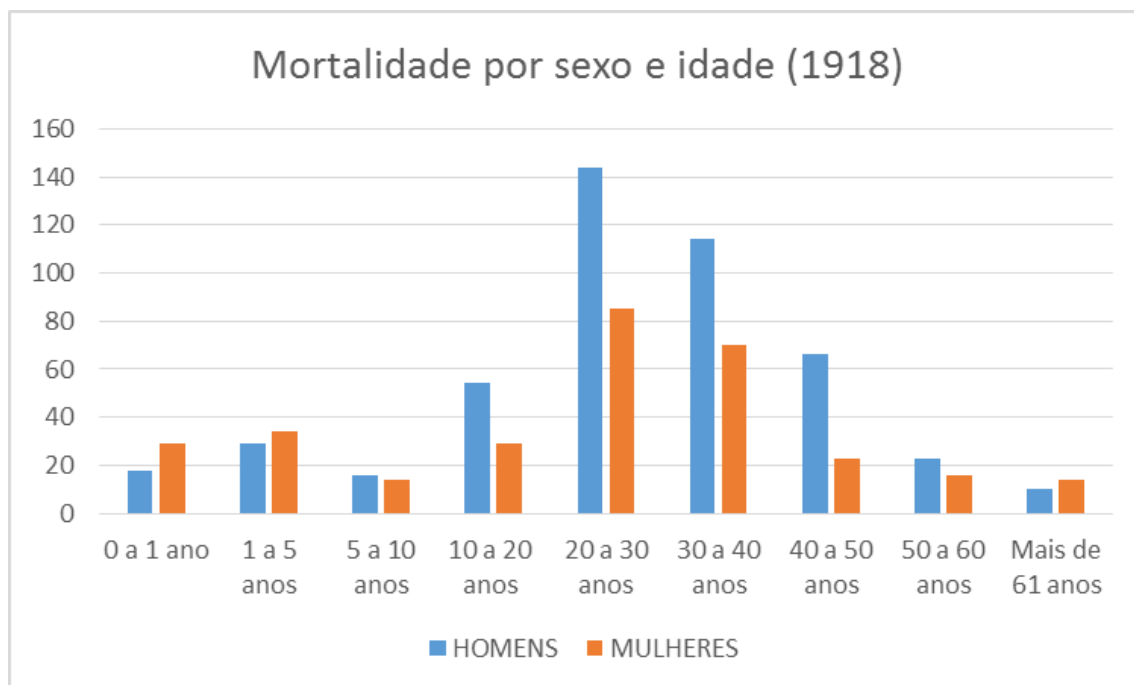


Gráfico 7. Mortalidade por sexo e idade em Manaus no ano de 1918.
Fonte: Dados coletados por Alfredo da Matta e publicados na Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol. II, N.º 5.

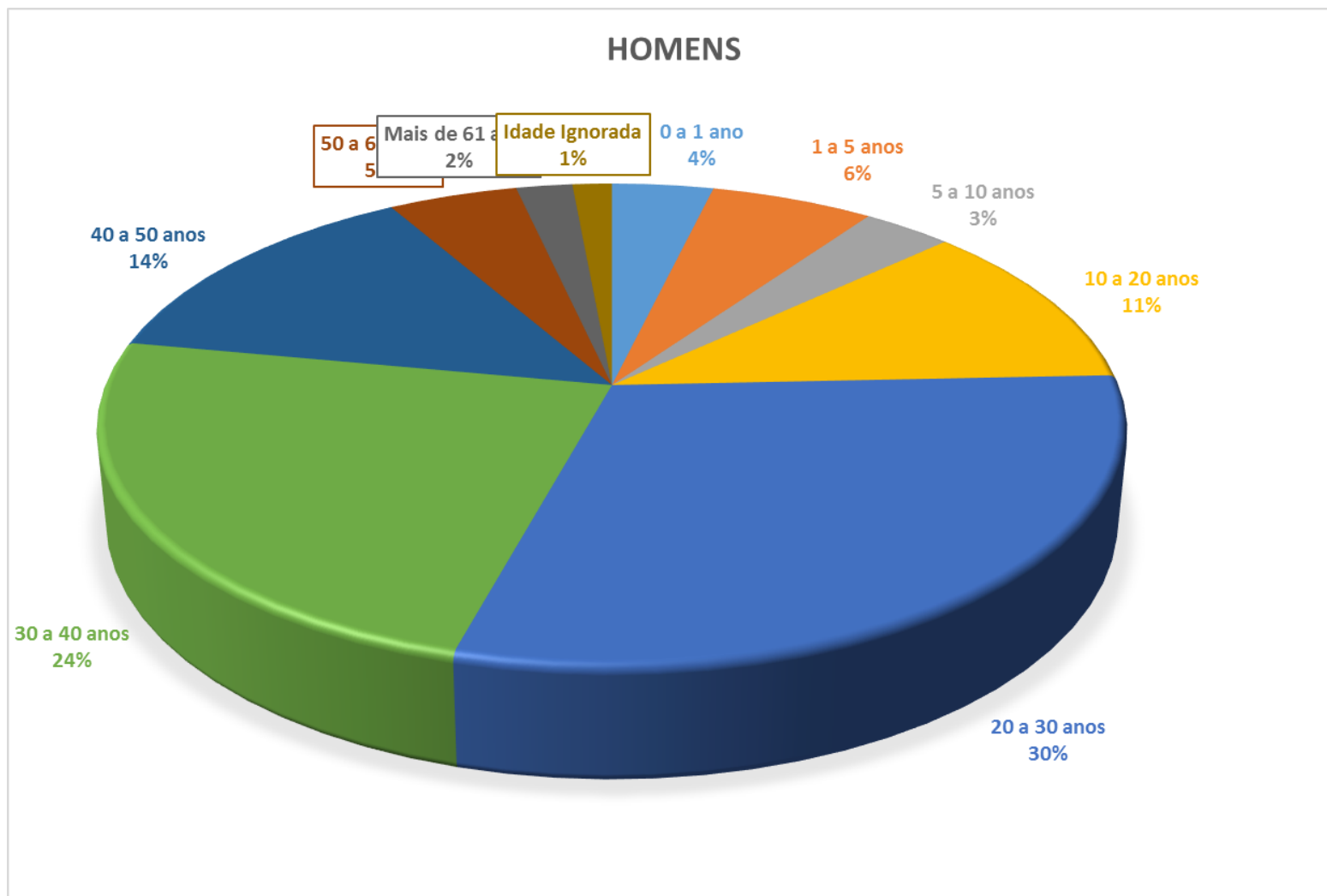


Gráfico 8. Percentagem de homens que morreram em Manaus no ano de 1918, por faixa etária.
Fonte: Dados coletados por Alfredo da Matta e publicados na Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5.

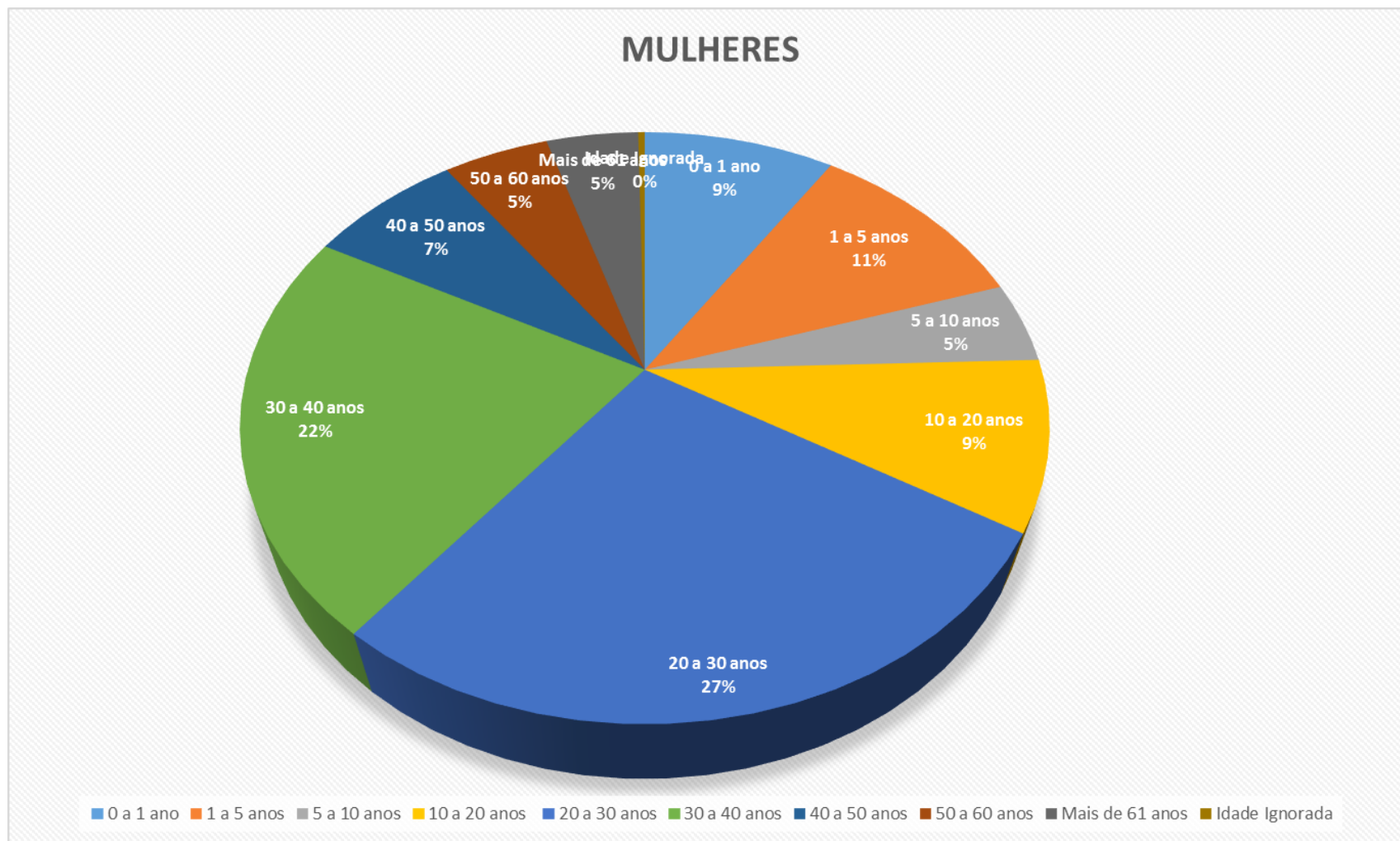


Gráfico 9. Percentagem de mulheres que morreram em Manaus no ano de 1918, por faixa etária.
 Fonte: Dados coletados por Alfredo da Matta e publicados na Revista *Amazonas Médico*, Ano II, Vol II, N.º 5.

Os gráficos 8 e 9 permitem perceber como se comportou o índice de mortalidade por sexo e faixa etária. O grupo de indivíduos entre 20 e 40 anos foi o principal grupo etário que morreu de gripe espanhola em 1918. Dentro dele, os homens foram os mais vitimados representando 54% dos mortos desse sexo. O grupo dos 40/50 anos foi o segundo grupo que mais faleceu nesse ano, representando 21% do total de mortos. Para as mulheres temos dados semelhantes, o grupo etário entre 20 e 40 anos foi o grupo de maior índice de mortalidade, representando 49% do total de mortos. Mas entre as mulheres foram registrados os maiores índices de mortalidade infantil, correspondendo a crianças até 10 anos, correspondente a 9,7 do total de mortos.

2.3 A “autópsia” dos cadáveres: conhecendo os espanholados

Foram até hoje poucas as pesquisas que, no Brasil, tendo trabalhado a temática da gripe espanhola, analisaram individualmente as vítimas da *Influenza*. Isso se justifica pela limitação de fontes documentais, e pela ausência de registros detalhados ou até mesmo pelo desaparecimento desses documentos. Em geral muitas vezes as vítimas simplesmente viraram números que foram analisados numa tabela de mortalidade, ou em gráficos que demonstravam o percentual de mortes. Mesmo que a ausência de fontes realmente seja um obstáculo para essas análises existem diversas possibilidades documentais ou até mesmo cruzamentos de fontes para se chegar aos “espanholados”. Fontes oriundas da administração pública têm sido as mais promissoras nesse sentido, por possibilitarem uma “autópsia” dos vitimados pela gripe espanhola em Manaus.

Nesse amontoado de fontes documentais espalhadas pelos arquivos da cidade de Manaus, é possível encontrar dados de pessoas para além da elite médica e política, que de longe tem muito mais registros documentais. Essa pesquisa é fundamental para romper a barreira dos “grandes personagens” da história local e conhecer, mesmo que na morte, algumas pessoas das classes baixas que compunham a grande maioria da população manauense. Algumas dessas fontes permitem trazer à tona pessoas “comuns” da cidade, até então anônimos da história que, por serem vítimas da pandemia de Gripe Espanhola, deixaram fragmentos da sua existência e trajetória de vida em papéis empoeirados nos arquivos, ainda que, por muitas vezes, essas informações sejam curtas. Saber dimensionar o universo de fontes para os “espanholados” é entender que a análise

de documentação primária, pode ajudar na compreensão do universo social em que muitos morreram, quer dizer, marcado pela crise econômica da queda de preços da borracha.

No contexto de 1918, ano em que a Gripe Espanhola chegou à cidade de Manaus, a Amazônia já experimentava uma crise econômica oriunda do colapso da comercialização do látex. Nesse momento, as capitais Belém e Manaus que já tinham aprofundado uma crise iniciada em 1913, com a queda dos preços da borracha no mercado internacional, que foi reflexo direto da concorrência das colônias britânicas na Ásia, sucumbiam com a saída das empresas estrangeiras. O cenário descrito pela historiografia regional (Pinheiro, 2000; Costa, 2014; e Pinheiro, 2017) não deixa dúvida do grau de pobreza vivenciado pela população da capital amazonense naquele momento: falta de emprego, greves e um contínuo decréscimo populacional, registrados pelos censos demográficos então realizados.

Nesta perspectiva, é possível a valorização dos “*de baixo*”³³, muitas vezes ignorados pela historiografia regional que trata a temática da saúde e da doença, que sempre se preocupou com a trajetória dos médicos que atuaram no combate as doenças na cidade, mas sem se preocupar com a história dos pacientes ou vitimados pelas doenças. Os trabalhos regionais (Silva, 2015) e (Gama, 2021) pouco falaram sobre as vítimas da gripe. Principalmente as oriundas das classes baixas, que enfrentavam tanto a pandemia como a miséria, que nitidamente assolava a capital.

Chegar aos “espanholados”, quer dizer às vítimas da gripe em Manaus, implica considerar todos e não apenas alguns segmentos da sociedade. É certo que muitas vezes as fontes têm lacunas, mas é possível vencer algumas delas. Os relatórios institucionais também podem levar-nos a interpretações equivocadas, no sentido que muitas dessas vítimas são oriundos do Navio Hospital Santa Bárbara, que segundo a nossa documentação foi um Hospital de Campanha criado para recolher os indigentes “gripados” da cidade de Manaus. Segundo Silva (2015),

“Uma das primeiras medidas tomadas pela comissão para combater a propagação da epidemia foi a criação de um hospital flutuante denominado *Santa Barbara*, cujo atendimento destinava-se as pessoas pobres destituídas de “**recursos pecuniários**” para custear o tratamento” (Silva, 2015, p.164).

³³ Aqui fazemos uma referência ao capítulo denominado “A história Vista de Baixo” de Jim Sharpe no livro: BURKE, Peter. (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. -São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

Fontes documentais oriundas do arquivo do judiciário foram fundamentais para se conhecer melhor os mortos do navio hospital Santa Bárbara. A pesquisa que realizamos permitiu identificar alguns personagens que foram tratados e morreram no Santa Bárbara. Eles foram identificados a partir da documentação oriunda da 2.^a Vara da Família. O primeiro personagem é Joaquim Ferreira Lima³⁴, tripulante de uma lancha chamada “Mercês”, que tinha naufragado no rio Amazonas. Conseguindo sobreviver dessa tragédia, chegou em Manaus na lancha “Branquita” e logo encaminhado para o isolamento no Santa Bárbara. Um ofício da Inspetoria de Saúde do Porto, órgão que teve um papel importante na pandemia devido ao fato de o porto de Manaus ser um lugar estratégico para impedir a entrada de pessoas com suspeita de gripe, ficamos a saber que o morto deixou um saco com roupas usadas e a importância de cinquenta mil réis.

O segundo personagem também encontrado no referido arquivo, e que também morreu no hospital flutuante Santa Bárbara é o jovem Raimundo Souza Cordovil. Era amazonense, solteiro, tinha 33 anos de idade e faleceu em 15 de dezembro de 1918. Nesse mês natalino a quantidade de mortes já era diminuta em relação a novembro, por isso Raimundo foi enterrado, no mesmo dia, no cemitério São João Batista. A sua morte foi atestada pelo médico Álvaro Madureira de Pinho³⁵, que no momento da pandemia era o Inspetor de Saúde do Porto e também responsável pelos hospitais flutuantes, que segundo a Revista *Amazonas Médico* contraiu também o vírus da *Influenza*, mas não faleceu. Sabemos de todos esses detalhes porque o indivíduo mencionado também aparece na ação movida por sua irmã Ermina Pereira do Nascimento³⁶, única herdeira do espólio deixado por Raimundo, cento e sete mil e trezentos réis, quantia que somente foi entregue em janeiro de 1920.

O próximo personagem é o brasileiro Raimundo Afonso Filho. Nasceu na cidade de Caucaia, no estado do Ceará. Era solteiro, de 27 anos de idade e, segundo o documento, da cor branca. Foi transferido para o Hospital Santa Bárbara do vapor “Castel”, vindo do Acre, e teria passado no seringal “Canadá”, que tinha como destino final a cidade de

³⁴ Autos de Arrecadação do Espólio de Joaquim Ferreira Lima, documento pertence ao arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas.

³⁵ O nome do Raimundo Souza Cordovil consta no livro de Inumados do Cemitério São João Batista na sepultura 17.152. Livro digitalizado pelo autor com os originais pertencentes ao arquivo da Secretaria Municipal de Limpeza Pública SEMULP.

³⁶ Autos de Arrecadação de Raimundo Souza Cordovil, documento pertence ao arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas.

Belém, capital do Pará. Diferentemente dos espanholados vistos até agora, Raimundo Afonso parecia ter boas condições, o que é possível concluir através no seu espólio. Ele deixou uma quantia de dinheiro significativa, setecentos e noventa e um mil réis, depositados na firma Serafim & Araújo, além de: um saco de borracha; uma calça branca usada; duas camisas; dois pares de meias usadas; um par de ligas; um suspensório de garrafas; um par de botas de borracha; um pente; uma lata com leite condensado; um armário contendo correspondências para diversos; um envelope contendo diversas cartas, entre elas uma conta corrente demonstrando um saldo de setecentos e noventa e um mil réis³⁷.

Dentre os mortos temos ainda informações sobre o jovem pernambucano José Armindo de Lima, de vinte e quatro anos de idade, que morreu no hospital Santa Bárbara às dezesseis horas do dia treze de fevereiro de 1919. Os documentos indicam que ficou doente no barco que vinha do Acre com destino à cidade de Santarém, no estado do Pará. Uma questão chama à atenção neste episódio: embora a documentação diga que o hospital flutuante já tinha sido desativado por causa da diminuição dos casos de gripe na cidade, sabemos por este registro que Armindo ainda recebeu tratamento no navio Santa Bárbara, o que permite concluir que o hospital funcionou muito mais do que indicado nos relatórios oficiais do governo.

Houve outros casos em que a dinâmica do sepultamento e os procedimentos do enterro, foram diferentes em relação aos outros espanholados. Temos alguns casos de pessoas que morreram de *Influenza* nas viagens de fluviais no Amazonas, como o do jovem Francisco Vieira da Silva³⁸. No dia 17 de novembro de 1918, a bordo do vapor INCA, propriedade da *The Amazon River Steam Navigation Company*, do comandante Raul Guimarães, que navegava na linha do rio Madeira, o jovem de vinte e três anos de idade morreu no momento em que o barco atracava no porto de “prosperidade”. O saco de roupas que pertencia ao falecido foi incinerado e o espanholado foi enterrado com na própria rede de dormir no distrito de Capitary, no rio Madeira. A prática de incinerar as roupas só aparece em sepultamentos realizados com mortos em trânsito por via fluvial. Em Manaus a desinfecção era realizada pelo aparelho Clayton.

³⁷ Autos de Arrecadação do Espólio de Raimundo Afonso Filho, documento pertence ao arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas.

³⁸ Autos de Arrecadação e Espólio de Francisco Vieira da Silva, documento pertence ao arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas.

Outro tipo de documentação que permite conhecer melhor os espanholados são os atestados de óbitos, também depositados no arquivo do judiciário. Estas fontes oferecem novas possibilidades para entender melhor quem eram as vítimas da *Influenza* espanhola. São fundamentais para realizar análises estatísticas, além de que conterem dados importantes sobre os vitimados, como o nome e endereço. Através delas podemos conhecer o número de mortos, idade, sexo, cor, profissão e local da morte. Esses dados são fundamentais para compreender quais as classes sociais alcançadas pela doença, e principalmente perceber como em alguns momentos se deu a relação entre o atendimento nos postos localizados no centro da cidade, para os instalados na periferia de Manaus. Para conhecer melhor o documento de óbito, fonte fundamental para entender melhor os espanholados da cidade da borracha, procuraremos primeiro entender como era produzido o atestado de óbito. Nossa pesquisa identificou 100 atestados de óbito no arquivo do judiciário. Todos morreram entre os dias 19 a 24 de novembro de 1918, o que visualizaremos melhor através dos gráficos seguintes.

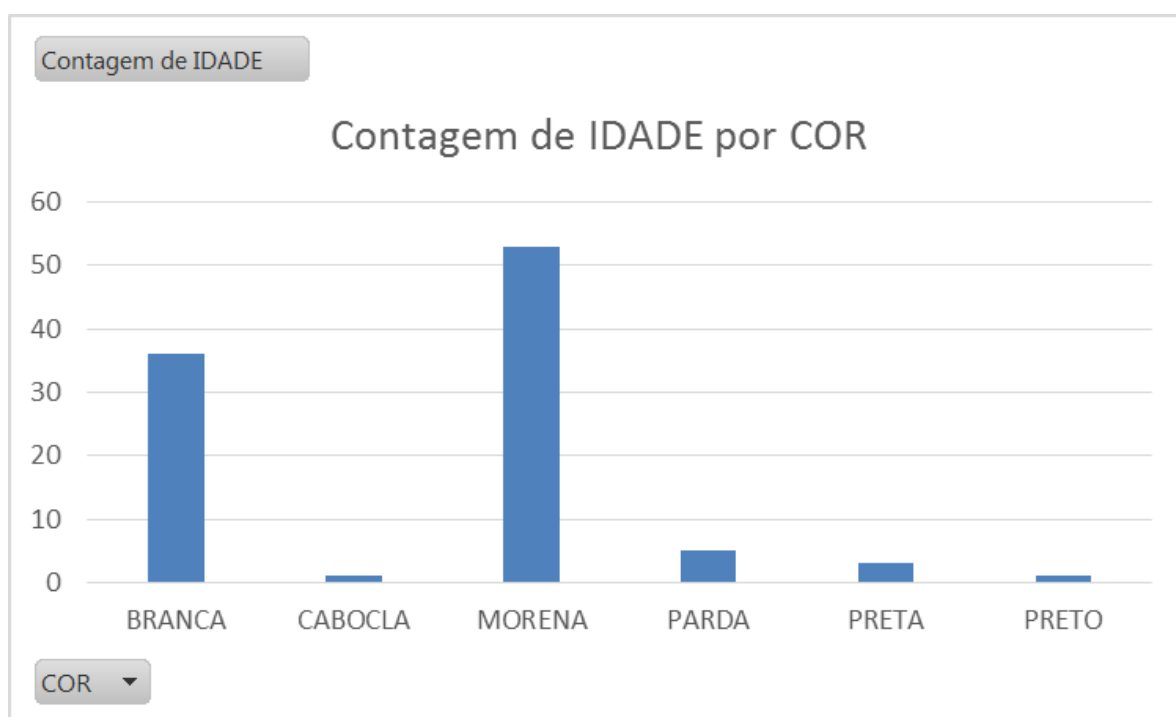


Gráfico 10. Número de mortos registrados nos atestados de óbitos em novembro de 1918 com distribuição por idade e cor.

Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas, atestados de óbitos.

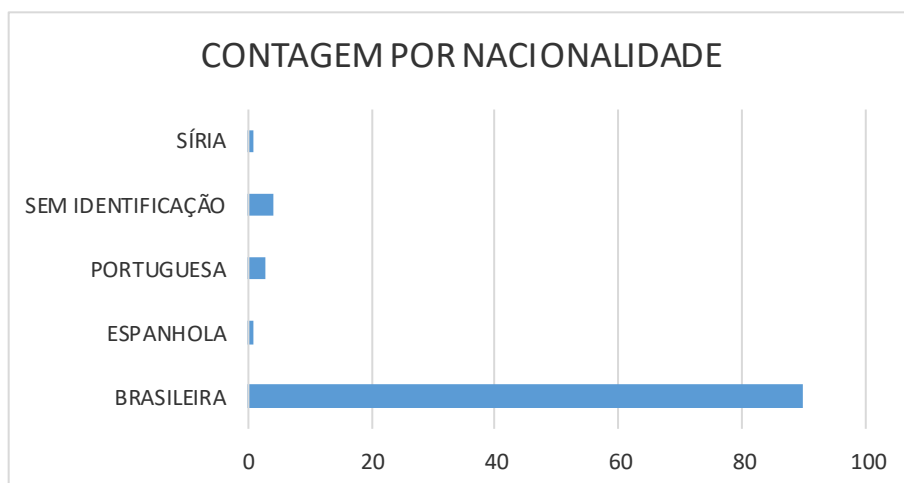


Gráfico 11. Número de mortos registrados nos atestados de óbitos em novembro de 1918 com distribuição por idade e nacionalidade.

Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas, atestados de óbitos.

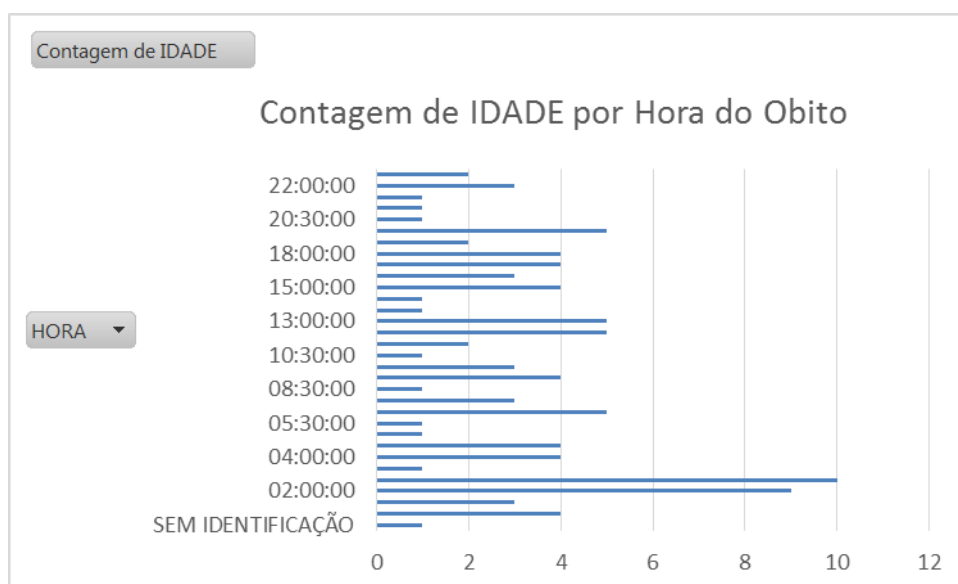


Gráfico 12. Número de mortos registrados nos atestados de óbitos em novembro de 1918 com distribuição por idade e hora do óbito.

Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas, atestados de óbitos.

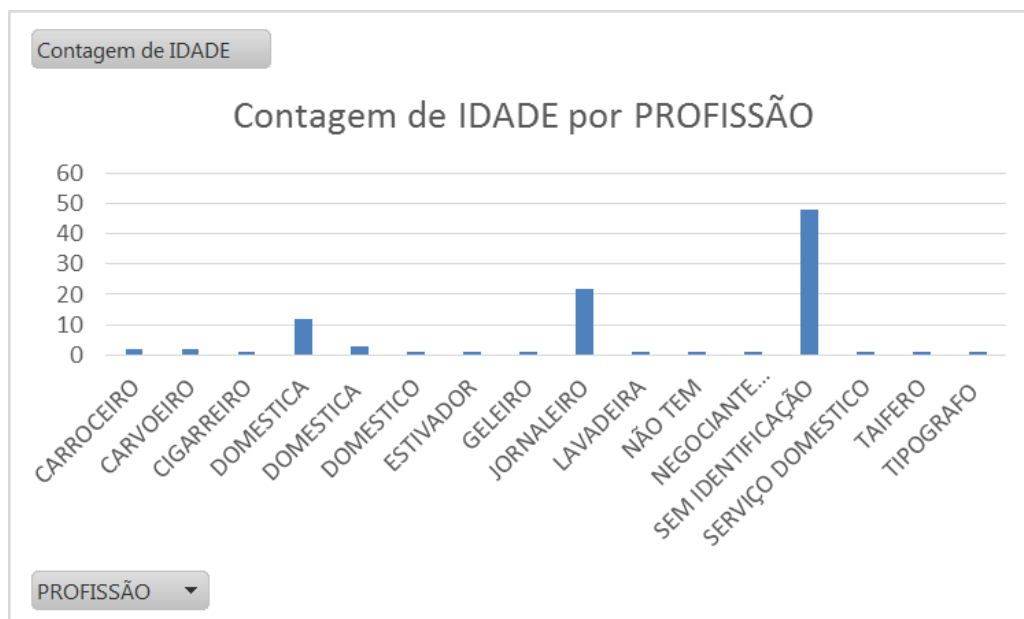


Gráfico 13. Número de mortos registrados nos atestados de óbitos em novembro de 1918 com distribuição por idade e profissão.

Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas, atestados de óbitos.

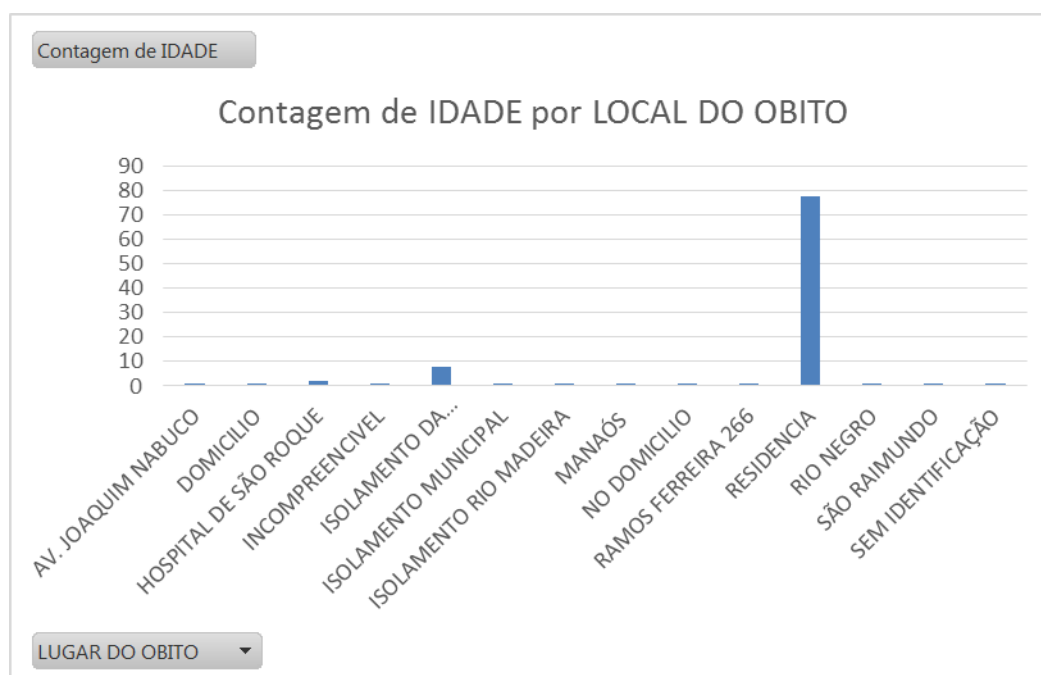


Gráfico 14. Número de mortos registrados nos atestados de óbitos em novembro de 1918 com distribuição por idade e local do óbito.

Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas, atestados de óbitos.

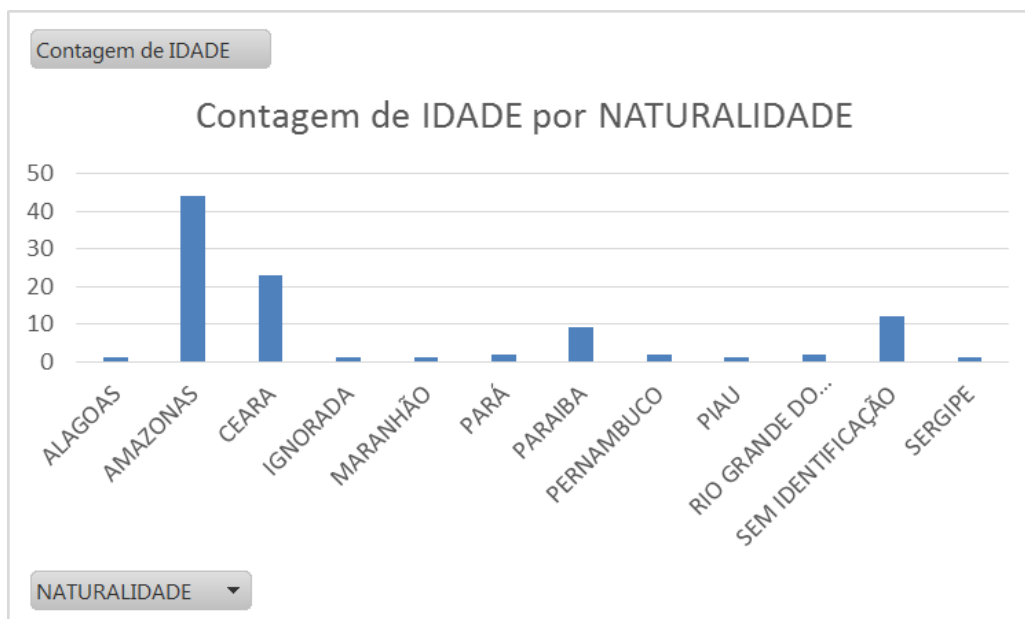


Gráfico 15. Número de mortos registrados nos atestados de óbitos em novembro de 1918 com distribuição por idade e naturalidade.

Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Amazonas, atestados de óbitos.

Os gráficos apresentados demonstram o perfil das vítimas de gripe espanhola que fazem parte dos 100 atestados de óbito que integra a nossa pesquisa, trazendo à tona dados inéditos para a pesquisa sobre a *Influenza* em Manaus, personagens até então desconhecidos, camuflados em números e tabelas. O perfil tipo desses indivíduos corresponde a pessoas majoritariamente morenos e brancos, de nacionalidade brasileira e pertencentes à classe do povo, tendo a maioria identificada a ocupação de trabalho à jorna (jornaleiros), no caso dos homens, e trabalho doméstico, no caso das mulheres. Faleceram sobretudo na sua residência, durante a madrugada. Daremos de seguida alguns exemplos sobre o que aconteceu a essas pessoas que faleceram, para mostrar a riqueza destas fontes.

Manaus, quinta-feira, 21 de novembro de 1918. Talvez um dos dias mais difíceis para a população manauara, já que os índices de mortalidade e contaminação da *Influenza* haviam chegado ao pico. O desespero e pânico já tomava de conta de toda a cidade. Dores pelo corpo, espirros e febre muito alta acompanhavam os infetados. Às vezes a febre era tão forte que os acometidos deliravam e sucumbiam de tanto sofrimento. Um pouco distante do centro da cidade, na avenida João Coelho (atual Avenida Constantino Nery), morava a senhora Paulina Maria Conceição, nascida no ano de 1848 na província do Piauí. Pelo gráfico 15 percebemos como era significativa a presença de nordestinos na cidade, muitos dos quais seduzidos pelas promessas de enriquecimento por causa do látex. Paulina, nasceu antes mesmo da criação da província do Amazonas, que foi em 1852. O

seu atestado de óbito registra que sua cor era preta, isso significa que em 1888 quando ocorreu a abolição da escravidão no Brasil Paulina tinha 40 anos de idade. Provavelmente viu a cidade transformar-se na “Paris dos Trópicos”, bem como o abandono da cidade pelas grandes empresas, por conta da crise da economia gomífera.

O documento de óbito também registra a sua profissão, era doméstica, bem como o estado civil, nunca casou, sendo registrada como solteira. Se era uma ex-escrava que acabou permanecendo agregada à família, a documentação disponível não permitiu descobrir. Sabemos que nesse 21 de novembro de 1918, logo após o horário do almoço às 13:00 horas, Paulina Conceição faleceu, em casa, provavelmente na sua cama, aos 72 anos de idade. Como ela, até ao final de novembro mais de 600 pessoas faleceram de gripe espanhola na cidade, sendo esta a maior tragédia pandêmica da cidade.

Dois dias antes desse ocorrido outra mulher, Maria Cândida da Conceição também preta e doméstica morreu na sua residencial, na avenida Joaquim Nabuco, na Vila Mateus, às 15:00 horas. Era viúva, pelo que provavelmente só recebeu os cuidados dos seus familiares ou da família na qual ela era doméstica. A documentação não permite saber todos os detalhes, mas a partir de uma análise serial percebemos que boa parte da população que morava em Manaus acabou falecendo de Gripe Espanhola na sua própria residência, como fica evidente no gráfico 14. Mesmo que a cidade tivesse diversos postos de atendimento, várias pessoas, talvez por seu estado de debilidade não foram socorridas nos postos de campanha, sendo medicadas muitas vezes com remédios oriundos das práticas de curas populares e não dos fármacos da Medicina oficial.

No meio do pânico já instalado na cidade no dia 24 de novembro de 1918 o português Manuel Filipe, de 52 anos de idade, casado, jornalista, foi conduzido em estado grave e abandonado na porta da delegacia de polícia. De lá foi levado para o Isolamento Municipal, um dos postos construídos para atendimento dos *espanholados*, tendo sido atendido pelo médico Linhares de Albuquerque. Faleceu ao meio dia, sendo enterrado no mesmo dia.

Dar voz aos múltiplos agentes participantes dos processos de cura e tratamento das doenças, bem como os recursos científicos disponíveis, aos fármacos e às práticas de cura populares disponíveis, num determinado contexto histórico e geográfico, amplia a visão sobre o momento epidêmico. As variedades de fontes disponíveis das instituições de saúde empenhadas no combate à pandemia de gripe espanhola em Manaus, nos abrem inúmeras possibilidades de análise ainda não realizadas pela historiografia. Em recente

reflexão sobre a percepção do indivíduo na sua experiência com a doença, Dilene Raimundo (2018) destaca a mudança na historiografia,

“Nas últimas décadas, o indivíduo emergiu na historiografia das doenças, como protagonista de sua experiência de doença. As análises quantitativas e estatísticas, bastante formatadas pelo olhar médico, foram aos poucos substituídas por um desejo de ouvir o sujeito em sua experiência de adoecimento. No bojo da terceira geração dos *Annales*, as doenças tornaram-se objeto para a história, assim como o corpo e as teias de complexidade entre as experiências individuais na esfera coletiva, em especial os acontecimentos coletivos que alteram a dinâmica social, a exemplo das epidemias” (Nascimento e tal, 2018, p.32)

A doença mesmo atacando individualmente uma pessoa carrega o contexto social na qual ela está inserida. A maior parte dos personagens vitimados pela *Influenza*, até então totalmente invisíveis pela historiografia local e regional, podem ser alvo de importantes reflexões sobre o cotidiano da pandemia, o índice de pessoas que morreram na sua residência sem ter recebido nenhuma visita, e o horário da morte, em relação ao qual verificamos um padrão em Manaus, correspondente ao período compreendido entre as 20:00 horas da noite e as 2:00 horas da madrugada, ardendo em febre, muitas vezes delirando, talvez somente à base chás e caldos.

CAPÍTULO III

INSTITUIÇÕES, PERSONAGENS E PRÁTICAS DE CURA

3.1 As instituições de saúde e o combate à pandemia de gripe

Nesse capítulo iremos refletir sobre o papel das instituições de saúde que foram mobilizadas para o combate à pandemia de *Influenza* na cidade de Manaus, procurando entender principalmente como se deu o processo de mobilização das instituições de saúde e hospitais de campanha no momento da pandemia. Diversas instituições de saúde do município de Manaus foram mobilizadas para o atendimento dos doentes, outras foram adaptadas para atender os pacientes. Escolas, farmácias e demais instituições serviram como hospitais de campanha, incluindo um barco a vapor que foi adaptado para receber doentes que estavam em condições paupérrimas e possíveis gripados identificados em embarcações que atracavam no porto flutuante. Fazia parte da estratégia de contenção da pandemia que os gripados vindos de outras localidades recebessem os primeiros cuidados ainda no porto.

A maioria dessas instituições foram montadas no centro da cidade de Manaus, que já dispunha de hospitais como a Santa Casa de Misericórdia³⁹, que inclusive recebeu a partir do dia 24 de outubro de 1918 os primeiros espanholados; a Real e Benemerita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, fundada em 1873, que tratou principalmente da colônia portuguesa de Manaus; e o hospital militar na ilha de São Vicente, que funcionou sob o comando do quartel dos Caçadores. Esses três já funcionavam como hospitais e dispunham de uma estrutura própria para tratamento de doentes.

Os primeiros hospitais de campanha foram instalados no centro da cidade, logo quando houve um aumento significativo dos casos de *Influenza*, a saber: Hospital Santa Bárbara, instalado no vapor Rio Madeira e ficava no Rio Negro bem próximo ao porto flutuante; o posto de atendimento na Diretoria do Serviço Sanitário, que ficava na Rua Barroso; duas farmácias também serviram como posto de atendimento, a Farmácia América, na Rua da instalação, e a Farmácia Lemos, a mais antiga da cidade, funcionando desde 1855, que ficava na Rua dos Barés, atrás do mercado municipal Adolfo Lisboa; o consultório do doutor Basílio de Seixas, na principal avenida da cidade e Avenida Eduardo Ribeiro; a Associação Comercial do Amazonas (ACA); a Praça Heliodoro Balbi (praça da polícia), concretamente no prédio do batalhão da polícia militar do Amazonas (palacete provincial); e, já um pouco afastada do centro da cidade, a antiga Casa de

³⁹ De todas as instituições de saúde da cidade de Manaus a Santa Casa de Misericórdia foi a instituição que mais perdeu a documentação, não possuindo nem arquivo da própria instituição. Em 2007 quando o hospital encerrou suas atividades, parte significativa de sua documentação foi para o lixo, restando, hoje, poucos relatórios fragmentados em diversos arquivos da cidade de Manaus.

Detenção (cadeia pública), funcionando como escola de Aprendizes Artífices, onde foi montada a enfermaria São Roque, exclusivamente para “doentes de gripe encontrados ao relento, em abandono em certos pontos da cidade” (Da Matta, 1919, p.16).

Também o teatro Amazonas, símbolo da riqueza da borracha foi transformado em um posto de atendimento, mas também um lugar onde houve distribuição de alimentos para a população assolada pela pandemia. Recebeu o nome de Posto Madame Bacellar, referência à primeira dama do Estado, Maria Augusta Bacellar. Aliás, o posto do teatro ficou na responsabilidade do médico Miranda Leão, então diretor do serviço sanitário.

Igualmente fora do centro da cidade, em bairros periféricos, foram instalados outros postos de atendimento. É bom salientar que mesmo que essas estruturas tivessem recebido esse nome de “Posto de Atendimento”, na prática funcionavam como hospitais de campanha. Estavam distribuídos da seguinte forma: Posto da Cachoeirinha, localizado no bairro do mesmo nome; Posto Vila Municipal, localizado na vila municipal, próximo ao cemitério São João Batista, sendo conhecido como um bairro de muitas chácaras, com 27 residências e um total de 105 moradores segundo dados de 1907; Posto Mocó, localizado no final do Boulevar Amazonas, próximo ao reservatório de água do Mocó, na época o principal da cidade, e também próximo ao parque amazonense, local de prática esportiva.

Na tabela seguinte é apresentado um rol dos hospitais e dos postos de atendimento que foram utilizados para o combate à gripe espanhola.

N	POSTO ATENDIMENTO	ENDEREÇO	BAIRRO
1	SANTA CASA DE MISERICÓRDIA	RUA 10 DE JULHO	CENTRO
2	HOSPITAL PORTUGUÊS BENEFICENTE PORTUGUESA NO AMAZONAS	AV. JOAQUIM NABUCO	CENTRO
3	HOSPITAL FLUTUANTE SANTA BARBARA	RIO NEGRO	
4	POSTO DA CACHOEIRINHA		CACHOEIRINHA
5	POSTO VILA MUNICIPAL		VILA MUNICIPAL
6	POSTO GIRAU		BILHARES
7	POSTO MOCÓ		BOULEVAR AMAZONAS
8	DIRETORIA DO SERVIÇO SANITARIO	RUA BARROSO	CENTRO
9	FARMACIA AMÉRICA	RUA DA INSTALAÇÃO	CENTRO
10	FARMACIA LEMOS	RUA DOS BARÉS	CENTRO
11	CONSULTORIO DO Sr. Dr. BASILIO DE SEIXAS	AV. EDUARDO RIBEIRO	CENTRO
12	POSTO DE ASSISTENCIA MADAME ALCANTARÁ BARCELLAR	TEATRO AMAZONAS	CENTRO
13	HOSPITAL DUQUE DE CAXIAS	NO PRÉDIO DA PRAÇA VISCONDE DE RIO BRANCO	CENTRO
14	ENFERMARIA SÃO ROQUE	CASA DE DETENÇÃO	CENTRO
15	BATALHÃO DE POLICIA DO ESTADO (PALACETE PROVINCIAL)	PRAÇA DA POLICIA	CENTRO
16	QUARTEL DOS 45 CAÇADORES	HOSPITAL MILITAR DE SÃO VICENTE	CENTRO
17	ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS	RUA GUILHERME MOREIRA	CENTRO

Quadro 6. Instituições de Saúde e Postos de Atendimento para a Gripe Espanhola em Manaus (1918-1919).

Fonte: Revista Amazonas Médico, 1919.

Dos 17 hospitais e postos de atendimento que socorreram a população de Manaus, 13 estavam localizados no centro da cidade. Ao que indicam as fontes, foram os postos do centro da cidade os primeiros a serem instalados. Já os bairros periféricos, o processo foi diferente. Somente quatro tiveram um hospital de campanha instalado, evidência de que as ações de combate e socorro aos doentes priorizaram o centro, talvez por ser o local onde a elite manauara morava. Através de um levantamento realizado pela comissão de Saneamento de Manaus, publicado no *Jornal do Commercio* em 1907, é possível verificar um panorama sobre a divisão populacional de Manaus por ruas. Esse levantamento está patente no quadro 7, a seguir apresentado, o qual contém dados importantes sobre o número de casas, adultos, crianças, estrangeiros e alfabetizados.

POPULAÇÃO DE MANAUS POR RUAS (1907)										
			ADULTOS		MENORES				SABEM LER E ESCREVER	TOT.
RUAS	DISTRITO	CASAS	MASC	FEMIN	MASC	FEMIN	NACION.	ESTRANG.		
IGARAPÉ C. GRANDE	-	14	33	25	15	14	84	3	48	87
BAIRRO DE FLORES	-	98	272	239	84	75	670	0	187	670
VILA MUNICIPAL	-	27	35	36	19	15	105	0	26	105
PRAÇA SILVERIO NERY	-	4	4	4	2	3	13	0	1	13
RUA SÃO LUIZ	-	7	13	14	8	4	39	0	16	39
RUA FORTALEZA	-	5	8	18	7	7	40	0	22	40
RUA RECIFE	-	8	9	17	3	4	31	2	16	33
RUA TEREZINA	-	22	34	26	20	18	93	5	34	98
RUA NATAL	-	11	14	12	11	2	38	1	13	39
RUA MACEIO	-	5	6	5	2	2	15	0	0	15
RUA PARAIBA	-	8	10	13	4	3	29	1	6	30
LAGO DO JANAURY	IRANDUBA	39	69	59	57	53	238	0	0	0
-	JANAURY	38	59	53	46	37	196	1	0	0
-	CALDEIRÃO	60	99	88	83	73	340	1	0	776
LAGO DO XIBURENA (POVOADO)	-	6	8	7	6	15	36	0	0	36
UMIRITUBA	-	16	38	27	34	30	129	0	0	129
PIXUNAS E TERRA PRETA (POV)	-	15	47	28	25	18	118	0	0	118
CURUPIRA	-	11	27	19	25	15	86	0	0	86
LITORAL	-	0	164	0	0	0	161	3	0	164
COLÔNIA CAMPOS SALES	-	280	370	397	288	284	1.339	0	285	1.339
LAGO DO CAREIRO (POVOADO)	-	0	470	413	398	368	1.645	4	532	1.649
AV. COMM. CLEMENTINO	-	27	49	38	32	19	137	1	65	138
RUA CAXANGÁ	-	1	8	7	4	3	22	0	4	22
RUA EMILIO MOREIRA	-	36	107	70	49	42	173	95	120	268
AVENIDA JAPURÁ	-	74	154	87	46	38	284	41	102	325
AVENIDA APURINAN	-	52	124	82	46	33	282	3	66	285
CACHOEIRA GRANDE	-	159	467	272	142	123	995	9	172	1.004
BAIRRO DOS TOCOS	2	248	385	367	227	187	1.141	25	502	1.166

COLONIA OLIV. MACHADO	-	135	399	345	177	154	1.057	18	204	1.075
COLONIA SÃO RAIMUNDO	-	235	297	352	250	230	1.124	5	750	1.129
BAIRRO DO EDUCANDOS	-	106	202	267	184	158	802	9	207	811
PARANÁ DO CAMBIXE (p)	-	450	398	407	384	451	1.636	4	469	1.640
AVENIDA CANAÇARY	-	42	82	62	44	39	226	1	91	227
AVENIDA WAUPÉS	-	69	187	134	72	64	431	26	192	457
AVENIDA MAJOR GABRIEL	-	88	182	198	102	93	460	115	235	575
IGARAPÉ DE MANAÓS	-	18	38	72	40	27	166	11	18	177
AVENIDA BORBA	-	27	62	42	29	19	151	1	58	152
RUA CANDIDO MARIANO	-	19	57	52	27	19	145	10	102	155
RUA DUQUE DE CAXIAS	-	73	169	117	73	64	398	25	97	423
RUA COMANDANTE NUNO	-	205	515	356	291	330	1.439	53	444	1.492
ESTRADA DR. MOREIRA	-	184	370	327	182	157	886	150	562	1.036
RUA ORIENTAL	-	8	30	25	12	15	66	16	47	82
RUA OCIDENTAL	-	9	24	18	7	8	53	4	0	57
RUA DR. APRIGIO	-	5	11	9	6	3	24	5	4	29
RUA PEREIRA GUIMARÃES	-	5	7	6	6	5	24	0	0	24
PRAÇA 14 DE JANEIRO	-	15	12	7	3	14	34	2	12	36
AV. NHAMUNDÁ	-	52	77	69	55	39	236	4	96	240
AV. URUCARÁ	-	27	63	49	39	24	172	3	64	175
AV. GLYCERIO MATA DA CACHOEIRINHA	-	27	53	47	38	18	156	0	58	156
AV. COARI	-	54	94	87	50	45	276	0	49	276
AV. COARI	-	16	38	22	15	12	87	0	22	87
AV. PARINTINS	-	14	23	19	15	10	67	0	20	67
AV. CODAJÁS	-	14	19	26	15	12	65	7	13	72
AV. WAUÉS	-	22	40	32	22	13	94	13	33	107
AV. TEFÉ	-	13	22	19	14	10	59	6	30	65
AV. ITACOATIARA	-	23	36	29	30	12	99	8	42	107
AV. SILVES	-	12	16	20	15	12	63	0	11	63
AVENIDA MANICORÉ	-	28	36	35	32	18	118	3	43	121

PRAÇA FLORIANO PEIXOTO	-	6	9	15	9	0	33	0	22	33
AV. SANTA ISABEL	-	15	23	20	18	15	76	0	18	76
RUA LUIZ ANTONY	-	141	394	359	197	162	752	360	407	1.112
ESTRADA EPAMINONDAS	-	75	202	147	89	187	411	214	209	625
PRAÇA 5 DE SETEMBRO	2	16	30	32	22	25	100	9	51	109
RUA WILKENS DE MATTOS	-	8	19	10	4	5	21	17	18	38
PRAÇA SÃO JOÃO	2	29	57	44	22	28	145	6	70	151
PRAÇA BENJAMIN CONSTANT	2	16	29	23	15	11	78	0	25	78
RUA VINCONDE DE PORTO ALEGRE	1 e 2	51	140	120	51	57	275	93	110	368
AVENIDA HMAITÁ	-	10	20	22	14	13	69	0	27	69
AVENIDA AJURICABA	-	35	60	48	37	20	145	20	79	165
RUA IPIXUNA	-	22	39	33	18	27	110	7	55	117
AVENIDA AYRÃO	2	86	159	138	98	82	477	0	182	477
AVENIDA MOCÓ	-	26	43	37	24	19	123	0	24	123
AVENIDA BARCELOS	-	19	27	28	26	20	98	3	27	101
AVENIDA TARUMÃ	-	53	80	77	53	43	241	12	85	253
RUA 24 DE MAIO	2	72	207	186	53	43	350	139	391	489
RUA 10 DE JULHO	2	110	301	237	127	98	594	169	391	763
RUA SÃO VICENTE	2	28	152	70	15	22	101	158	89	259
RUA DA INDEPENDÊNCIA	2	61	220	129	34	32	252	163	108	415
RUA HENRIQUE ANTONY	2	19	71	20	9	7	50	57	49	107
RUA SALDANHA MARINHO	2	133	605	240	78	69	529	463	270	992
PRAÇA DA REPUBLICA	2	9	63	32	7	9	84	27	84	111
RUA ITAMARACÁ	2	12	12	18	0	0	5	25	14	30
PRAÇA GENERAL OSORIO	-	0	184	0	0	0	184	0	104	184
RUA MARECHAL DEODORO	-	8	87	2	1	4	57	37	27	94
RUA CORONEL ANTONIO BITTENCOURT	-	28	157	69	8	6	170	70	102	240
RUA MOSENHOR COUTINHO	-	131	322	267	144	256	697	292	572	989

RUA RAMOS FERREIRA	-	95	234	215	97	189	605	130	270	735
RUA FERREIRA PENA	-	21	89	54	30	24	88	109	107	197
RUA HENRIQUE MARTINS	1	96	390	260	120	109	520	359	359	879
RUA MARCILIO DIAS	1	26	239	63	28	25	156	199	177	355
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO	1	9	589	18	12	10	586	43	139	629
PRAÇA DOS REMEDIOS	1	24	81	72	18	13	156	28	134	184
RUA LEOVEGILDO COELHO	1	20	174	73	29	25	223	78	122	301
RUA AFONSO DE CARVALHO	1	46	70	51	18	17	120	36	104	156
PRAÇA URUGUAIANA	1	8	15	14	8	7	31	13	15	44
RUA LOBO D' ALMADA	1	40	130	86	19	29	168	96	115	264
RUA DA INSTALAÇÃO	1	34	172	8	8	9	120	77	147	197
PRAÇA DO COMERCIO	1	2	5	6	5	7	17	6	19	23
RUA MARQUES DE SANTA CRUZ	1	7	71	4	5	0	48	32	60	80
PRAÇA TAMANDARÉ	1	2	9	3	0	1	2	11	11	13
AV. ADUARDO RIBEIRO	2	35	168	58	25	17	143	125	201	268
RUA BARROSO	2	28	205	96	44	39	224	160	205	384
RUA DOS REMEDIOS	1	73	420	192	90	88	300	490	439	790
RUA JOSÉ PARANAGUÁ	1	54	120	167	79	72	397	41	267	438
RUA IZABEL	1	42	85	96	58	45	266	18	229	284
RUA DOS BARÉS	1	31	115	51	27	20	89	124	97	213
RUA DOS ANDRADAS	1	46	147	98	57	35	210	127	149	337
RUA MUNDURUCUS	1	28	197	97	28	32	198	256	142	354
RAMALHO JUNIOR	1	26	162	27	28	15	150	82	128	232
RUA DR. MACHADO	1 e 2	74	260	149	89	77	435	140	440	575
AVENIDA 13 DE MAIO	1 e 2	84	187	134	70	88	449	30	200	479
RUA TAPAJÓS	1 e 2	68	175	147	70	52	406	38	170	444
RUA LEONARDO MALCHER	1 e 2	71	198	148	85	40	405	66	189	471
RUA BITTENCOURT		30	72	62	32	19	171	14	66	185
RUA MUNICIPAL	1 e 2	130	394	225	88	79	483	301	658	786
AVENIDA SILVERIO NERY	1 e 2	180	499	384	202	197	814	468	752	1.282

TOTAL		5.915	16.026	11.154	6.554	6.200	33.300	6.732	15.911	39.934
-------	--	-------	--------	--------	-------	-------	--------	-------	--------	--------

Quadro 7. População de Manaus divido pelas ruas da cidade (1907).

Fonte. Dados coletados da Comissão de Manaus e publicados em serie pelo jornal do Comercio no ano de 1907, IGHA.

O quadro 7, constituído com os dados do recenseamento realizado pela Comissão, refere uma população de 39.934 em Manaus no ano de 1907. Ele ajuda a entender as dimensões e limites da cidade de Manaus, já que mostra as conhecidas ruas do centro, mas também comunidades distantes e na zona rural, como por exemplo o lago Xiburena com somente 6 residências onde moravam 36 pessoas, ou o lago Janauari que era dividido em distritos (Iranduba, Janauari e Calderão) e contava com 776 moradores. Numa visão mais ampla de Manaus os dados mostram que a cidade possuía 5.915 residências. Os dados mostram também que a cidade nesse período contava com 6.732 estrangeiros, ou seja, 17% do total, conforme se vê no gráfico abaixo.

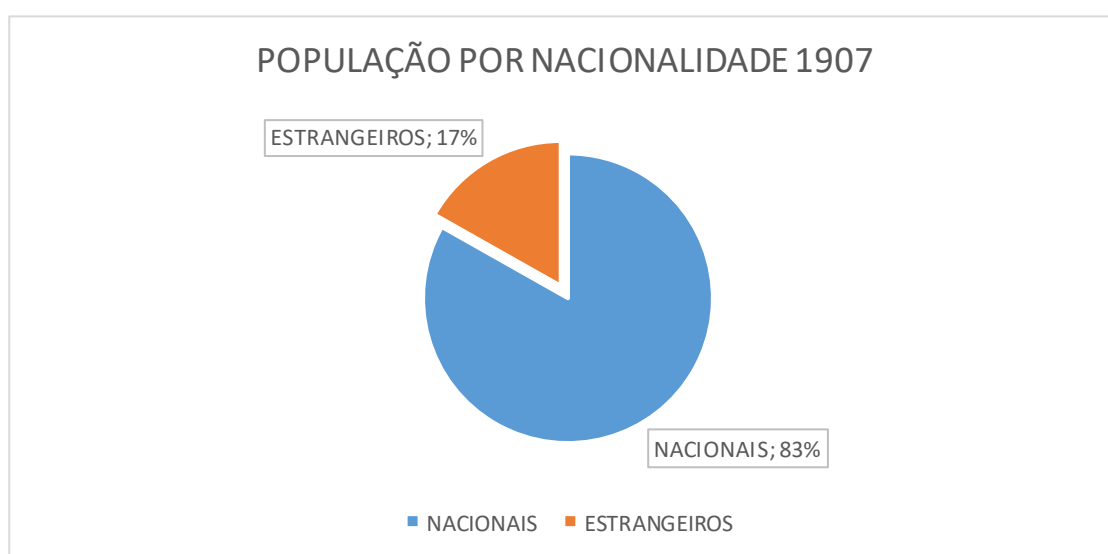


Gráfico 16. Percentagem de nacionais e estrangeiros na população de Manaus no ano de 1907.

Fonte: Dados coletados da Comissão de Manaus e publicados em serie pelo *Jornal do Comercio* no ano de 1907, IGHA.

Há também dados importantes relativos à distinção entre a representação numérica da população adulta e menor. Como é possível verificar no gráfico abaixo, Manaus tinha nesse ano um total de 27.180 adultos, correspondentes a 68% do total, e 12.754 pessoas menores de idade, ou seja 32% do total.

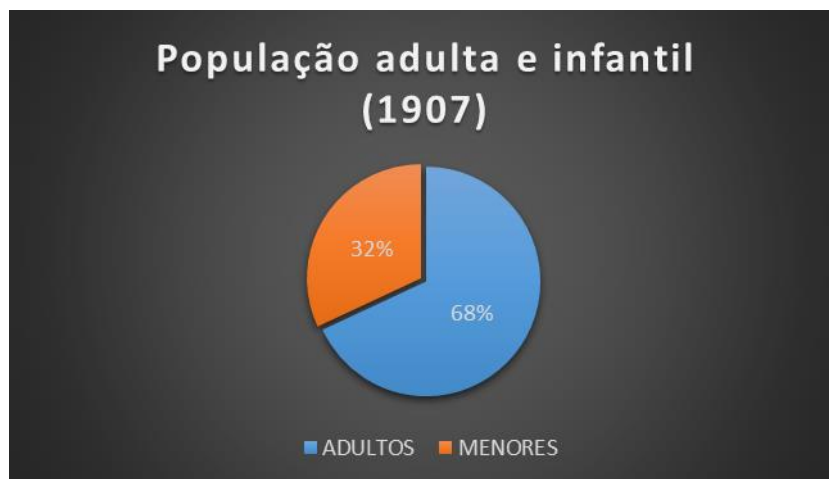


Gráfico 17. População adulta e menor de Manaus no ano de 1907.

Fonte: Dados coletados da Comissão de Manaus e publicados em série pelo jornal do Comercio no ano de 1907, IGHA.

Tendo como referência estes números do recenseamento da população manauara, procuraremos então entender como atuaram as instituições de saúde (hospitais) já em funcionamento, e as que foram criadas provisoriamente para o combate à pandemia, posteriormente desativadas quando se verificou uma diminuição do número de casos de gripe espanhola. O hospital flutuante Santa Bárbara é um exemplo interessante de um vapor que foi adaptado para servir como hospital. Não por acaso foi escolhido o vapor Rio Madeira, da empresa de navegação B. Levy & Ca, que fazia a linha do Rio Madeira, saindo duas vezes por semana. Esse era exatamente o vapor que fazia a linha no reduto eleitoral do governador Alcântara Bacellar, que antes de ser eleito governador do Estado morava em Humaitá, no rio Madeira onde exerceu o cargo de prefeito.



Figura 10. Propaganda da empresa de navegação de B. Levy & Ca, sobre o vapor Rio Madeira que foi usado como hospital de campanha durante a gripe espanhola. Fonte: *Jornal do Commercio*, Manaus 14 de junho de 1910, página 4.

Podemos também destacar que por vezes encontramos na documentação (principalmente em jornais) referência ao hospital flutuante Rio Madeira, que era o

mesmo e não outro hospital de campanha. Isso se explica com o fato de, por vezes, a imprensa colocar o nome da embarcação na matéria do jornal (Rio Madeira). O hospital foi administrado pelo médico Madureira de Pinho e recebeu homens e mulheres de três nacionalidades, Portugal Brasil e Peru. Na figura 11 é possível verificar a movimentação dos doentes que deram entrada nesta estrutura assistencial.

Hospital flutuante SANTA BARBARA										
MEZ DE NOVEMBRO		Brazileiros		Portug. es		Peruanos		Total por sexo		GRANDE TOTAL
		H	M	H	M	H	M	H	M	
Entraram		81	8	1	—	3	—	85	8	93
Sahiram {	Alta por curados.	59	6	1	—	1	—	60	6	66
	» a pedido.	9	—	—	—	—	—	9	—	9
	» por falecidos	5	2	—	—	—	—	6	2	8
Total		73	8	1	—	1	—	75	8	83
Transferidos para dezembro.		8	—	—	—	2	—	10	—	10
Grande Total		81	8	1	—	3	—	85	8	93
MEZ DE DEZEMBRO										
Transferidos de novembro		8	—	—	—	2	—	10	—	10
Entraram		46	—	4	—	1	—	51	—	51
Total		54	—	4	—	3	—	61	—	61
Sahiram {	Alta por curados.	40	—	1	—	3	—	44	—	44
	» a pedido.	2	—	2	—	—	—	4	—	4
	» por falecidos	5	—	1	—	—	—	6	—	6
Total		47	—	4	—	3	—	54	—	54
Transferidos para janeiro		7	—	—	—	—	—	7	—	7
Grande Total		54	—	4	—	4	—	61	—	61

Figura 11. Movimentação dos gripados no hospital flutuante Santa Bárbara.
Fonte: Revista *Amazonas Médico*, 1919, IGHA.

Pelo conteúdo da imagem é possível concluir que o movimento do hospital flutuante Santa Bárbara foi intenso nos meses de novembro e dezembro de 1918. Não sabemos exatamente porque somente três nacionalidades foram atendidas nesse hospital, principalmente nos meses de novembro e dezembro, com um total de 93 pacientes em novembro, no pico epidêmico da Influenza, e 61 em dezembro. A tabela também mostra uma transferência de 7 pacientes para o mês de janeiro de 1919, mas sem informações sobre os que foram curados e que faleceram.

A imprensa manauara também revela detalhes do Santa Bárbara, mesmo que muitas vezes o refira pelo nome barco “Rio Madeira”. Além de diariamente os doentes do navio receberem os cuidados do médico Madureira de Pinho, também contavam com

os serviços do enfermeiro Alfredo Pacifico de Queiroz, responsável em atender os doentes, bem como do mestre Manuel da Costa Bastos, que tinha a seu cargo a alimentação e medicamentos dos pacientes (*Jornal do Commercio*, 1918, p.1).

Em visita ao hospital, na manhã de sábado, 7 de dezembro de 1918, logo após o pico de casos no mês anterior, os repórteres do *Jornal do Commercio* foram surpreendidos com um dos pacientes que insistiu em falar com a imprensa, tendo o mesmo sido descrito como “dotado de alguma instrução”. O testemunho que deu sobre o internamento no Santa Barbara era francamente positivo, como é possível concluir das suas palavras: “vivemos aqui asilados num paraíso, onde se encontra de tudo, desde a boa alimentação até o repouso espiritual” (*Jornal do Commercio*, 1918, p.1).

Além destes hospitais criados na urgência da pandemia, os outros, já estabelecidos na cidade, também exerceram uma ação importante, como foi o caso do Hospital Português Beneficente Portuguesa do Amazonas, uma instituição que atendia principalmente a colônia portuguesa radicada em Manaus. Inaugurado em 1893, atendeu principalmente os sócios e pensionistas e por vezes, pela prática da caridade, os indigentes, reproduzindo, neste último caso, um padrão visível nos hospitais portugueses da época moderna, no reino e no império (SÁ, 1997, 2000; SÁ & LOPES 2008; ARAÚJO, 2022; GOUVEIA, 2024). Os números indicam que esse padrão foi mantido no período da pandemia de gripe espanhola.

No relatório das atividades do hospital relativas ao ano de 1918, pouco ficou registado sobre a pandemia. Contudo, na descrição sobre a sua passagem pela cidade é possível encontrar as seguintes palavras: “tremendo flagelo que assolou o universo, deixando em sua passagem a dor, a viuvez e a orfandade” (RELATÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICENTE, 1918, p.5). Além de relatar as dificuldades o relatório também deixava claro que a atuação do hospital tinha se orientado para “pelos fins a que se destina”, quer dizer, o atendimento preferencial dos sócios e pensionistas atacados pela gripe, tratados principalmente pelos médicos Ribeiro da Cunha e Flavio de Castro.

Uma análise do movimento de doentes do hospital desde o ano de 1900 (conforme quadro abaixo) faz perceber como realmente o foco do hospital era atender os pensionistas, sendo o atendimento caritativo aquele que era direcionado aos pobres, que não tinham condições de pagar qualquer tratamento. Bastará dar como exemplo o ano de 1905, durante o qual somente três pessoas foram atendidas sob justificação de caridade.

HOSPITAL PORTUGUES - MOVIMENTO DE DOENTES (1900-1918)						
ANO	SOCIO	PENSIONISTA	CARIDADE	TOTAL	MORTES	% MORTES
1900	54	889	49	992	79	13
1901	71	1.105	64	1.240	92	13
1902	66	986	68	1.120	101	11
1903	57	864	45	966	103	9
1904	50	1.021	8	1.079	90	12
1905	60	1.272	3	1.335	80	17
1906	71	1.151	18	1.240	128	10
1907	58	1.433	9	1.500	142	11
1908	119	1.492	24	1.635	122	13
1909	159	1.462	41	1.662	98	17
1910	180	1.779	33	1.992	221	9
1911	173	2.118	32	2.323	177	13
1912	154	1.729	50	1.933	118	16
1913	164	1.444	32	1.640	218	8
1914	98	379	5	482	11	44
1915	58	524	17	599	19	32
1916	64	738	21	823	49	17
1917	18	712	31	761	44	17
1918	96	839	115	1.050	83	13

Quadro 8. Movimento de doentes no Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas.

Fonte: *Relatório da Sociedade beneficente Portuguesa do Amazonas*, tipografia Cá & Lá, 1919. IGHA.

O quadro 8 demonstra a queda do número de tratamento no período correspondente à crise da borracha, designadamente a partir do ano de 1914, certamente reflexo da diminuição populacional, principalmente de estrangeiros que deixaram a cidade. No ano da pandemia o número de atendimentos subiu exponencialmente, embora seja perceptível que não chegariam a índices anteriores, verificados no período compreendido entre 1904 e 1913. É importante referir ainda que a percentagem de mortalidades de doentes internados neste hospital, nesse ano pandémico, permaneceu sem alterações significativas em relação aos dois anos anteriores, inclusive sendo mais baixo.

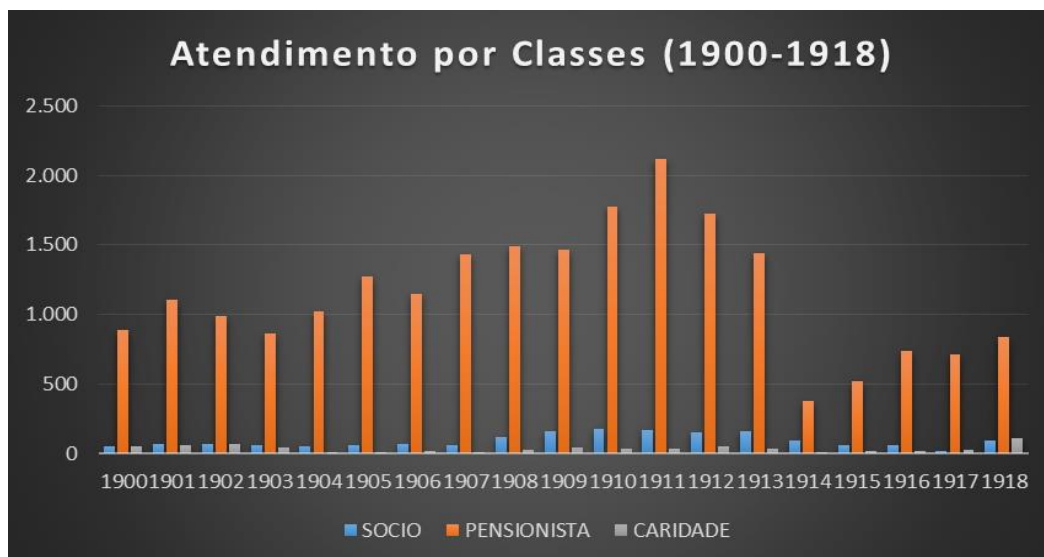


Gráfico 18. Doentes tratados pelo Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas.
 Fonte: *Relatório da Sociedade beneficente Portuguesa do Amazonas*, tipografia Cá & Lá, 1919. IGHA.

Mesmo com explosão de casos de gripe na cidade de Manaus o hospital português manteve os mesmos índices de atendimentos, não alterando a porcentagem dos atendimentos à caridade, isto é, aos indigentes que não teriam condições de pagar pelo tratamento no hospital.

ANNEXO N.º 12

Movimento de doentes desde 1900 a 1918

ANNO	TOTAL	CLASSES			NACIONALIDADE			SEXO		FALLECIMENTOS		
		Socio	Pensionista	Caridade	Portuguez	Brazileiro	Outras Nações	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Total
1900	992	54	889	49	736	167	89	992	—	79	—	79
1901	1.240	71	1.105	64	910	229	101	1.240	—	92	—	92
1902	1.120	66	986	68	827	201	92	1.120	—	101	—	101
1903	966	57	864	45	712	166	88	966	—	103	—	103
1904	1.079	50	1.021	8	807	203	69	1.079	—	90	—	90
1905	1.335	60	1.272	3	1.119	142	74	1.335	—	80	—	80
1906	1.240	71	1.151	18	1.046	112	82	1.240	—	128	—	128
1907	1.500	58	1.433	9	1.235	172	93	1.500	—	142	—	142
1908	1.635	119	1.492	24	1.297	244	94	1.635	—	122	—	122
1909	1.662	159	1.462	41	1.392	171	99	1.662	—	98	—	98
1910	1.992	180	1.779	33	1.533	258	201	1.933	59	210	11	221
1911	2.323	173	2.118	32	1.811	289	223	2.153	170	197	21	177
1912	1.933	154	1.729	50	1.519	235	179	1.777	156	160	17	118
1913	1.640	164	1.444	32	1.302	190	148	1.507	133	100	18	218
1914	482	98	379	5	338	95	49	436	46	9	2	11
1915	599	58	524	17	436	90	73	543	56	16	3	19
1916	823	64	738	21	498	203	122	701	122	37	12	49
1917	761	18	712	31	466	197	98	666	95	39	5	44
1918	1.050	96	839	115	748	181	121	899	151	75	8	83
	24.372	1.770	21.937	665	18.732	3.545	2.095	23.384	988	1.878	97	1.975

Manáos, 31 de Dezembro de 1918.

Julio Marques,
1.º Secretariº.

Figura 12. Movimento de doentes no Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas, 1900-1918.
 Fonte: *Relatório da Sociedade beneficente Portuguesa do Amazonas*, tipografia Cá & Lá, 1919. IGHA.

A figura 12 mostra o relatório do Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas com balanço do seu movimento no tratamento de doentes desde 1900 até 1918. Através dele podemos refletir sobre a atuação da instituição de saúde, na pandemia e em outros momentos de sua história. Como se percebe, nos dados aí coletados, as mulheres somente passaram a ser atendidas no hospital a partir do ano de 1910, cujos motivos não são relatados pela documentação.

Percebemos sobretudo que independentemente de um cenário pandêmico sempre o foco do hospital foram os seus pensionistas que entre 1900 e 1918 representaram 90% do atendimento.

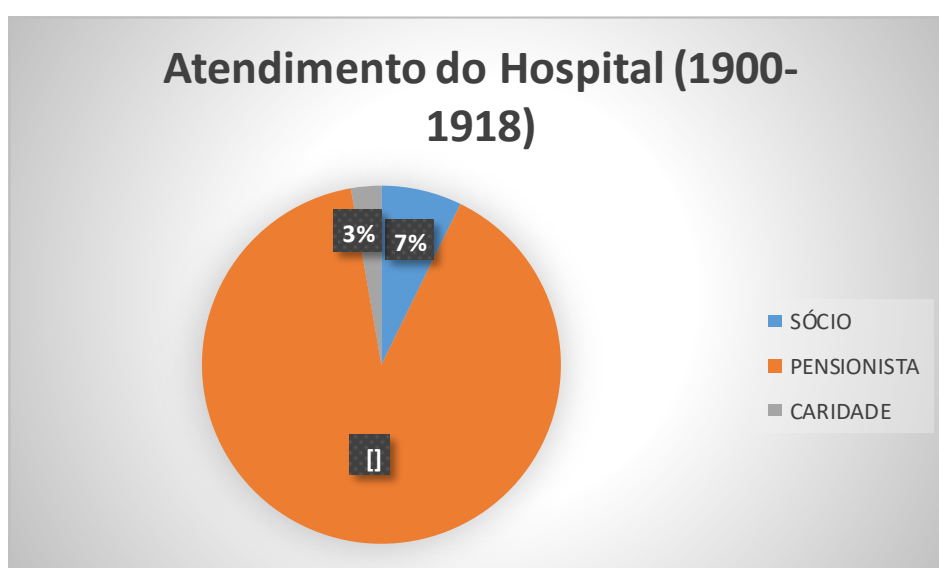


Gráfico 19. Doentes tratados pelo Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas entre 1900 e 1918.

Fonte: *Relatório da Sociedade beneficente Portuguesa do Amazonas*, tipografia Cá & Lá, 1919. IGHA.

Os restantes doentes atendidos no hospital, correspondentes a 10% do total, ficaram distribuídos entre os sócios e outros atendidos por uma questão de caridade, quer dizer, os indigentes que não tinham meios para custear seu atendimento e tratamento. No ano da pandemia (1918) o cenário não mudou, pois os atendimentos se concentraram nos pensionistas que representaram 80% dos que foram recebidos no hospital, conforme gráfico abaixo.

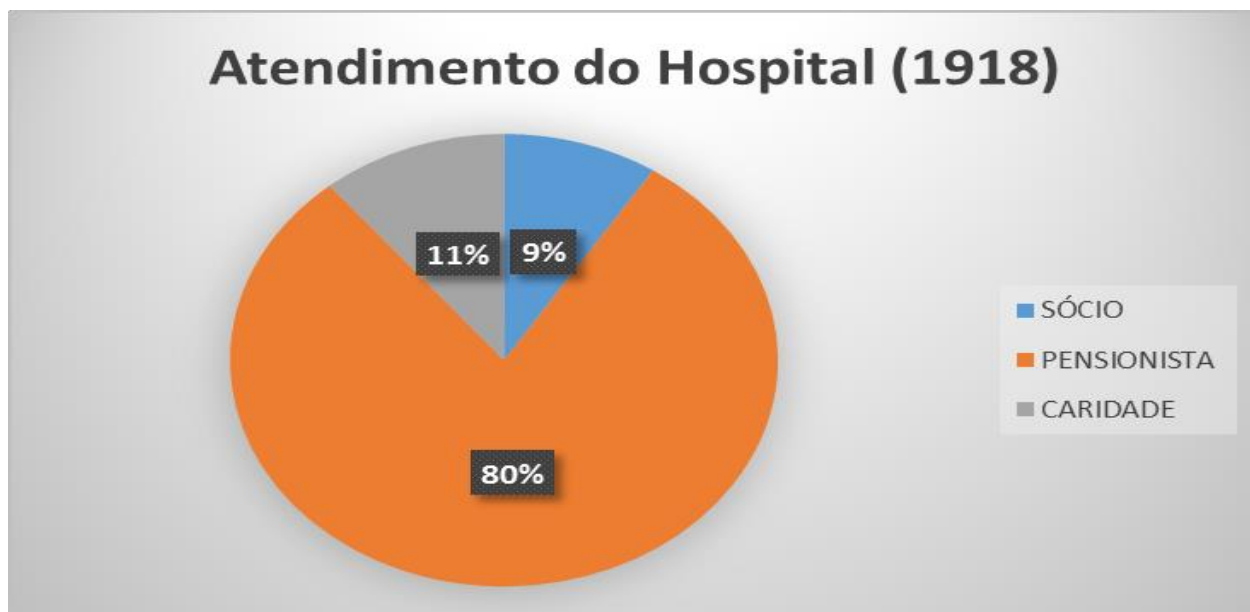


Gráfico 20. Doentes tratados pelo Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas no ano de 1918. Fonte: *Relatório da Sociedade beneficente Portuguesa do Amazonas, tipografia Cá & Lá, 1919. IGHA.*

Outro dado muito importante para entender a dinâmica do funcionamento do hospital, é justamente o percentual de atendimentos por nacionalidade, visível no gráfico 21. Nele fica evidente a forte porcentagem de portugueses, entre o público atendido pelo hospital de nacionalidade não brasileira. Esses e outros indivíduos descendentes de portugueses que eram pensionistas do hospital estavam entre aqueles que a quem se dirigiu a atividade médica desta instituição. Comparando este com o gráfico anterior, é possível perceber os mesmos 80% entre os anos de 1900 até 1918 para os portugueses radicados em Manaus, mas isso não é um dado estranho pois os portugueses eram a maioria dos pensionistas e a sua atuação na colônia foi a maior responsável pela construção e sustento do hospital, o qual permanece em funcionamento até hoje.

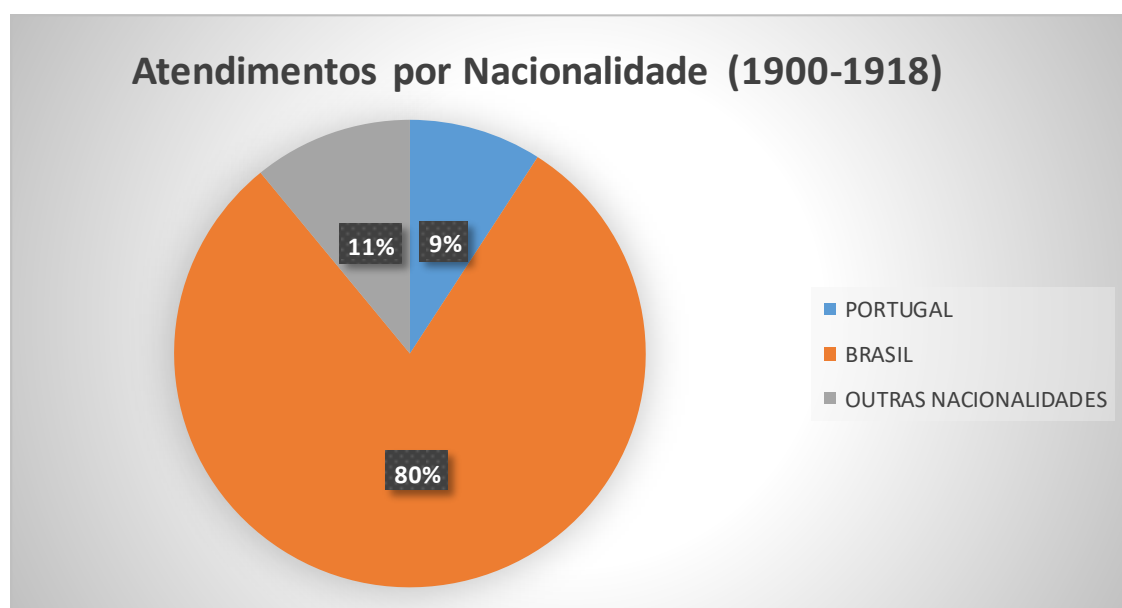


Gráfico 21. Doentes tratados pelo Hospital Beneficente Portuguesa do Amazonas por nacionalidade (1900-1918).

Fonte: *Relatório da Sociedade beneficente Portuguesa do Amazonas*, tipografia Cá & Lá, 1919. IGHA.

Outro ponto importante para reflexão sobre o hospital português é exatamente o fato de a média de atendimento não ter aumentado com a pandemia, tendo 748⁴⁰ portugueses sido atendidos em 1918, outros 181 brasileiros e as demais nacionalidades somaram 121 atendimentos. Infelizmente o relatório não mostra os dados mensais, assim poderíamos entender o movimento dos doentes no hospital nos meses de novembro e dezembro, meses com os maiores índices de mortalidade na cidade.

Outra instituição importante que atuou no campo da saúde como resposta à pandemia foi a Santa Casa de Misericórdia de Manaus, que acolheu principalmente no início da pandemia, todos doentes com os sintomas da gripe. Mesmo que a documentação existente não mostre nenhum dado sobre o movimento de doentes da Santa Casa, as fontes sempre a mencionam como o local que entraria em colapso justamente pela quantidade de gripados. Mencionando a Santa Casa na revista *Amazonas Médico*, o doutor Alfredo da Matta admitia que, logo no início da pandemia, ao receber os primeiros doentes de gripe, o vírus foi transmitido para praticamente todas as alas do hospital: “todos os doentes das enfermarias dos homens, da clínica médica e cirúrgica, da infantil, foram inopinadamente contagiados” (Da Matta, 1919, p.17).

⁴⁰ Esse dado aparece na figura n.º 12 que mostra o quadro de movimentação de doentes do hospital Português.

Além dos já referidos, outros hospitais de campanha foram criados, mas as fontes não contêm a não ser muito poucos detalhes da movimentação de enfermos, como o número de atendimentos e mortalidade. Dois deles parecer ter servido apenas os militares. Um foi o Comando do Batalhão da Polícia do Estado, que estava funcionando na praça da Constituição, onde praticamente todo o corpo policial ficava alojado. Foi transformado em hospital, mas ao que tudo indica somente para atender os militares ali alojados, que ficaram com os cuidados do capitão-cirurgião doutor Turiano Meira.

O mesmo aconteceu com o Quartel do 45 de caçadores, onde parte dos militares foram acometidos com a gripe espanhola. Não podendo realizar o tratamento de todos os doentes, a solução encontrada foi transferir alguns para enfermaria militar da ilha de São Vicente, no centro da cidade. Ali receberam os cuidados do médico Hermenegildo Lopes de Campos, um reconhecido médico da cidade, autor de dois livros importantes para a história da saúde no estado do Amazonas: “Climatologia Médica do Estado do Amazonas (1909)” e “Guia Médico do Povo (1901)”.

Já em relação aos outros postos de atendimento, um pouco distantes do centro da cidade, temos pouquíssimas informações sobre os atendimentos que realizaram. São eles o Posto da Cachoeirinha; o Posto da Vila Municipal; o Posto Girau; o Posto Mocó e a enfermaria São Roque, que funcionou na Casa de Detenção. O mesmo acontece com os outros postos que estavam localizados no centro da cidade. Em relação a esses também temos poucas informações documentais sobre como aí se deu o atendimento, designadamente no Posto na Diretoria do Serviço Sanitário; na Associação Comercial do Amazonas (ACA); no consultório do doutor Basílio de Seixas; no Hospital Duque de Caxias; no posto na Farmácia Lemos; e na Farmácia América.

O posto que destacamos aqui é o que funcionou no teatro Amazonas. “Madame Alcântara Bacellar” era a sua designação, que fazia alusão à esposa do governador Alcântara Bacellar, D. Maria Augusta Bacellar, professora de piano e primeira-dama. O posto tinha duas finalidades, o atendimento aos doentes e distribuição de alimentos para a população pobre durante a pandemia, que estrategicamente realizou no teatro e usando uma referência clara ao seu nome,

“Sentiam todos a sua necessidade premente, em particular os médicos, senhor excelentíssimo o doutor governador inclusive, que a verificaram, de instante a instante na penúria de numerosos gripados, muitos pela carência de recursos materiais (Da Matta, 1919, p.17).

Mesmo que seja lícito pensar que a distribuição de alimentos tenha tido em conta o fato de a eleição estar muito próxima e poder, portanto, render dividendos políticos, a verdade é que o posto de atendimento desempenhou o seu papel no contexto da pandemia, pois ocupava uma área centralizada da cidade, e bastante conhecida. Muitas pessoas se dirigiram ao teatro para receber alimentos, conforme mostra a documentação existente.

À frente das instituições de saúde e do governo do Estado estavam alguns personagens que se destacaram no combate à pandemia de gripe espanhola, nesse contexto poderemos mencionar os médicos de Manaus. Eles estiveram na linha de frente no combate à pandemia, e estavam organizados dentro da Sociedade de “Medicina e Cirurgia do Amazonas”, Sociedade que reunia praticamente todos os médicos conhecidos da cidade. A sociedade também era responsável pela publicação da revista *Amazonas Médico* e, não por acaso, parte significativa das fontes sobre a pandemia de gripe em Manaus são textos e dados aí publicados.

A Sociedade de medicina e Cirurgia do Amazonas (SMCA), não foi exatamente a primeira sociedade desse gênero no Amazonas, tampouco foi a criou a revista *Amazonas Médico*, que iniciou sua primeira fase em 1899. Essa publicação foi responsabilidade da “Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas” fundada no mesmo ano, durante o qual saíram os dois primeiros números da revista. Essa organização seria extinta e a revista deixaria de ser publicada, sendo retomada em 1909, com os números 3 e 5-6. Essa foi a primeira fase da revista. Nessa fase aparecem como editores os nomes dos médicos Jorge de Moraes, Alfredo da Matta, Astrolábio Passos e Galdino Ramos (Schweichardt, 2011).

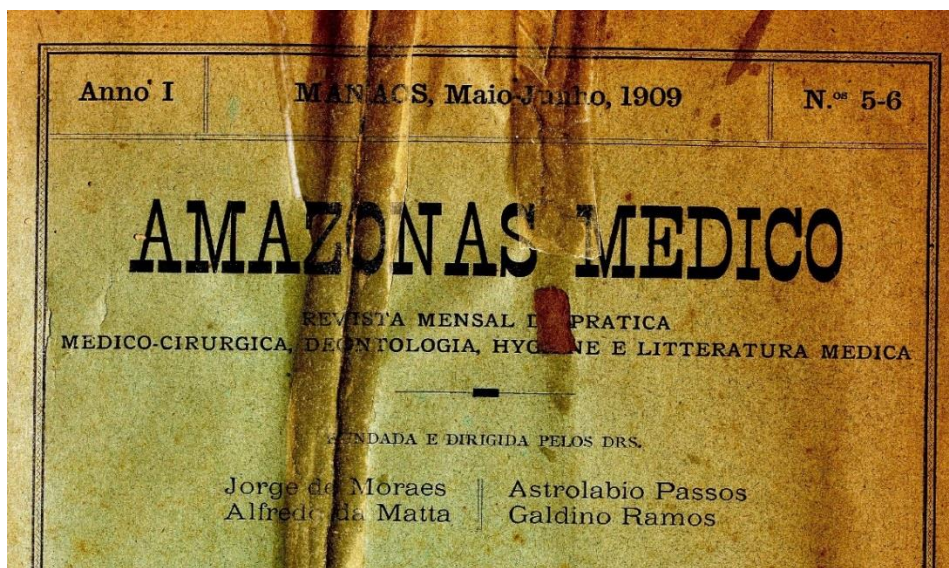


Figura 13. Parte da capa da revista *Amazonas Médico* de 1909, referente aos volumes n.ºs 5-6.

Em 1917 seria fundada a SMCA com praticamente os mesmos médicos da então extinta *Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas* (1909), que voltaria a editar a revista *Amazonas Médico* em 1918, agora iniciando aquela que seria denominada a segunda fase da revista (SCHWEICHARDT, 2011). Nessa fase a publicação apareceria como o órgão oficial da SMCA, informação que apareceria em destaque na capa. Agora, além dos médicos já citados constariam os nomes dos doutores Araújo Lima e Figueiredo Rodrigues.

A sociedade tinha como meta principal a união da classe médica amazonense, além do foco no saneamento da cidade e o enfrentamento das principais doenças que assolavam a capital e todo o estado do Amazonas. Mas a luta pela criação de curso de medicina na *Universidade Livre de Manaus*, seria a proposta que consolidaria a sociedade, fato que somente aconteceu em 1965. É importante salientar, contudo, que já existia na universidade o curso de farmácia, e muitos dos seus professores eram membros da SMCA, tendo no médico e professor Astrolábio Passos o seu grande expoente.

Com o passar do tempo, a SMCA tinha no seu seio muitos médicos que atuavam e estavam exercendo cargos importantes dentro da administração pública de saúde no Amazonas. Não por coincidência eles atuaram em conjunto no enfrentamento da gripe espanhola. A SMCA tinha a revista como o seu principal veículo de disseminação de informação e da sua atividade, o que ficou muito claro nos seus estatutos, publicados no primeiro volume da revista, nessa segunda fase. De acordo com esse documento, a Organização tinha como principais objetivos:

1. – União da classe médica amazonense;

2. – O estudo da climatologia, nosologia e história natural médica regional;
3. – Estudar as bases para o saneamento da capital e das localidades, e para a profilaxia da predominante demográfica – a malária, bem como da tuberculose, da ancilostomose, da leishmaniose, da morfeia, etc;
4. – Advogar a fundação de um instituto bacteriológico, seroterápico e vacinogênico;
5. – Pleitear a criação e instalação de um curso de Medicina Tropical, para médicos, na *Universidade de Manaós*;
6. – Trabalhar para a construção de um edifício para a maternidade e secundar os esforços do Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Amazonas;
7. – Curar das questões referentes a Deontologia Médica, tanto no tocante às relações entre os profissionais entre si, quanto na parte que regulava os deveres dos clientes para com os médicos;
8. – Combater o exercício ilegal da medicina e obstetrícia, por meios educativos e suasórios, auxiliando a Repartição Sanitária na aplicação de medidas coercitivas legais;
9. – Pugnar pela regularização do serviço das farmácias em ordem de ficar a manipulação sob a direta fiscalização de profissional legalmente habilitado;
10. – Traçar a história da medicina e das instituições médicas, fazer o elogio dos sócios falecidos, organizar conferências e congressos científicos;
11. – Fundar uma biblioteca com obras modernas e antigas sobre medicina, cirurgia e ciências assessoriais, e um museu médico cirúrgico e de produtos medicinais da nossa flora;
12. – Criar uma caixa de beneficência para amparar os associados.

Com esses doze artigos a SCMA acabaria por englobar muitos médicos que atuavam em Manaus, e que aparecem em cargos da saúde pública. Não por acaso esses indivíduos foram praticamente todos os que atuaram na linha de frente no combate à pandemia de gripe espanhola, como fica evidente no número três da revista de 1918, que publicou relação de todos os membros da SMCA. Na revista N.º 3-4, de 1918, aparece como presidente honorário da SMCA o então governador Pedro Alcântara Bacellar, e como vice-presidentes honorários os médicos Wolferstan Thomas, australiano radicado em Manaus, e M. J. Ribeiro da Cunha.

Para entender melhor a relação entre a SMCA e os membros da classe médica que atuavam em Manaus, vamos descrever como a atuação política dos membros da sociedade intercalava em atuação como profissional de saúde e atuação na política

amazonense ou em cargos políticos de indicação. Vamos começar por um dos principais personagens nesse período compreendido entre 1918 e 1919, quando deflagrou a pandemia de gripe espanhola, o governador do estado Alcântara Barcellar, que exerceu o seu mandato entre 1917 e 1921.

Pedro Alcântara Barcellar nasceu na cidade de Feira de Santana, no Estado da Bahia, em 29 de junho de 1875, e faleceu em Manaus aos 52 anos de idade, em 21 de abril de 1927. No registro do livro do cemitério São João Batista ficou registrado que a causa da morte do então ex-governador foi “aterosclerose generalizada”⁴¹.

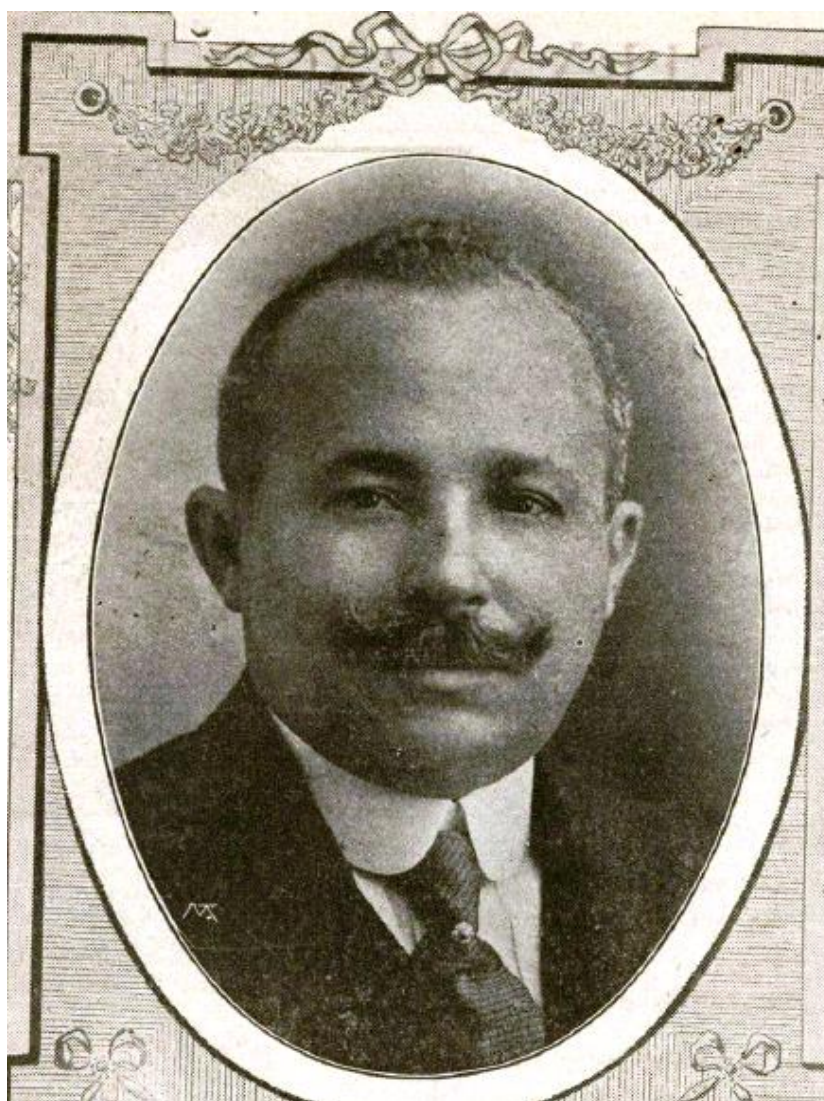


Figura 14. Governador Pedro Alcântara Barcellar.
Fonte: Revista Cá e Lá, 2. Fase, n. 12, julho de 1917.

⁴¹Registro de Inumações a cargo do administrador do cemitério São João, livro abril de 1927.

Formou-se em medicina na Bahia, mudou-se para o Amazonas em 1905, indo atuar profissionalmente na distante cidade de Humaitá, no interior do estado do Amazonas. Aí começaria uma meteórica trajetória política, o que o levaria já em 1917 a assumir o governo do estado do Amazonas e, no segundo ano do seu mandato, em 1918, a enfrentar a pandemia de gripe espanhola.

Isso não significa que a posse e consolidação do dr. Alcântara Bacellar como governador do estado do Amazonas não enfrentou dificuldades, inclusive seu mandato foi marcado por muitos conflitos que se arrastaram até o final de seu governo. Desse contexto a sua posse foi o reflexo de quanto as questões políticas significativas para o médico que estava a frente do estado, pois a sua posse foi marcada com mortes e sangue para impedir que o dr. Bacellar assumisse o cargo. Outro fator era a crise financeira do qual atingiu a economia de toda a Amazônia, aliado aos embates políticos ainda não solucionados colocou o governador na linha de frente de vários entraves econômicos e políticos, em matéria ao seu reduto político na cidade de Humaitá o jornal noticiava, “Na grande obra de regeneração política, econômica e financeira que vamos encetar, procurando garantir e equilibrar os esforços de cada um neste rincão da federação brasileira” (Jornal Humaytaense, 1917, pg01).

A posse do governador Bacellar foi marcada com muitas mortes e conflitos armados, que levaram ao óbito mais de 14 pessoas, só no dia 01 de janeiro de 1917, data que deveria ser de comemorações e festejos, quase que decretou o começo e o fim do mandato do Bacellar. Toda agitação política começou já em 1916, o jornal O Javary do município de Benjamim Constant já noticiava os embates entre os candidatos Alcântara Bacellar, apoiado pelo governo do estado e Thaumaturgo de Azevedo, apoiado pelo coronel Guerreiro Antony. Mesmo sendo desconhecido na política local Alcântara Bacellar tinha apoio das elites do rio Madeira, do governador Jônatas Pedrosa e do governo Federal. A posse aconteceu no 01 de janeiro de 1917, que já contava com um plano do coronel Guerreiro Antony para assassinar o governador antes mesmo da cerimônia de posse.

Nas notícias dos jornais sobre a posse relato que um grupo de homens armados estavam na residência do coronel Guerreiro Antony, que a um relativo período já se prepararam para concretizar o plano de impedir a posse do Bacellar. O coronel Antony era líder do Partido Republicano Liberal, e na sua residência localizada na rua Henrique com a rua Dr. Jorge de Moraes no centro da cidade, onde também funcionava uma tipografia, que publicava o jornal “O Liberal”, um periódico matutino que começou a

circular em 1914 e desapareceu (1916) após a tentativa de golpe por parte dos descontentes do Partido Republicano Liberal, inclusive já existia uma matéria pronta com a justificativa do golpe.

O plano inicial seria atacar o cortejo que iria para o Palácio da justiça para a cerimônia de posse, o plano era um ataque com dinamite na avenida Eduardo Ribeiro, mas não se concretizou, então o grupo de revoltosos partiu para o Palácio da Justiça, enquanto outro grupo foi até a primeira delegacia colocando dinamite, destruindo parte do prédio com a explosão. Os ataques deveriam ser simultâneos e foi avisado por explosão de foguetes, mas segundo o jornal um dos revoltosos se precipitou e antes da hora atirou na guarda que fazia a segurança no Palácio da Justiça onde o governador Bacellar já realizava o seu discurso de posse, que deu continuidade mesmo ouvindo o barulho dos tiros.

Pela posição estratégica do Palácio da Justiça a Guarda Federal conseguiu conter o avanço dos revoltosos houve intensa troca de tiros, forçando um recuo dos revoltosos para a casa do coronel Guerreiro Antony, mentor do golpe contra o dr. Bacellar. A Força Pública cercou a casa do coronel causando a morte de 11 capangas, na casa encontraram muitas armas e munições. Mais de 20 pessoas foram presas na cadeia pública e 200 rifles carregados de munições foram encontrados, outros 70 amotinados ficaram detidos no quartel da Guarda Pública, o que evidenciou que muitos dos revoltosos faziam parte da própria Força Policial do Estado do Amazonas. O jornal também menciona que houve vários tiroteios pelas ruas do centro de Manaus, na rua José Paranaguá os revoltosos mataram o turco Jorge Babbuda, e na rua Costa Azevedo mataram o comerciante Antônio Carlos Rodrigues. Todo começado às 14hs, e se estendendo por toda a tarde, mas o coronel Guerreiro Antony não participou do ataque, pois antes do início do tiroteio, refugiou-se com sua família no porto flutuante, mas sem a precisão do local que serviu de esconderijo.

Por fim, desse dia em diante a sangrenta posse deu o tom de praticamente todo o mandato do dr. Bacellar, que por fim vai se aliar a família dos Nerys pela manutenção do poder no estado do Amazonas. Na charge abaixo o periódico “O Malho” faz uma sátira dos embrulhos na política amazonense com a posse do dr. Bacellar. (Ver anexos: 01,02,03,04 e 05).



Figura 15: Na charge acima satiriza o conflito da posse que deixou mais de dez mortos. **Fonte:** O Malho, Ed. 748 ano XVI 13 de janeiro de 1917. (<https://idd.org.br/iconografia/confusao-na-posse-de-alcantara-bacellar>).

Os eventos do dia 01 de janeiro de 1917 deram o enredo do governo do dr. Bacellar, que no ano seguinte enfrentou a frente do governo do Amazonas a pandemia de gripe espanhola, o que esclarece sua atuação no combate ao vírus da *Influenza*, pois seu governo foi marcado por muitas críticas da oposição que se fez presente durante todo o seu mandato, principalmente o jornal “Gazeta da Tarde”, de propriedade de Aggeo da Costa Ramos⁴² que ao longo de sua história sofreu vários empastelamentos⁴³, acabando

⁴² O coronel Aggeo da Costa Ramos começou sua carreira advogando no interior da Amazonas, atuando também como promotor, deixando posteriormente para se dedicar a atividade industrial na cidade de Manaus (Jornal Almofadaka, 1922, pg 4-5). Ver anexo N. 09.

⁴³ Jornal de propriedade de Aggeo da Costa Ramos, que ao longo de sua história foi marcada pela censura, sendo inclusive fechado por vários meses em 1913. No livro sobre a imprensa no Amazonas (Freire, 1990) também registra outros periódicos com o mesmo nome (Freire, 1990, pg103-104).

com suas atividades em 1923. Isso explica porque os jornais a favor do dr. Bacellar noticiaram diariamente a atuação heroica do governador no combate a pandemia.

Na linha de frente no combate à *Influenza*, o doutor Pedro Alcântara Barcellar atuou inclusive medicando pacientes em postos de atendimento na cidade de Manaus. No texto sobre o combate à gripe espanhola, escrito pelo também doutor Alfredo da Matta, o médico não poupava elogios ao então governador, que mesmo estando no maior cargo da administração pública do Estado clinicou e atendeu os doentes de gripe espanhola,

“Entre eles se encontra o S. Ex^a. O Sr. Dr. Pedro de Alcântara Bacellar, H. Governador do Amazonas, que sendo médico, não trepidou em associar-se digno por nobremente aos seus colegas nos árduos afazeres de tão perigosa quadra” (Da Matta, 1919, p.17).

O ato de se juntar aos demais médicos da cidade e de medicar nos postos da cidade, também segundo o dr. Alfredo da Matta teve o seu preço, pois o próprio governador também foi infectado com o vírus da *influenza*, mas com posterior recuperação. No decurso do mandato do doutor Bacellar também foram criados o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) e a Academia Amazonense de Letras.

Na lista apresentada pelo médico Alfredo da Matta aparecem citados inúmeros médicos que estiveram ao lado governador liderando os hospitais ou postos de atendimento durante a pandemia na cidade, e muitos ficaram doentes de gripe espanhola. Não é de estranhar que a lista tenha nomes de médicos como Alfredo da Matta, Miranda Leão, Turiano Meira, Fulgêncio Vidal e outros, doutores que tinham atividade profissional na medicina e na política. Terem seus nomes com destaque em jornais, que destacavam o fato de embora terem estado doentes de gripe logo se restabeleceram para voltar às frentes de combate à doença, renderia prestígio e votos na eleição, como se depreende das palavras do próprio Matta: “todos voltaram à atividade à proporção que se restabeleciam, dando assim edificante exemplo de abnegação e de amor profissional” (Da Matta, 1919, p.21).

Não é de estranhar que os médicos da SMCA estivessem inseridos na política amazonense. Deles podemos citar alguns exemplos dessa relação entre atuação na medicina e na política, e que tiveram intervenção enérgica no combate à gripe espanhola. O primeiro é o médico João Coelho de Miranda Leão, nascido no município de Maués, no interior do Amazonas. O doutor Miranda Leão nasceu na tradicional família Miranda Leão, ocupando diversos cargos na cidade de Manaus, entre eles o de médico da Santa

Casa de Misericórdia e professor do curso de farmácia na *Universidade Livre de Manaós*. Foi ainda diretor do Serviço Sanitário de Manaus, com atuação importante no combate à gripe espanhola em 1918, colaborando inclusive com um artigo na revista *Amazonas Médico* sobre as formas clínicas da *Influenza*, no artigo chamado “A gripe ou influenza”. Ele mesmo nunca ocupou um cargo na política local, mas a influência da família e seu papel em diversos cargos da administração pública foram decisivos para seu prestígio profissional. Morreu em 1920 com 51 anos. Consta que cometeu suicídio após saber que estava contaminado do mal de Hansen.

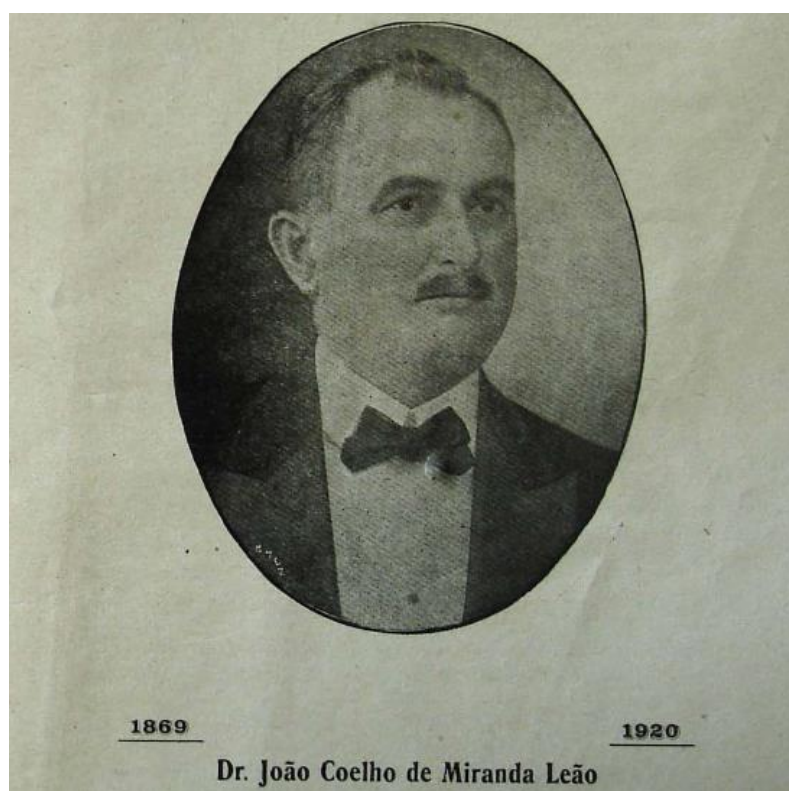


Figura 16: Médico João Coelho de Miranda Leão.

Fonte: Revista Amazonas Médico, Ano III, Vol. III, Nº 10 e 11, 1920, IGHA.

Fora da atuação política mais com destaque pelo perfil profissional e credibilidade na sua atuação temos o dr. Harold Howard Shearme Wolferstan Thomas, nascido em 1875 em Montreal, Canadá, formado na Escola de Medicina da McGill University. Chegou em Manaus em 1905 pela expedição organizada pela Escola de medicina Tropical de Liverpool para pesquisas sobre a Febre Amarela e tripanossomíases. O dr. Thomas fixou residência em Manaus e não retorna mais para o Canadá, morrendo na cidade em 1936.

Wolferstan Thomas logo junta-se a elite médica da cidade de onde tem bastante prestígio, principalmente por estar à frente em 1905 da Escola de Medicina Tropical de Manaus. Vivendo a prosperidade econômica o Laboratório do dr. Thomas até importou chimpanzés e macacos para experiências em Manaus, “chegaram no *Jerôme* quatro chimpanzés e onze macacos mandados buscar à África pelo dr. Thomas para os seus estudos sobre a etiologia da febre amarela” (Jornal O Estado de São Paulo, 1907, pg03). Jornais de outros estados destacavam a importância das pesquisas realizadas pelo dr. Thomas a frente do laboratório em Manaus no combate a febre Amarela,

“Há quase dois anos que se acha em Manaus o ilustrado professor W. Thomas, da Liverpool School of Tropical Medicine, em comissão especial daquele grande centro de estudos e descobertas, para estudos e febre amarela e algumas outras importantes moléstias dos climas quentes. Há poucos dias o dr. Thomas infectou, com mosquitos que haviam picados doentes de febre amarela, o seu chimpanzé, que se acha atacado daquela moléstia com todos os sintomas característicos. Deve-se dizer que é esta a primeira vez que se faz tão importante experiência, convindo lembrar, entretanto que os ensaiados no Instituto Pasteur, de Paris, fracassaram completamente” (Jornal O Estado de São Paulo, 1906, pg.04).

Mesmo que sua atuação profissional foi o seu trabalho de pesquisa no Laboratório, sabemos que o dr. Thomas atuou em outras instituições do Amazonas, inclusive na Santa Casa de Misericórdia, usando muitas vezes as dependências do hospital para as suas pesquisas e já mantinha estreitas relações profissionais com os médicos Alfredo da Matta e Miranda Leão,

“No dia 23 de novembro de o sr. Constantino Nery (Governador do Amazonas), acompanhado do dr. Alfredo da Matta, diretor do serviço sanitário, e do dr. Miranda Leão, acedendo ao convite do ilustrado professor Thomas, foi visitar o laboratório deste grande cientista. O dr. Thomas mostrou ao governador todos os seus trabalhos feitos no hospital Santa Casa, e o chimpanzé amarílico” (Jornal O Estado de São Paulo, 1906, pg.04).

O dr. Thomas também publicou um relatório sobre as condições sanitárias de Manaus, “The Sanitary Conditions and Diseases Prevailing in Manaós, North Brazil, 1905-1909, with plan of Manaós and chart⁴⁴”, que basicamente falava sobre as doenças

⁴⁴ Tradução: “As condições sanitárias e as doenças prevalentes em Manaus, norte do Brasil, 1905-1909, com planta de Manaus e mapa”, ver anexo N. 10.

mais comuns na capital amazonense. No detalhe que o dr. Thomas usou dados do médico Hermenegildo Campos no seu relatório. Para o historiador Jaime Benchimol (2018), também é creditada para o dr. Thomas a descoberta do uso do Atoxil, publicando os resultados final em 1905 quando já se encontrava em Manaus (Benchimol, 2018).

No ano de 1905 em passagem pelo Amazonas o renomado médico Oswaldo Cruz pela cidade de Manaus a elite médica ainda em formação acompanhou Oswaldo Cruz até a Leprosaria de Paricatuba, dentre os presentes podemos destacar Alfredo da Matta, Miranda Leão, Thomas entre outros,

No domingo, às 3 ¼ da tarde, o *Inca*, da companhia do Amazonas, tendo a bordo o dr. Oswaldo Cruz, seu secretário J. Pedroso, e os srs drs. Sá Antunes, secretário do estado, **Alfredo da Matta**, Figueiredo Rodrigues, Nemesio Quadros, Sebastião Barroso, Fulgêncio Vidal, Virgílio Ramos, Carlos Botto, Augusto Linhares, Cordeiro Filho, **Miranda Leão**, **Wolferstan Thomas**, da Escola de Medicina Tropical de Liverpool, Waldemar Sá Antunes, Araújo Lima, Firmo Dutra, e os srs farmacêuticos Tupinambá e coronel Luiz Correa, partiu em direção a Paricatuba, em visita ao belo estabelecimento que o estado construiu ali (Jornal Amazonas, 1905, pg 3-4).

O médico canadense tinha muito prestígio entre os médicos que atuavam no Amazonas, em 1918 quando chega a pandemia de gripe espanhola de gripe espanhola, Thomas tinha 45 anos e o laboratório de Medicina Tropical já não funcionava, ao que as poucas fontes indicam, fazia alguns trabalhos para a elite inglesa da borracha em Manaus, que naquele momento tinha diminuído bastante por causa da crise econômica (Schweickardt, 2011).

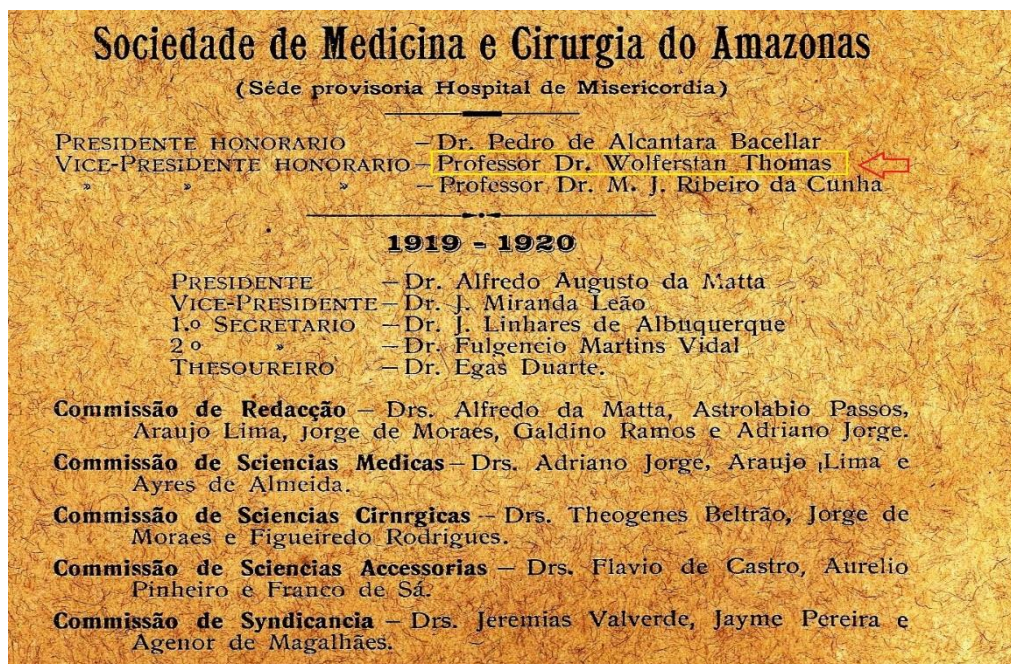


Figura 17: Contracapa da Revista Amazonas Médico com destaque para o Dr. Wolferstan Thomas como vice-presidente honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas. Fonte: *Revista Amazonas Médico*, ano III, V. III, N.º 10 e 11, 1920.

Outro bastante influente é o médico Alfredo da Matta, e dentro da atuação médica na cidade de Manaus é a figura mais expoente de todos os seus colegas de profissão, encaixando perfeitamente na figura do médico que simultaneamente construía a carreira na medicina e na política. Nasceu no estado da Bahia, em 1870, e realizou seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1893 com 23 anos de idade. Em 1894 já estava em Manaus onde casou com a senhorita Zulmira Martins de Meneses, filha do médico Aprígio de Meneses, famoso na cidade (Schweickardt, 2015).

Alfredo da Matta atuou como médico no Amazonas exatamente no momento da grande prosperidade econômica com a comercialização da borracha na Amazônia. Morava e atuava como médico no momento das maiores transformações sociais de Manaus. Participou ativamente das Comissões de Saneamento da cidade, sendo responsável inclusive pelo aterramento dos principais igarapés que cortavam a cidade. O médico também teve uma extensão produção científica de artigos e livros dos temas ligados à medicina, sendo os mais conhecidos: “Paludismo, Varíola, Tuberculose em Manaós: ligeiro estudo precedido de algumas palavras sobre Manaus” (1908); “Geografia e topografia médica de Manaós” (1916); “Eugenia no Amazonas: melhora racial” (1919) e “Notas sobre a pandemia de gripe no Amazonas, especialmente Manaós” (1919). Além disso, participou ativamente da criação de diversas instituições importantíssimas para o Amazonas: “Escola Universitária Livre de Manaós” (1909); Instituto Geográfico e

Histórico do Amazonas” (1917); “Instituto Pasteur de Manaus”; “Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas”; “Sociedade Eugênica do Amazonas” (1919); e da revista científica “Amazonas Médico” (1909), sendo membro ativo tanto da SMCA como da revista Amazonas Médico (Schweickardt, 2011 e 2015).

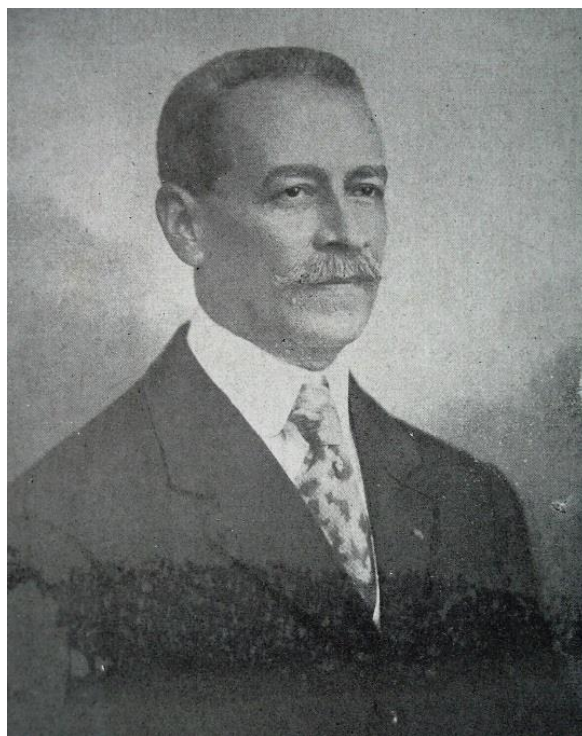


Figura 18. Fotografia do médico Alfredo da Matta.

Fonte: revista Amazonas Médico, Ano IV, Vol. IV, N. 13-16, 1922, IGHA.

Matta também é o exemplo mais nítido da carreira marcada pela atuação política no estado do Amazonas, tendo sido um dos fundadores do Partido Republicano Amazonense, o mesmo partido do governador Bacellar. Para os cargos públicos foi eleito deputado estadual para os pleitos (1916-1918; 1919-1921; 1922-1924), três mandatos consecutivos. Em 1922 se dedicou mais ao Serviço de Saneamento Rural do Amazonas. Já pelo partido Socialista do Amazonas foi eleito deputado à Assembleia Nacional Constituinte (1933-1934), em 1935 deputado federal e senador para o mandato de 1936-1937 (Schweickardt, 2011 e 2015). Não por coincidência na eleição de 1918, que se deu em meio à pandemia de gripe espanhola, diversos médicos que estavam atuando nos hospitais e postos de atendimentos foram eleitos deputados nas eleições, inclusive Alfredo da Matta, com bastantes votos.

Resumo		
Secções da Capital, de Itacoatiara, Parintins, Barreirinha, Labrea, Porto Velho, Codajás, Maués, Coary, Borba, Fonte Boa, Manacapuru, Benjamin Constant, Humaythá, S. Paulo de Olivença, Urucará, Teffé, Moura, Floriano Peixoto, Carauary, Canutama, Manicoré, 1ª secção de S. Felipe e Silves:		
P. R. A.		
Alfredo da Matta	2301	votos
W. de Almeida	2039	»
Virgilio Ramos	1861	»
Aureliano Oliveira	1662	»
Regalado Baptista	1939	»
Aristides Rocha	2080	»
Astrolabio Passos	2158	»
Mario Nery	2197	»
Antonio Monteiro	1950	»
Paulo Emilio	1953	»
Alcides Bahia	2157	»
T. de Almeida	1815	»
Joaquim Tanajura	2041	»
José Tapajós	2043	»
Waldemar Pedrosa	1649	»
Luciano Pereira	1899	»
Virgilio Barbosa	2153	»
Turiano Meira	1851	»
Castro e Costa	1787	»
Bretislau de Castro	1860	»
Achilles Bevilaqua	1976	»
Joaquim de Paula	1633	»
Esmeraldo Coelho	1600	»
Adriano Jorge	1875	»
S. de Mendonça	1302	»
Franco de Sá	1837	»
João Camara	1646	»
T. Botinelly	1519	»
Gonçalves Dias	1440	»
Miranda Simões	1475	»

Figura 19. Recorte de jornal mostrando que muitos candidatos eram médicos que estavam na linha de frente no combate à gripe espanhola, o mais votado foi o médico Alfredo da Matta. Fonte: jornal A Imprensa, Manaus 8 de dezembro de 1918, IGHA.

Os médicos que estavam na linha da frente no combate à gripe espanhola, muitas vezes citados diariamente na imprensa local, logo colheram os frutos, aqui leia-se votos, bem expressivos para a vaga de deputado. Alfredo da Matta foi muito bem votado, e sendo reeleito para o triênio de 1919 até 1921. O mesmo aconteceu para outros médicos que participavam da SMCA, que sempre estavam nos principais cargos da administração públicas da cidade de Manaus. O dr. Alfredo da Matta era médico chefe da sessão de Higiene de Manaus, sendo responsável pela elaboração das estatísticas de mortalidade,

função iniciada desde o governo do Silvério Nery. É exatamente o dr. Da Matta que organiza as estatísticas de mortalidade e os dados oficiais

Mortalidade Gripe Espanhola do Cemitério São João Batista (1918-1919)		
MÊS	ANO	QUANTIDADE
NOVEMBRO	1918	634
DEZEMBRO	1918	120
JANEIRO	1919	11
FEVEREIRO	1919	10
MARÇO	1919	15
ABRIL	1919	7
MAIO	1919	3
JUNHO	1919	15
JULHO	1919	2
AGOSTO	1919	2
SETEMBRO	1919	0
OUTUBRO	1919	1
NOVEMBRO	1919	0
DEZEMBRO	1919	0
	TOTAL	820

Quadro 9. Dados retirado dos Livros de Inumados do cemitério \são João Batista de Manaus.
Fonte: Livros do Cemitério de Manaus.

O médico é o principal responsável pela elaboração das estatísticas oficiais do estado Amazonas, tendo os dados retirados dos cemitérios sua principal fonte de informação, acima temos os dados de mortalidade retirado do cemitério São João Batista de Manaus, fundamentais para entendermos os números de mortos pela espanhola em Manaus.

3.2 Práticas de cura para a espanhola em Manaus

O evento pandêmico de 1918-1919 traria diversas consequências na saúde pública ao nível das práticas de cura. Muitas vezes essas práticas eram concorrentes com as práticas oficiais, principalmente num momento que era ainda de consolidação do saber

médico oficial como única forma permitida. Os médicos representantes máximos desse saber concorriam de forma desigual com as práticas de curas populares, pois as duas formas coexistiam simultaneamente, sendo que uma foi marginalizada.

Em Manaus eram muitos os agentes que disputavam as práticas de cura. Médicos, farmacêuticos e populares. Estes últimos sofriam com a marginalização de seus saberes, por conta do monopólio das práticas de curas oficiais (Sampaio, 2001; Bertucci, 2004). Na cidade já funcionava o curso de Farmácia da Universidade Livre de Manaós, onde parte da elite médica ministrava disciplinas, participando simultaneamente da SMCA. Existiam também inúmeras farmácias, das quais duas serviriam como postos de atendimento durante a pandemia: a Farmácia Lemos, localizada na Rua dos Barés, centro da cidade, e a Farmácia América, na Rua da Instalação, também na área central.

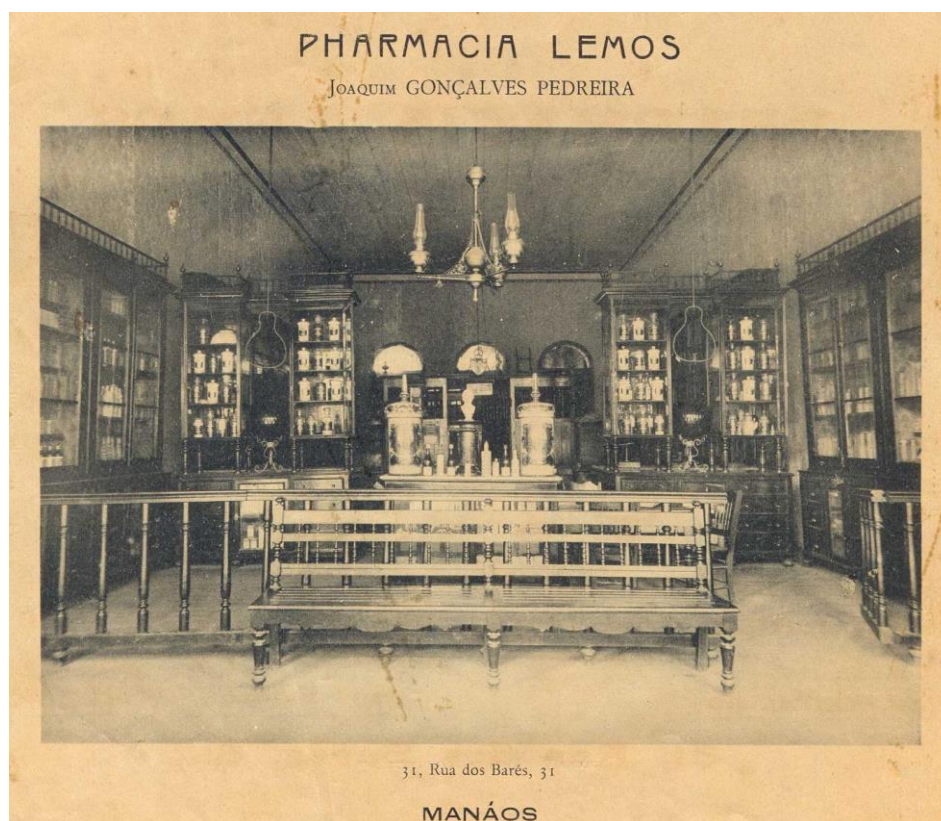


Figura 20. Interior da Farmácia Lemos.

Fonte: Álbum Manáos (1908-19012), Governador Bittencourt, IGHA.

No âmbito das referidas “disputas”, a medicina oficial evidenciava um monopólio das práticas de cura. A legislação, nomeadamente os Códigos de Posturas, colocavam na ilegalidade qualquer outro saber das artes de curar, o que não é de estranhar

considerando que os próprios membros da SMCA ocuparam muitos cargos públicos, tendo uma vida profissional entre a prática da medicina e a política.

De acordo com o código de posturas de 1910 e a lei N.º 639 de 13 de setembro de 1910, no capítulo XV sobre “Farmácias e Drogarias”, artigo 236 unicamente às farmácias e drogarias era permitido “vender drogas e medicamentos, ou preparados medicinais, nacionais ou estrangeiros”. Os contraventores pagariam uma multa de 100\$000” (Posturas Municipais, 2016, p.196). Ao autorizar somente as farmácias a vender medicamentos, todas as outras práticas de cura ficaram na ilegalidade⁴⁵.

É importante salientar que a especulação e o lucro com a pandemia começaram mesmo antes de sua chegada. Alguns jornais tentavam tranquilizar a população noticiando que a *Influenza* se assemelhava a uma gripe comum e que os jornais do sul do país exageravam em suas manchetes. A quinina, usada largamente para o tratamento da malária, que era muitas vezes recomendada como preventivo da gripe espanhola, como diria o médico Miranda Leão: “pessoas houve que por prevenção usavam todos os dias os sais de quinina, nem por isso foram as menos atacadas” (Leão, 1919, p.27). Até mesmo a vacinação para imunização contra a Influenza espanhola foi anunciada nos jornais locais, manchetes que desapareceram quase que totalmente com a chegada da doença na cidade.

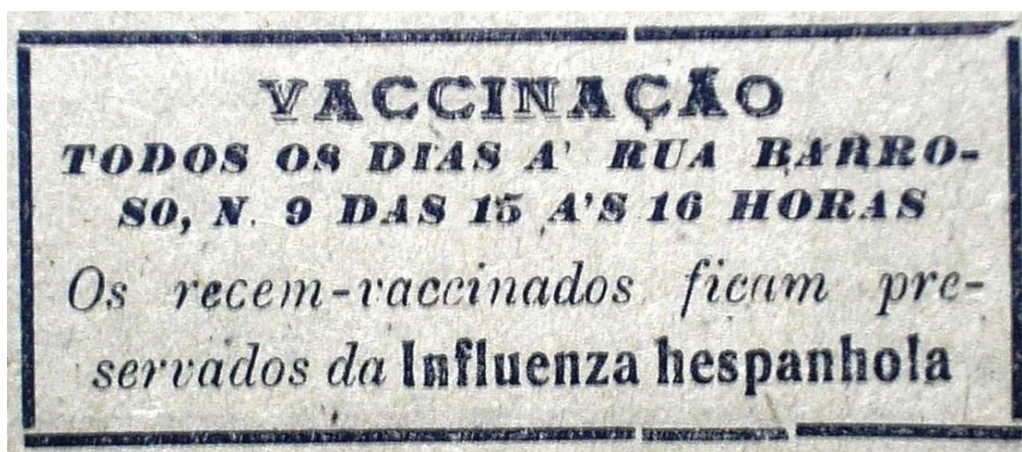


Figura 21. Anúncio de vacinação contra a Influenza. Fonte: jornal Imparcial de 23 de outubro de 1918, IGHA.

Nesse mercado bastante competitivo, com inúmeras farmácias na cidade de Manaus, existiriam durante o período da crise da gripe diversos tratamentos que ficaram explícitos nas páginas dos jornais. Esses periódicos convergiriam para uma certa

⁴⁵ Uma outra versão do código de postura somente entrou em vigor em 1920, portanto foi o de 1910 que estava valendo no período pandêmico (Posturas Municipais, 2016).

convivência pacífica ou no mínimo sem embates públicos com relação ao tratamento da *influenza*. Contudo, é importante frisar que na imprensa manauara os medicamentos anunciados para a “cura” ou preventivo da *influenza*, pertenciam a alguma farmácia, como é possível concluir através das imagens abaixo:

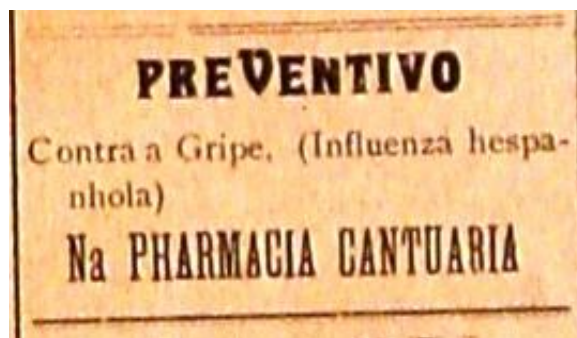


Figura 22. Anúncio da Farmácia Cantuaria sobre a venda de um preventivo para a gripe espanhola, mas sem indicar especificamente qual o remédio.

Fonte: Jornal Gazeta da Tarde, 27 de novembro de 1918, IGHA.



Figura 23. Anúncio da Farmácia Studart sobre um preventivo da gripe espanhola.

Fonte: Jornal Gazeta da tarde de 22 de outubro de 1918, IGHA.

Nesse momento o artigo do médico Miranda Leão, intitulado “A gripe ou *Influenza*” (1919), foi fundamental para entender os posicionamentos tomados pela comissão de enfrentamento da gripe, assim como as medidas destinadas ao tratamento que, ao que tudo indica, foram as praticadas nos hospitais e postos de atendimentos espalhados pela cidade. O artigo citado, publicado na revista *Amazonas Médico* em momento posterior à crise pandêmica, já em 1919, trata sobre as questões do tratamento se mostraram eficazes ou não contra a gripe espanhola. De início, Miranda Leão já declarava que a doença é “extremamente contagiosa, a gripe não poupa ninguém, nem respeita as medidas preventivas” (Leão, 1919, p.24). O que fica muito claro no artigo é

que todas as recomendações de tratamento estavam direcionadas aos sintomas da gripe espanhola, principalmente as febres intensas sofridas pelas vítimas.

O médico Miranda Leão apontava três formas para a gripe: benigna, grave e gravíssima, declarando que, no caso de Manaus, a maioria dos pacientes apresentaram os casos graves da doença. Salientaria ainda que a morte estava relacionada com as condições das vítimas no momento da contaminação: “os casos fatais em grande parte tiveram por episódio as complicações geradas pelo estado mórbido anterior e pelas intercorrências” (Leão, 1919, p.25). Numa cidade que vivenciava uma crise econômica com muitas pessoas empobrecidas, com alimentação irregular e, por conseguinte, em situação social paupérrima, a influenza significou a sentença de morte, por apresentar sintomas bem característicos,

“A princípio predominam os sintomas da renite, da conjuntivite [...] bronquite com tosse pertinaz, um encatarramento febril de 38,5, a 39,5, chegando não poucas vezes a 41 centígrados [...] calafrios, alquebramento brusco das forças, ou repentinas vertigens [...] irritabilidade nervosa, a prostração e perturbação intelectual” (Leão, 1919, p.25).

Em relação à profilaxia específica da gripe Miranda Leão apenas direcionaria o tratamento com relação aos sintomas da gripe, sem desprezar a farmacopeia com ingredientes da região amazônica. Isso se deu principalmente, de acordo com o que indicam as fontes, devido a uma conjunção de fatores defendidos por alguns médicos atuantes da SMCA, principalmente o doutor Alfredo da Matta, já que no livro “Flora Médica Brasileira”, de 1913, indicava diversas “plantas medicinais” para tratamento de diversas doenças. Talvez por isso o jornal “A Imprensa”, de propriedade do próprio Alfredo da Matta, indicava em suas publicações chás como preventivo para quem teria contato com qualquer enfermo de gripe espanhola, conforme se vê na figura 22.

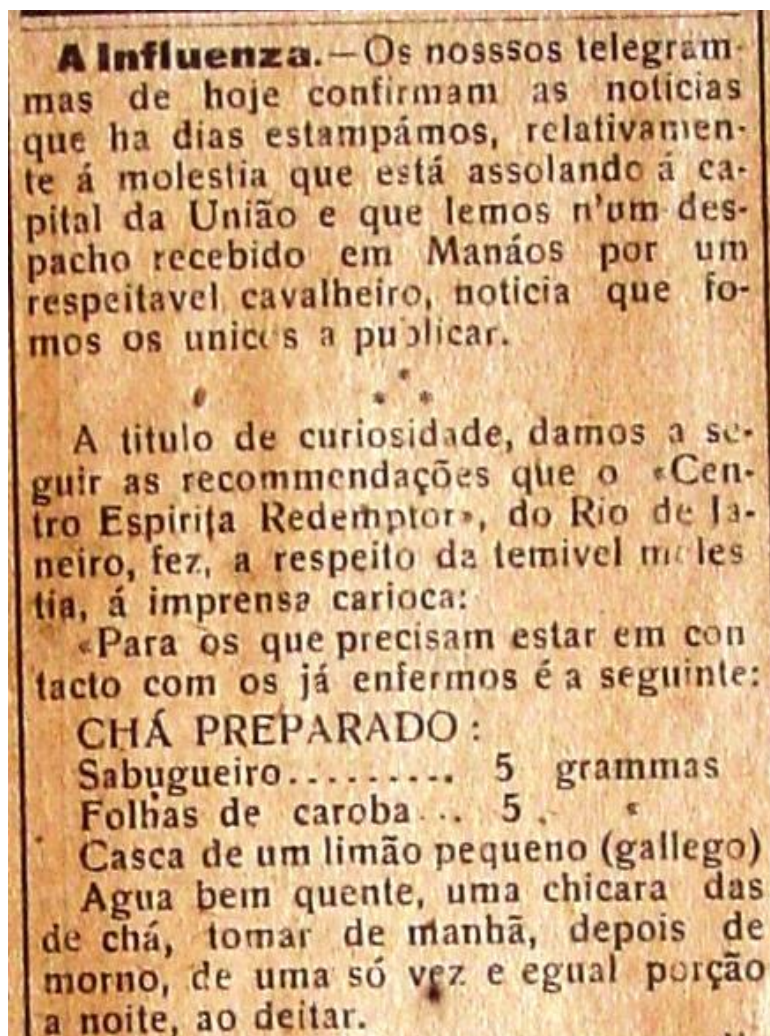


Figura 24. Recorte do Jornal A Imprensa sobre um chá para prevenir a Influenza. Fonte: jornal A Imprensa, 21 de outubro de 1918, IGHA.

Talvez aqui seja importante referir o relatório dos governadores sobre a atuação do Miranda Leão durante a pandemia, então diretor do Serviço Sanitário do Estado do Amazonas⁴⁶,

“O estoque de medicamentos esgotou-se a esse tempo, sendo, então publicadas pelo ilustre e competente Sr. Dr. João de Coelho de Miranda Leão, diretor do Serviço Sanitário do Estado, uteis informações sobre o aproveitamento das propriedades medicinais de plantas de nossa flora no tratamento da Influenza. Dos boletins, contando medidas preliminares para a cura da moléstia, aquela diretoria fez distribuição profusa por todo o interior” (Bacellar, 1919, pg.25).

O uso de diversas plantas regionais é explorado no artigo do Dr. Miranda Leão ao indicá-las no tratamento da gripe. Para baixar a febre o médico indicava “chás de folhas

⁴⁶ Cargo equivalente ao Secretário estadual de saúde da atualidade.

de puxiri, de canela, casca preciosa, melissa ou cravo da índia tem efeitos estimulantes e diaforéticos: muitas vezes baixam a febre” (Leão, 1919, p.30), além de “paricá, Jutai e moquém”. Sugeriu um tratamento muito semelhante ao realizado pelos homeopatas que também foram indiciados, no início do século XX, de cometer o charlatanismo, além de impedidos de praticar as suas artes de curar (Sampaio, 2001). Para recuperação, o médico também sugeria “aspirina”, associada ao “guaraná”, ou cafeína, para baixar a temperatura e diminuir as dores do paciente (Leão, 1919, p.27).

A opção de utilizar plantas da flora amazônica não é por acaso, já existia uma longa tradição do uso da farmacopeia brasileira no tratamento das doenças, como o Formulário e guia médico do dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, muito popular desde o século XIX no Brasil, segundo Maria Regina Cotrim Guimarães o manual do dr. Chernoviz foi usado pelas mais diversas pessoas de distintas classes sociais e profissionais, “Figuram aí os donos de boticas, os patriarcas e líderes políticos e religiosos que frequentemente cuidavam de pessoas doentes e necessitadas, e as matriarcas da elite latifundiária do Império, que cuidavam das pessoas da casa, dos seus agregados e da escravidão” (Guimarães, 2005). Se tornando muito popular no império e no início da república, não sendo, portanto, o único que circulava no Brasil, o *Erário mineral* de Luís Gomes Ferreira, editado em 1735 em Lisboa (Guimarães, 2005), mas menos conhecido do que o manual do dr. Chernoviz.

No Amazonas também tivemos manuais semelhantes sobre o uso de plantas e formulas para tratamento de doenças, o médico Hermenegildo Lopes dos Campos publicou o “Guia Médico para uso dos habitantes do interior da Amazônia”, que já contava com uma segunda edição em 1900, e era bem claro no prefácio que o uso de plantas não significava “pajelança” e muitas de suas sugestões de tratamento estavam direcionados as febres, principalmente proveniente da malária. O manual também continha figuras que ajudavam a identificar o mosquito transmissor da malária, que na Amazônia é conhecido popularmente de “carapanã”.

O guia também instrui para o tratamento do Beri-beri, febres, diarreia, picada de cobras, socorro aos afogados, histeria, epilepsia, envenenamentos, reumatismos, toses, varíola, sarampo, úlceras, hanseníase, hemorroidas,

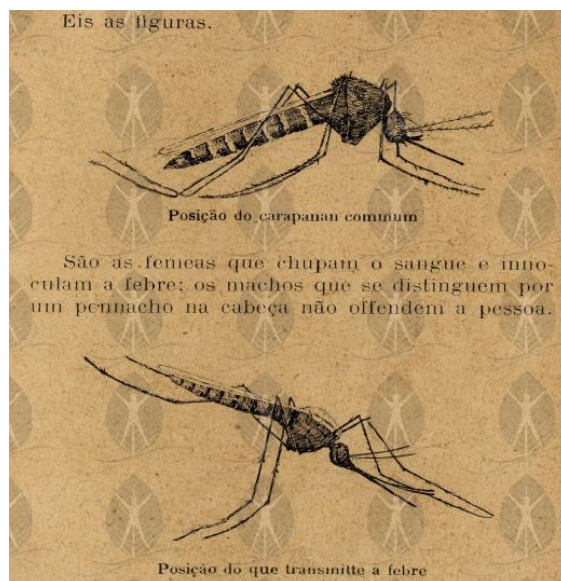


Figura 25: Imagens das anófeles no manual do dr. Hermenegildo Campos, que ajudavam a identificação do transmissor da malária. Fonte: Guia Médico, 1910, pg.29.

A obra do dr. Hermenegildo só não é mais importante do que a do médico Alfredo da Matta, isso porque o doutro Da Matta publicou “Flora Médica Braziliense” (1913), um manual com os usos medicinais das plantas, principalmente as amazônicas. Na introdução do livro o médico claramente fala aos farmacêuticos “anteponho ao estudo das plantas o quadro sinótico da grande divisão do reino vegetal. Julgo de utilidade para os estudantes de farmácia que por acaso lerem esse livrinho” (Da Matta, 1913, pg.05). Essa indicação é importante porque está direcionada a classe dos farmacêuticos, que tinha um curso regular na Universidade Livre de Manaós, do qual o dr. Alfredo da Matta era professor de Higiene, além de ser um dos criadores da extinta Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas, pois sendo utilizado por farmacêuticos teria um caráter científico para o uso de plantas da região.

No manual o dr. Alfredo da Matta relaciona diversas plantas, as vezes desmembradas em folhas, caule, frutos e sementes, e manipulados com outros materiais eram indicados como tratamentos de diversas doenças. Com o prestígio do dr. Da Matta o uso de plantas como prática de cura, é por isso que não vemos na imprensa nenhuma crítica ao uso de plantas no tratamento da gripe, desde que fosse receitado por farmacêuticos, pois até então caso não tivesse a formação em medicina ou farmácia, existiria no mínimo acusações de charlatanismo, o jornal O Correio do Purus (1913), culpa o agravamento de uma doença ao uso das “garrafadas” por um paciente,

“Quantas vezes no tratamento de uma moléstia grave as prescrições médicas são interrompidas, e a intensidade da intoxicação aumenta,

pelo emprego de drogas e medicamentos aconselhados por pessoas estranhas ou amigas da família (...) estes então são perigosos! Chegam mesmo a aconselhar ao doente que não tome mais remédio de botica. Aplicam as tais garrafadas que têm levado muita gente desta para outra vida” (Jornal Correio do Purus, 1913, pg.01).

Em suma, é importante salientar que a corrida desesperada pela sobrevivência muitas vezes foi o principal motivador pela busca de diversos remédios, muitas vezes de procedência muito duvidosa, ou medicamentos eficazes para outras doenças, mas não para a gripe espanhola. Na historiografia existem exemplos de muitos embates entre a classe médica e as práticas de curas populares, travados nos órgãos da imprensa da época (Sampaio, 2001; Bertucci, 2004; Silveira, 2008; Abreu Junior, 2018). No caso de Manaus não existiu nenhum combate a qualquer propaganda que receitava preventivos ao até mesmo a cura para a espanhola, desde que fosse realizado por uma das farmácias da cidade, que não tiveram nenhum impedimento ou retaliação por parte da classe médica ou da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas.

Conclusão

Como foi possível verificar ao longo deste trabalho, o isolamento social e a luta diária para sobreviver à pandemia foi muito mais difícil para as classes pobres da cidade. Se nas palavras do governador a doença alcançou as pessoas de todas as classes sociais da cidade, a verdade é que o atendimento dos postos privilegiou quem morava no centro da cidade. A espanhola dita “democrática” vitimou mais a população pobre da cidade, que já sofria os efeitos maléficos da crise econômica que a Amazônia passava, a crise da borracha.

Muitas das vítimas morreram em agonia com febres superiores aos 40 graus em suas casas, no subúrbio manauara. As fontes indicam a prevalência de postos de atendimentos no centro da cidade, em detrimento aos bairros afastados, que a documentação nem citou, como o Bairro do Mocó, dos Toscos, ou os distritos afastados do Iranduba. O que sabemos pela documentação, principalmente pelos jornais de oposição, é que muitas das vítimas foram enterradas em locais distantes e desconhecidos. Tirando os livros do cemitério São João Batista não tivemos acesso a nenhum outro dado dos inúmeros cemitérios da cidade.

A população pobre, sem acesso a alimentação e passando fome, sucumbiu mais facilmente, com seus corpos já fragilizados, à impiedosa da influenza, a doença que mais

vitimou no século XX. Uma das particularidades verificada no Amazonas foi o fato do embate entre a medicina oficial e as práticas de curas populares não ter sido tão acirrada como em outras capitais e as farmácias autorizadas por essa mesma medicina oficial terem vendido preventivos e também remédios que prometiam a cura, sem sofrer nenhum tipo de fiscalização. A recomendação do uso de plantas medicinais da região amazônica estava mais ligada à incapacidade da medicina alopata em responder eficazmente ao vírus. Os médicos e os farmacêuticos foram os únicos grupos profissionais a ter autorização de indicar as plantas medicinais da região para o tratamento dos sintomas da *Influenza*, sem sofrer nenhum tipo de fiscalização por parte dos médicos e pelos órgãos públicos de fiscalização.

A comissão organizada pelo governo estadual, à frente da qual esteve a elite médica local, enfrentou a pandemia com todas as suas limitações, sendo boa parte dos médicos infectados com o vírus da *Influenza*, mas sem nenhum óbito. Como foi possível perceber, os esforços para o combate ao vírus tiveram resultados políticos satisfatórios, com a eleição de vários desses médicos aos cargos políticos do estado do Amazonas.

Também foi possível demonstrar que o roteiro de negação da pandemia antes de sua chegada também aconteceu em Manaus. Ainda assim, a imprensa se dividiu entre espalhar o pânico com uma doença desconhecida, e tratar as notícias que chegavam de fora como fruto do exagero. De fato, em outubro de 1918 a *influenza* chegou com proporções nefastas. Desde o século XIX que a outrora “Paris dos Trópicos” lutava contra a malária, a febre amarela e a varíola, mas o colapso e a desorganização impostos pela espanhola superaram todas as experiências de epidemias da cidade.

Com a chegada do mês de fevereiro de 1919, o ciclo mortífero da espanhola acabaria na cidade. As instituições voltariam a funcionar, pairando uma relativa normalidade sobre Manaus. Os cães hidrófobos voltariam às notícias dos jornais e a caça aos animais regressaria às ruas da cidade. Aos poucos tudo voltaria ao normal, até mesmo o Carnaval seria comemorado. As ruas do centro, cheias de postos de atendimento, dariam agora lugar à festa.

A pandemia seria um evento dramático que deixaria marcas a nível global, mas a sua memória foi-se desvanecendo com o tempo, não tendo originado esforços isolados ou conjuntos, das várias nações, para minorar os efeitos de uma possível réplica futura. Quando a pandemia de COVID 19 surgiu, o mundo parecia ter sido apanhado desprevenido, não apenas pelas reações da classe médica e da classe política, mas também pelas reações da imprensa e, sobretudo, da sociedade civil. Muitos dos erros cometidos

no passado, alguns dos quais captados por esta tese, voltaram a ser cometidos no presente. A história não é a trave mestra da vida, mas o seu conhecimento pode fazer com que as ações humanas, sobretudo em períodos de crise como o aqui estudado, não sejam meros paliativos.

Fontes Documentais

Fontes, Mensagens e Relatórios

ARAUJO, Joaquim Gonçalves de. *Relatório da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas, gerência de 1918*.

CAMPOS, Hermenegildo Lopes de. *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988.

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. *Madeira-Mamoré Railway Company, considerações gerais sobre as condições sanitárias do Rio Madeira pelo Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz*. Rio de Janeiro, Papalaria Americana – Rua da Assembleia, 90, 1910.

LEÃO, Miranda. A gripe ou a Influenza. *Revista Amazonas Médico*, ano II, V. II, N 5, 1919.

Livros de Inumados do Cemitério São João Batista de Manaus (1918).

MATTA, Alfredo Augusto da. *Geographia e Topographia Médica de Manáos*. Manáos: Typ. Da Livraria Renaud, 1916.

MATTA, Alfredo Augusto da. Notas sobre a pandemia de gripe no Amazonas. *Revista Amazonas Médico*, ano II, V. II, N 5, 1919.

MATTA, Alfredo Augusto da. *Mensagem lida perante o congresso dos representantes por ocasião da abertura da 3ª sessão ordinária da 4ª legislatura pelo Exm. Sr. Dr. Governador do estado Silvério José Nery em 10 de julho de 1903 acompanhada dos relatórios dos chefes de repartições*. Relatório da diretoria de Higiene Pública.

MATTA, Alfredo Augusto da. *Paludismo, Varíola, Tuberculose em Manáos: Ligeiro estudo precedido de algumas palavras sobre Manaus*. São Paulo: Typographia Brazil-Rothschild, 1909 (Extraída da Revista Medica de São Paulo, ns. 14 e 15 de 1908).

MATTA, Alfredo Augusto da. *Relatório apresentado ao Exm. Snr. Coronel Dr. Silverio José Nery governador do estado pelo Dr. Alfredo Augusto da Matta, diretor do serviço sanitário*. Manáos, Imprensa Oficial – Rua Municipal n. 53, 1904.

VIANA, Artur. *As Epidemias no Pará*. Universidade Federal do Pará. Belem, 1975 (primeira edição em 1906).

Jornais e Revistas

Jornal A Capital (1918).

Jornal Amofadaka (1922).

Jornal Correio do Purus (1913).
Jornal do Comércio (1918).
Jornal Gazeta da Tarde (1918).
Jornal Humaythaense, 1917.
Jornal O Imparcial (1918).
Jornal O Javary (1916).
O Malho, Ed. 720 ano XV – 1º de julho de 1916.
O Malho, Ed. 731 ano XV – 16 de setembro de 1916.
O Malho, Ed. 736 ano XV – 21 de outubro de 1916.
O Malho, Ed. 804 ano XVII – 9 de fevereiro de 1918.
O Malho, Ed. 923 ano XIX – 22 de maio de 1920.
Revista *Amazonas Médico*, ano II, V. II, N.º 5, 1919.
Revista *Amazonas Médico*, ano III, V. III, N.º 10 e 11, 1920.

Regulamentos e Leis

Código de Posturas do Município (1893, 1904 e 1910).
Código Municipal, Intendência Municipal Lei N.º 23 de 6 de Maio de 1893.
Coleção de Leis da província do Amazonas Tomo XXI, parte I.
Digesto do Município de Manaós, Tomo I, Leis orgânicas e comuns (1828-1906).
Digesto do Município de Manaós, Tomo II, Leis orçamentárias (1853-1906).
Regulamento do Serviço Sanitário do Estado do Amazonas a que se refere o Decreto n.º 649 de 30 de Dezembro de 1903.
Serviço Sanitário Distrital instrução a que se refere o decreto N.º 173 de 15 de julho de 1897. Manaós imprensa oficial.

Internet

<http://www.crl.edu/brazil>
http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/populacao.shtm
<http://www.memoria.nemesis.org.br/>

Referências bibliográficas

ABRÃO, Janete Silveira. ***Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918***. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

Phillips, Howard; Killingray, David (ed.) ***The Spanish influenza pandemic of 1918-19: new perspectives***. London and New York, Routledge, 2003.

Echeverri D'Ávila, Beatriz. ***La gripe española. La pandemia de 1918-1919***. Madrid: Siglo XXI, 1993.

ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. ***O vírus e a cidade: Rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)***. 1. Ed. – Belém (PA): Paka-Tatu, 2018.

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. ***Antimanual do mau historiador***. Londrina: EDUEL, 2007.

ALENCAR FILHO, Aristóteles Comte de. ***Reclames médicos na Manaus antiga***. Manaus: Gráfica e Editora Ziló/Academia Amazonense de Letras, 2023.

ALVAREZ, Adriana et al. ***A gripe de longe e de perto: comparações entre as pandemias de 1918 e 2009***. História, Ciências, Saúde – Manguinhos [online]. ahead of print.

AMADO, Guilherme. ***Sem máscara: o governo Bolsonaro e a aposta pelo caos***. - 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. ***Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)***. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. ***O mercado, a floresta e a ciência do mundo industrial***. In: *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. Hermetes Reis de Araújo (org). São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, ***Os Hospitais na Idade Moderna: uma realidade plural***. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (coord.). *Os Hospitais Portugueses. Da Idade Média aos dias de hoje*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2022, p. 37-72.

BARATA, Rita Barradas. ***Como e Por Que as Desigualdades Sociais Fazem Mal à Saúde***. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

BARROS, José D'Assunção. ***História Comparada***. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

BARROS, José D'Assunção (org.). ***História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo***. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BARRY, Jonh. **A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos.** – 1. Ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BATISTA, Djalma. Introdução. **Oswaldo Cruz na Amazônia.** In: CRUZ, Oswaldo; CHAGAS, Carlos & PEIXOTO, Afrânio. Sobre o Saneamento na Amazônia: Philippe Daou, 1972.

BATISTA, Djalma. **O paludismo na Amazônia.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

BAZE, Abrahim. **125 anos de história (1873-1998): Real e benemerita Sociedade Beneficente do Amazonas.** Manaus: Editora Valer, 1998.

BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará.** Campinas, SP, 1999.

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). **Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical.** Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação cultural e social.** Manaus: Valer, 1994.

BENTES, Dorinethe. **Outras Faces da história: Manaus (1910-1940).** – Manaus: Reggo Edições, 2012.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BERTUCCI, Liane Maria. **A gripe espanhola em imagens e versos publicados nos jornais diários.** IN: FRANCO, Sebastião Pimentel et al (Orgs). Uma história brasileira das doenças: volume 6. – 1. Ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. **Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.12, n.1, p. 143-57, jan.-abr. 2005.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado.** Rio de Janeiro, Conquista, 1973.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o Ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRITO, Nara de Azevedo. **La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.4, n.1, p. 11-30. 1991.

BURKE, Peter. (org). ***A escrita da história: novas perspectivas***. -São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CARVALHO, Diana Maul de. ***História das doenças e epidemiologia: encontros e desencontros***. IN: FRANCO, Sebastião Pimentel et al (Orgs). Uma história brasileira das doenças: volume 6. – 1. Ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

CHALHOUB, Sidney et al. (org). ***Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social***. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

CHALHOUB, Sidney. ***Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial***. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Francisca Deusa Sena da. ***Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus 1890-1915***. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.

COSTA, Hideraldo Lima da. ***Questões a margem do “Encontro” do Velho com o Novo Mundo: Saúde e doença no país das Amazonas (1850-1889)***. 264 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CROSBY, Alfred W. ***American Forgotten Pandemic. The Influenza of 1918***. New York: Cambridge University Press, 1989.

CROSBY, Alfred. ***Imperialismo Ecológico – A Expansão biológica da Europa: 900-1900***. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

CUETO, Marcos & LOPES, Gabriel. ***Uma história Global da Aids, 1986-2021***. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

DANTES, Maria Amélia M. (Org.). ***Espaços da Ciências no Brasil: 1800-1930***. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

DAOU, Ana Maria. ***Cidade, teatro e o “Paiz das Seringueiras”: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX***. – Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

DEAN, Warren. ***A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica***. São Paulo: Nobel, 1989.

DIAS, Edinea Mascarenhas. ***A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920***. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

EDLER, Flavio Coelho. ***Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil***. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FEREIRA, Renata Brauner. ***Epidemia e drama: a Gripe Espanhola em Pelotas-1918***. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, 2001.

FERNANDES, Tania Maria. ***Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação***. História, Ciência, Saúde - Manguinhos, vol. 10, supl. 2, Rio de Janeiro, 2003.

FERNANDES, Tania Maria. ***Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1920)***. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

FERREIRA, Sylvio Mário Puga. ***Federalismo, economia exportadora e representação política: o Amazonas na República Velha: 1889-1914***. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2007.

FOUCAULT, Michel. ***Microfísica do Poder***. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. ***O nascimento da clínica***. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

FRADA, João José Cúcio. ***A gripe pneumônica em Portugal continental: estudo socioeconômico e epidemiológico***. – Lisboa: Editora SeteCaminhos, 2005.

FREIRE, José Ribamar Bessa (coord.) ***Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950) – Catálogo de Jornais***. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

FURTADO, Celso. ***Formação econômica do Brasil***. 34ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALVÃO, Manoel Dias. ***A História da medicina em Manaus***. Manaus: Editora Valer / Governo do estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

GAMA, Rosineide de Melo. ***Dias Mefistofélicos: A Gripe Espanhola nos jornais de Manaus (1918 – 1919)***. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

GAZÊTA, Arlene Audi Brasil. ***Uma Contribuição à História do Combate à Varíola no Brasil: do Controle à Erradicação***. Tese de doutorado defendido na Casa de Oswaldo Cruz (COC), 2006.

GONÇALVES, Paulo Cesar. ***Migração e mão-de-obra: retirantes cearenses na economia cafeeira do Centro-Sul (1877-1901)***. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GOULART, Adriana da Costa. ***Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro***. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.12, n.1, p. 101-42, jan.-abr. 2005.

GOUVEIA, Jaime Ricardo, “**Estruturas médico-hospitalares nos domínios portugueses da África subsaariana (séculos XV a XVIII)**”, in NEMI, Ana; MOTA, André; SÁ, Isabel dos Guimarães; LOPES, Maria Antónia, *Hospitais, medicina e práticas de cura no espaço Atlântico Lusófono*. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 2024, cap.12.

GUIMARÃES, M. R. C.: ***Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império***. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. ***Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular do império***. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

HOBBSBAWM, Eric J. ***A era dos impérios***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- HOBBSAWM, Eric J. ***Sobre História***. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOCHMAN, Gilberto (org). ***Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe***. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- HOCHMAN, Gilberto. ***A era do saneamento: as bases da política de Saúde Pública no Brasil***. Editora HUCITEC ANPOCS, São Paulo, 1998.
- KRUIF, Paul de. ***Caçadores de Micróbios***. Nova York: Pocket Books, 1945.
- LIMA, Nísia Trindade. ***Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional***. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- LIMA, Oscar Palma; CARRIERI, Alexandre de Pádua. ***A contabilidade de óbitos e a organização social da morte no Brasil***. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.27, n.2, abr.-jun. 2020, p.355-373.
- LIMA, Regina Márcia. ***A província do Amazonas e o sistema político do Segundo Reinado***. Dissertação de Mestrado: Niterói: UFF, 1978.
- LOUREIRO, Antonio José Souto. ***História da medicina e das doenças no Amazonas***. Manaus, impresso nas oficinas da Gráfica Lorena, 2004.
- LOUREIRO, Antônio José Souto. ***O Amazonas na Época Imperial***. Ed. Comemorativa 45°. Aniversario de T.Loureiro Ltda. Manaus, 1989.
- LOUREIRO, Antônio José Souto. ***Tempos de Esperança (1917-1945)***. Manaus, editora Sérgio Cardoso, 1994.
- LOWY, Ilana. ***Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre a ciência e a política***. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- MESQUITA, Otoni. ***La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)***. Manaus, EDUA, 2009.
- MOTA, André et Al. (Org). ***As enfermidades e suas metáforas: epidemias, vacinação e produção do conhecimento***. – São Paulo: USP, Faculdade de Medicina; UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2015.
- NASCIMENTO, D. R.; Vianna, E. S.; MORAES, M. C.; SILVA, D. S. F. ***“O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates na história das doenças”***. Khronos, Revista de História da Ciência, nº 6, pp. 31 - 47. 2018. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em 24/08/2020.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo. ***As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada***. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (orgs.). ***Uma História Brasileira das Doenças***. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. ***A Imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)***. Dissertação de Mestrado, UFAM, 2010.

PAIM, Jairnilson Silva. ***O que é o SUS***. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

PERUCHI, Amanda. ***A institucionalização da farmácia brasileira: Rio de Janeiro e Bahia (1808-1891)***. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2023.

PINHEIRO, Luís Balkar Peixoto; PINHEIRO, Maria Luísa Urgate. ***Mundos do trabalho na cidade da borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930)***. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto (org.). ***Imprensa e Sociedade na Amazônia (1870-1930)***. 1a. ed. Curitiba: CRV, 2017.

PINHEIRO, Luiza Ugarte. ***A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)***. 2ª ed. Manaus: EDUA, 2000.

QUEIRÓS, César Augusto B. (Org.). ***Historiografia amazonense em perspectiva***. – Manaus: Editora Valer, 2020.

REBELO, Fernanda. ***A travessia: imigração, saúde e profilaxia internacional (1890-1926)***. Tese de doutorado defendida na Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2010.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. ***Autonomia do Amazonas***. Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1965.

REIS, João José. ***A morte é uma festa: ritos fúnebres e a revolta popular no Brasil do século XIX***. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSEN, George. ***Da polícia médica à medicina social: ensaios sobre a história da assistência médica***. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

ROSEN, George. ***Uma história da saúde pública***. São Paulo, Hucitec, 1994.

SÁ, Dominichi Miranda de. ***A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)***. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SÁ, Isabel dos Guimarães, ***As Misericórdias no Império Português (1500-1800)***. In: *500 Anos das Misericórdias Portuguesas: solidariedade de geração em geração*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 Anos das Misericórdias, 2000, p. 101-133.

SÁ, Isabel dos Guimarães, LOPES, Maria Antónia, ***História Breve das Misericórdias Portuguesas, 1498-2000***. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

SÁ, Isabel dos Guimarães, ***Quando o rico se faz pobre. Misericórdias, caridade e poder no império português 1500-1800***. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

SÁ, Jorge Franco de. **Manaus: higiene, meio ambiente e segurança no trabalho na época áurea da borracha.** – Manaus: Edua, 2012.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. ***Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial.*** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001.

SANTOS, Roberto. ***História Econômica da Amazônia (1800-1920).*** São Paulo: TA Queiros, 1980.

SCHWARCZ, Lilia Morritz & STARLING, Heloisa Murgel. ***A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil.*** Companhia das Letras, 2020.

SCHWEICKARDT, Júlio & LIMA, Nísia Trindade. **‘Do inferno florido’ à esperança do saneamento: ciência, natureza e saúde no estado do Amazonas durante a primeira República (1890-1930).** *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, 2010.

SCHWEICKARDT, Júlio & LIMA, Nísia Trindade. **Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: As viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913).**

História, Ciências e Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, vol. 14, Suplemento, dez, 2007.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. **Alfredo da Matta: um médico da Amazônia.** In: Hochman, Gilberto & Trindade, Nísia. (org.) *Médicos e intérpretes do Brasil*. 1 ed. – São Paulo: Hucitec, 2015.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. ***Ciência, Nação e Região: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas, (1890-1930).*** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

SCHWEICKARDT, Júlio. **Alfredo da Matta: um sanitarista na Belle Époque amazônica.** In: BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Renan Freitas (orgs.). *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Edua, 2007.

SCORZELLI JUNIOR, Achilles & SILVA, Alberto Carreira da. ***O problema da malária em Manaus.*** Manaus: Imprensa Pública, 1939.

SILVA FILHO, Sebastião Rocha da. ***A organização do serviço sanitário em Manaus: sanitaristas e suas práticas de intervenção (1891-1920).*** Manaus: Editora Valer, Fapeam, 2005.

Silva, Júlio Santos da. **“A pobreza e a fome”: pandemias de gripe espanhola e Covid-19 em Manaus.** IN: Oliveira, Rafaela Bastos de & Pantoja, Tamily Frota. (Org.) *Caminhos da Pesquisa*. (Coleção: PPGH, v. 8). Curitiba: CRV, 2022.

SILVA, Júlio Santos da. **A Influenza e a Crise: A gripe espanhola chega a Manaus (1918).** *Revista Estudos Amazônicos*. Vol.XI n.2. 2015 p.157-182.

SILVA, Júlio Santos da. ***Adoecendo na cidade da borracha: Manaus (1877-1920).*** Dissertação de Mestrado, UFAM, 2012.

SILVA, Luiz Jacinto da & ANGERAMI, Rodrigo Nogueira. ***Víroses Emergentes no Brasil***. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres e NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. ***A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças***, p.13-14. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do & CAVARLHO, Diana Maul de (orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. ***A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918***. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.

SIQUEIRA, M. M.: ***O perigo está no ar: será que a “espanhola” volta?*** Entrevista concedida a Benchimol, J. L., Cerqueira, R. C. e Martins, R. B. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 1, p. 159-68, jan.-abr. 2005.

SNOW, John. ***Sobre a maneira de transmissão da cólera***. 2 ed. Rio de Janeiro: HUCITEC, 1990.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. ***A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços***. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12, n.1, p. 71-99, jan.-abr. 2005.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. ***A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia***. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Salvador: Edufba, 2009.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. ***Sob império da doença: a epidemia de gripe espanhola na Bahia (1918-1919)***. IN: FRANCO, Sebastião Pimentel et al (Orgs). *Uma história brasileira das doenças: volume 4*. – 1. Ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

TONIOLO NETO, João. ***A história da gripe: a influenza em todos os tempos e agora***. – São Paulo: Dezembro Editorial, 2001.

WEINSTEIN, Barbara. ***A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920***. São Paulo: HUCIT: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

YIDA, Massako. ***Cem anos de Saúde Pública no Brasil***. UNESP, 1996.

ANEXO 01: Na edição do O Malho após a eleição de 1916, fala-se sobre o recebimento de um telegrama que assim dizia que o novo governador do Amazonas seria o dr. Pedro de Alcântara Bacellar. Mas, também chegou na redação um despacho de uma suposta Assembleia onde dizia que o eleito seria o general Thaumaturgo de Azevedo. Pronto, a confusão estava formada.

Fonte: O Malho, Ed. 731 ano XV – 16 de setembro de 1916.

(<https://idd.org.br/iconografia/resultado-da-eleicao-para-governador-do-amazonas/>)

A FERTILIDADE DO AMAZONAS

"Ao mesmo tempo que se recebia um telegramma de Manaus dando conta de ter sido reconhecido pela Assembléa Estadual o Dr. Bacellar, novo governador do Amazonas, eleito por mais de doze mil votos, recebia-se também outro despacho de uma supposta Assembléa, dando como eleitos — governador o general Thaumaturgo de Azevedo, por 11.978 votos; vice-governador o coronel Bacury, por 12.481 votos. E por causa d'essa pseuduplicata já se falla outra vez em Caso do Amazonas". — (Dos jornaes)



JONATHAS PEDROSA : — Eis aqui o meu illustre successor ! Surgiu á ultima hora e não é conhecido, mas garanto que vae ser um cabra escovado e sério.!

O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉA ANONYMA : — Eis aqui o illustre successor do velho Pedrosa ! E' um cabra na hora e tão conhecido que dispensa commentarios...

WENCESLAU : — Ora, essa ! Logo dous, de uma vez ?!...

ZE' : — E ambos eleitos : um de verdade, pelas suissas do Pedroza; outro, de mentira, pelo topete do anonymate... Acha de mais ? Pois eu acho pouco... Estadinhos á tóa "elegem" governadores aos pares. A terra grande e fértil do Amazonas podia fazer brotar uma dúzia delles, mas contentou-se modestamente com dous... Agora V. Ex. "colha" a escolha : ou um Bacellar milagroso, que que pôde fazer prodigios ou um "thaumaturgo" que não pôde mais fazer milagres, por ser muito conhecido... e agora até como producto de "blague" !...

ANEXO 02: Bacellar indica Silvério Nery ao Senado. O Malho mostra a traição do então governador Bacellar ao não indicar Jonathas Pedrosa ao Senado. O indicado de Bacellar foi Silvério Nery que comanda assim o grupo situacionista do Amazonas.

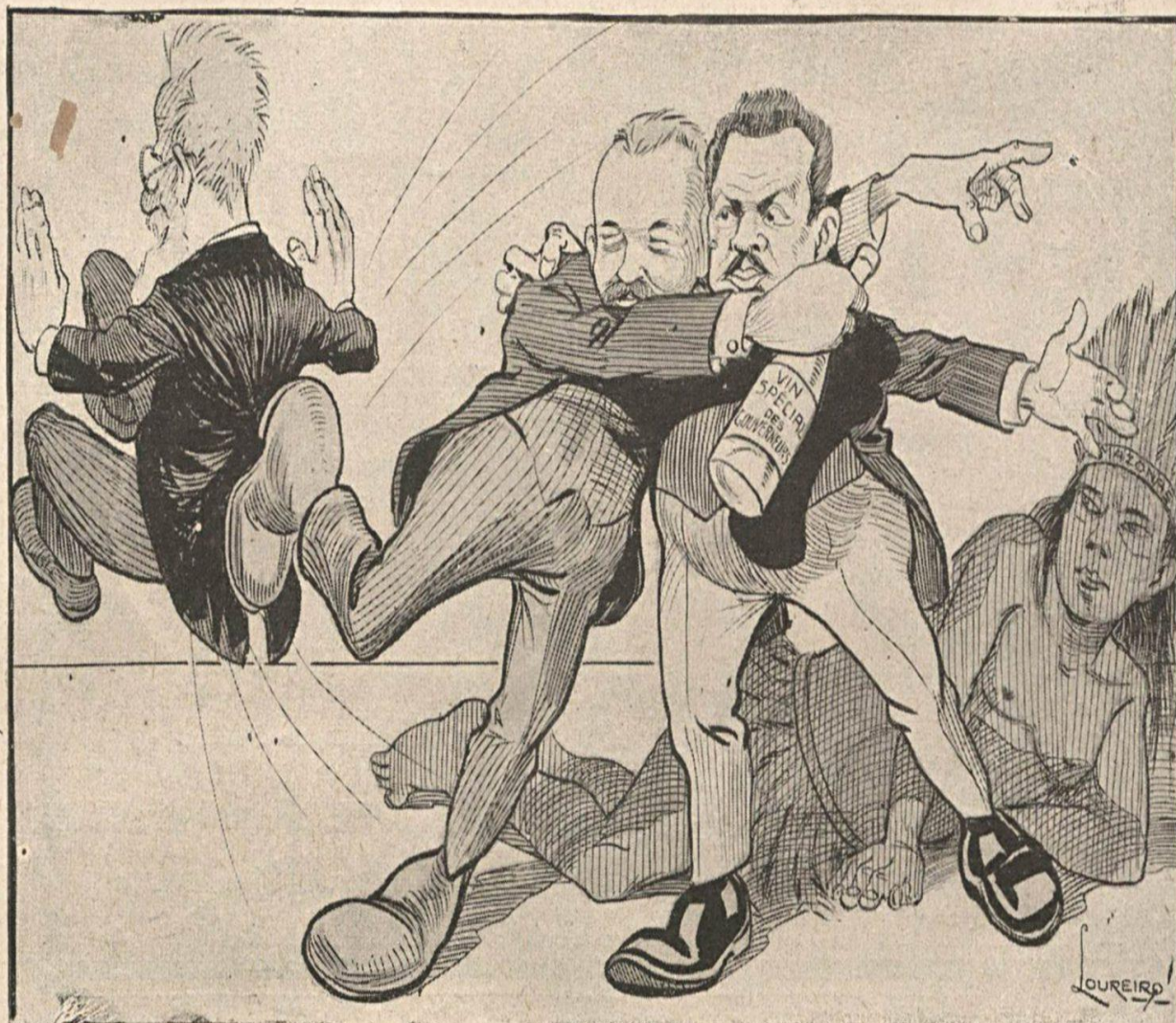
Fonte: O Malho, Ed. 804 ano XVII – 9 de fevereiro de 1918.

(<https://idd.org.br/iconografia/bacellar-indica-silverio-nery-ao-senado/>)

POBRE AMAZONAS !

"O grupo situacionista do Amazonas, tendo á frente o governador Alcantara Bacellar, ao contrario do que todos esperavam, não apresentou o nome do Dr. Jonathas Pedrosa para senador, na chapa da futura representação federal : apresentou o do Dr. Silverio Nery.

"Figura comica, reconhecido sectario de Baccho, o Sr. Bacellar fêre agora traíçoeiro, o seu protector, para abraçar carinhosamente o seu feroz inimigo de h ntem." — (Dos jornaes).



BACELLAR (atirando o couce no velho Pedrosa) : — Das almas grandes a nobreza é esta !

SILVERIO NERY : — Vem a meus braços, flôr ! Tens realmente uma alma muito maior do que o nosso Rio-Mar !

O AMAZONAS : — Alma de Baccho !

Por isso é que eu vivo em profunda miseria, apesar de todas as minhas riquezas naturaes ! Quando escapo dos "raios", não escapo dos "páus d'agua"; e o agora, pelo que vejo, vou ficar entregue a ambos...

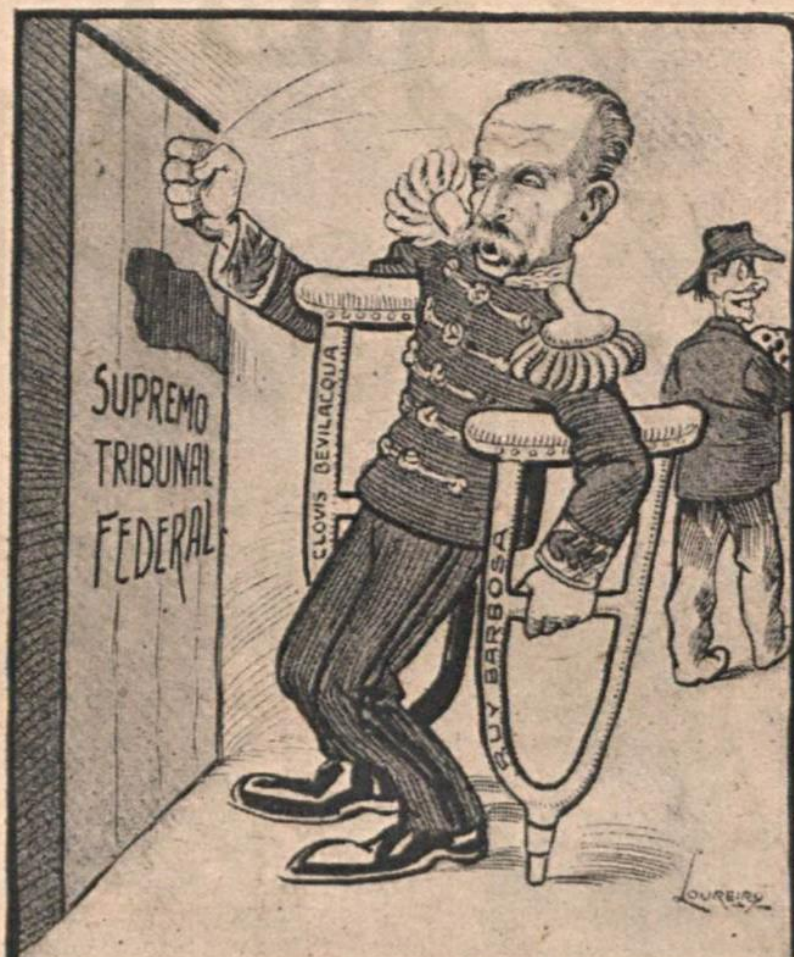
ANEXO 03: General Thaumaturgo versus Alcântara Bacellar. Na charge do O Malho o então general Thaumaturgo bate à porta do Supremo Tribunal Federal para pedir um *habeas-corpus*. Thaumaturgo teve então o apoio de Ruy Barbosa e Clóvis Bevilacqua. Mas no final foi eleito em sufrágio universal o dr. Pedro de Alcântara Bacellar que ocupou a cadeira. O general inconformado não aceitava a decisão e por isso foi ao STF .

Fonte: O Malho, Ed. 736 ano XV – 21 de outubro de 1916.

(<https://idd.org.br/iconografia/general-thaumaturgo-versus-alcantara-bacellar/>)

POBRE AMAZONAS

“O general Thaumaturgo de Azevedo, por intermédio dos advogados Ruy Barbosa e Clovis Bevilacqua, pediu *habeas-corpus* ao Supremo Tribunal, afim de poder tomar de assalto o governo do Amazonas, para o qual foi eleito o Dr. Alcântara Bacellar.” — (*Dos jornaes.*)



THAUMATURGO (batendo ás portas do Supremo) :
— O' de casa ! O' de casa ! Olha esse "*habeas-corpus*" que saia, para um pobre alejadinho !...

ZE' : — Este ganhou fama de arreliento na zona, e, para manter a nota, anda sempre comprando brigas... Mas, está-se vendo : não vae lá das pernas...

ANEXO 04: Na charge de Alcântara Bacellar e as Eleições no Amazonas, do O Malho vemos a disputa pelo cargo de governador do Amazonas em 1916. O dr. Pedro de Alcântara Bacellar foi então o escolhido.

Fonte: O Malho, Ed. 720 ano XV – 1º de julho de 1916.

(<https://idd.org.br/iconografia/charge-de-alcantara-bacellar-e-as-eleicoes-no-amazonas/>)

UMA CAÇADA NO AMAZONAS: RESULTADO FINAL

“Afinal, depois de marchas e contra-marchas, em que pullulavam os candidatos à sucessão do Amazonas, ora indicados pelos situacionistas, ora pela oposição, o governador do Estado acabou por descobrir o Dr. Bacellar, que será mesmo o seu substituto.” — *(Dos jornais)*



JONATHAS PEDROSA: — Quem porfia mata caça...
SILVERIO NERY (despejando o polvorinho): — E esta! “Choveram-me” na polvora! Tenho de continuar na boca do jacaré!...
ZE’ AMAZONENSE: — Com teu amo não jogues as peras... E quando o “amo” é um velho sabido, não ha caça que lhe resista, nem caçador esperto que não fique barrado...

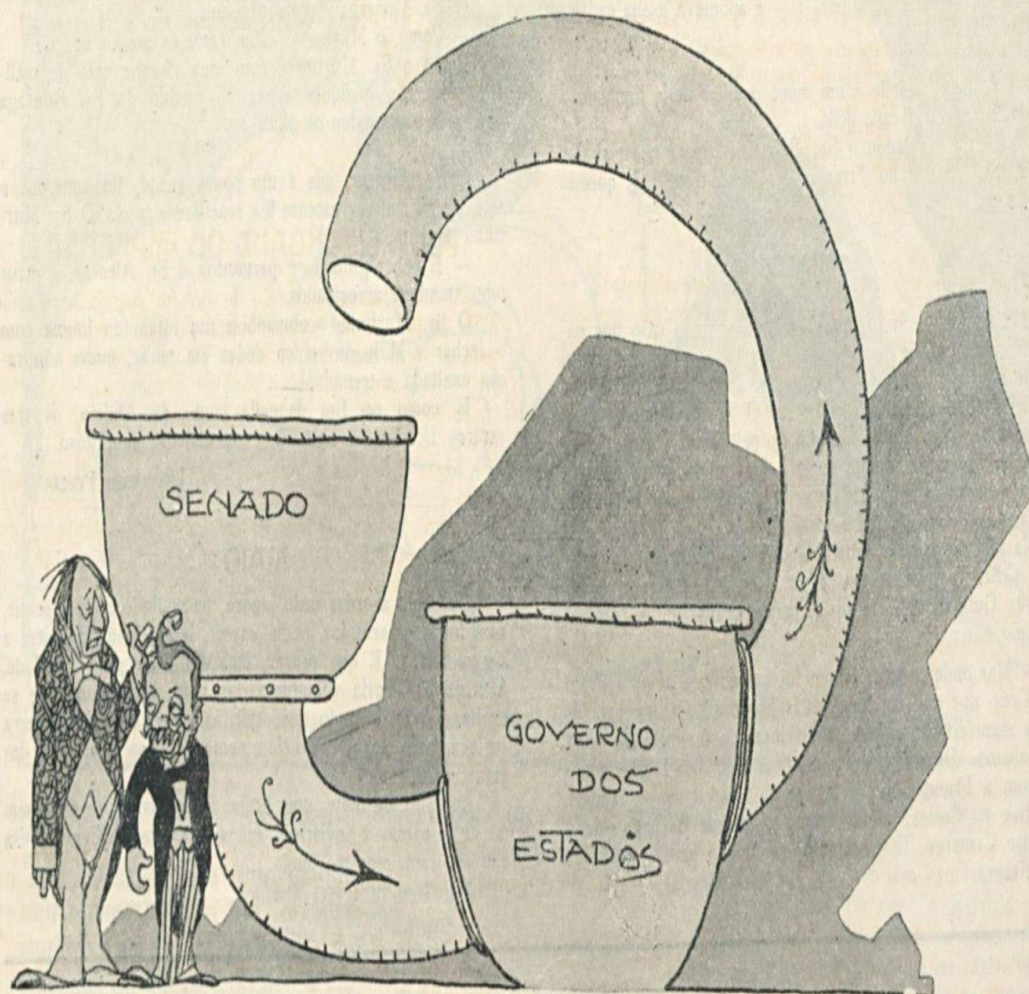
ANEXO 05: Na charge do O Malho, o Jeca Tatú assim comenta sobre um telegrama do governador Alcântara Bacellar que pretende indicar o dr. Rego Monteiro ao Senado Federal no ano de 1920.

Fonte: O Malho, Ed. 923 ano XIX – 22 de maio de 1920.

(<https://idd.org.br/iconografia/governador-bacellar-indica-dr-rego-monteiro-ao-senado-federal/>)

A POLITICA, A FAMOSA INVENTORA'...

"Telegramma de Manáos faz acreditar que o Sr. Bacellar quer encaixar o Dr. Rego Monteiro na sua cadeira do Senado".



JÉCA TATU: — V. Ex. ainda põe duvida em que está positivamente descoberto o moto-contínuo?...

ANEXO 06: Jornal Humaytaense com a reportagem completa sobre os eventos do dia da posse do dr. Bacellar. (02 paginas)

Fonte: Instituto Geografico e Histórico do Amazonas, IGHA.

HUMAYTAENSE

TERCEIRA PHASE

Orgam dos interesses do Municipio

AMAZONAS

BRAZIL

Anno--XXVI

Humaytá--(Rio-Madeira), 4 de Fevereiro de 1917

Num. 12

PLATAFORMA

Desfeita por completo a agitação política que se levantou em torno do caso da successão governamental do Amazonas, com o reconhecimento do elevado cargo de Governador do Estado, aqui deixado consignado, nos estreitos limites desta plataforma governamental, a expressão sincera do meu reconhecimento a todos aquelles que directa ou indirectamente cooperaram em conjunto para a victoria de nossa causa, que é a reivindicação dos nossos sagrados direitos, assegurando a paz e a harmonia da familia amazonense.

Solucionado, pois, honrosamente, o caso da successão governamental no Amazonas, restabelecendo, assim, a indispensavel concordia entre os elementos dirigentes da politica federal e estadual, cumpre-me a ingente e espinhissima tarefa de assumir a responsabilidade de administrar um Estado como o nosso, cujas condições economico-financeiras estão reclamando dos poderes publicos medidas urgentes e exequíveis, capazes de salvar o seu nome seriamente comprometido em obrigações vexatorias e onerosas e cuja situação politica, envolvendo os elementos mais importantes do Estado em luctas estereis e improficuas, tem sido o maior entrave á boa marcha dos negocios publicos, assim como a mais virulenta demonstração da discordia no seio do povo amazonense.

Grande e espinhoso, pois, é o cargo que idas me confiar, porém muito maior é o sacrificio ao qual voluntariamente me submetti e sem vacilações, certo de bem servir a causa publica, contribuindo para a felicidade de todos na grande obra de regeneração politica, economica e financeira que vamos encetar, procurando garantir o equilibrio dos esforços de cada um neste rincão da federação brasileira, onde todos vivemos e donde retiramos a justa recompensa da nossa actividade. Sopesando, portanto, as

responsabilidades que venho de assumir para a suprema gestão dos publicos negocios do Amazonas, onde as luctas politicas nascidas de odios inconfessaveis só têm visado a expansão de rancores pessoais ou a satisfação de incoherentes ambições, faz-se preciso que a trajetória do meu governo atinja á meta dos meus votivos desejos, realizando a elevada aspiração do povo amazonense, que é: paz, ordem e trabalho no Estado.

Para conseguirmos tão honroso desideratum é absolutamente indispensavel adoptar, ao lado de uma administração proficua e proveitosa, uma politica larga e generosamente criteriosa, uma politica de harmonia e de conciliação de todos os elementos garantidores do progresso do Estado, sem distincção de credo partidario, afastando escrupulosamente aquelles, sem prepermiciosos ás administrações honestas e criteriosas, os parasitas gananciosos das posições politicas e dos cargos publicos; assim como punindo severamente os defraudadores da fortuna publica.

Só assim conseguiremos a restauração dos abalados creditos do Amazonas, rumando para uma phase de verdadeira paz e trabalho productivo.

A grande crise economica financeira que asoberba actualmente o Estado do Amazonas, constitue com certeza o grande e momentoso problema, de cuja solução depende a nossa paz e prosperidade. Nenhum ramo da administração publica deve merecer mais carinhosa attenção e apuro desvelo dos poderes publicos do que aquelle que se refere á vida economica-financeira de um Estado, principalmente como o nosso, cujas condições se vão tornando de umodo continuo, cada vez mais precarias.

Com effeito, día a dia vamos assistindo o desmoronamento apavorante de nossas finanças com o decrescimento annual do nosso principal producto de exportação e o constante augmento de nosso passivo. Causas complexas e de profunda gravidade tem poderosamente

te concorrido para a situação quasi agonizante em que se encontra o Estado.

O cataclisma do Velho Mundo, a taxação exagerada de sua principal industria extractiva e a pessima e viciosa arrecadação de suas rendas, constituem os principaes factores da nossa ruina financeira, arrastando o Estado, insensivelmente, para o sorvelouro tremendo cavado a seus pés, o descredito moral e talvez a bancarrota.

Infelizmente, «é a borraça» o principal factor da riqueza publica do Amazonas e, unicamente do seu valor ou cotação depende o equilibrio de nosso Orçamento».

(Continúa)

Solemnidade em SANGUE A POSSIBILIDADE DE ESTADO

As informações que, em nosso numero passado, demos e que a angustia de espgo não nos permitiu que fossemos mais detalhados—sobre o monstruoso attentado, a sangueira de Manáos, que os nossos collegas são unanimes em condemnar, posto em pratica no dia primeiro de Janeiro que, para felicidade do povo amazonense e especialmente a nós, não surtiu o effeito almejado, completamos hoje com a transcrição de um dos nossos confrades do dia tres, eis o que diz: «Era do plano criminoso o ataque a dinamite do cortejo que iria até Palacio acompanhando o chéto do Estado. Infernal e terrivel proposito que eli-

minaria vidas preciosas las nossas mais altas autoridades como ainda de elevados representantes do meio social, de prestantes e dignos cidadãos.

Falhou o plano devido á intemperança de dois ou tres apaniguados do guerrismo que precipitaram o ataque atirando, na avenida, Eduardo Ribeiro, contra a guarda de honra, postada em frente ao Palacio de Justiça, onde se realisava a posse do Governador. Entretanto, outro grupo se dirigia a 1.ª delegacia e a dinamitava, produzindo sensíveis estragos.

Antes, trez foguetões davam o signal combinado para os ataques, foguetões cujos estampidos a cidade ouviu no momento em que o sr. dr. Alcantara Bacellar fazia a leitura de sua plataforma, no Tribunal de Justiça, que principia a publicar hoje. «Em meio á impressão produzida naquelle officio, no extraordinario numero de pessoas que ali se encontravam, o governador do Estado continuou a leitura daquelle documento, sem se perturbar, calmo, voz segura, senhor de sua autoridade e assim concluiu por entre as manifestações de applausos da selecta e brilhante assistência.

Já então de alguns pontos da cidade vinham noticias de que agrupamentos armados andavam a disparar rifles, correndo que tinham o intuito de cercar e tomar a força este ou aquelle proprio estalal ou municipal.

A guarda de honra, á cuja alludida, já se estendia em linha de atridores na Avenida, enfrentando a horda que pretendia avançar até onde se achavam o

governador, o superintendente, desembargadores, representantes federaes, estaduais e municipais e eclesiasticos, todo mundo politico, medicos, engenheiros, advogados, alto commercio, functionalismo, etc. Essa força especial procurando as

convenientes luctas, tra os apaniguados e os rechaçou, emquanto, em varios pontos o banditismo, em malhas, alarmava o espirito publico e atirava contra pessoas da situação. O pânico que se espalhou na cidade foi indescriptivel como é facil prever, tanto mais quando se soube tambem que o principal reduto dos criminosos, na residência do sr. Guerreiro Antony, estava cheio de facinorosas, existindo ali vultuosa quantidade de armas e munições.

Reberam os auspícios do sr. Feliciano da Silva, ao Gomes, cabos José Pereira, de Lucena e Francisco Pereira Lima, soldados Adriano Alves Lima, Ricardo Cassiano da Cruz, João Lopes de Oliveira, Virgilio Uchôa, José Izidro Pereira, José Horacio Borges todos em tratamento na Santa Casa de Misericórdia, e o sr. José Gonçalves Bravo, pedreiro, em tratamento na Beneficente Portuguesa.

Morreram 11 dos capangas que defendiam a residência do sr. Guerreiro Antony, de onde ofereceram resistência á Força Publica, depredando o edificio do Diario Official. — O deposito dos Armazens Andresen á rua Municipal, cauto com a Silverio Nery, era outro reduto dos famigerados asseclas do guerrerismo. Uma patrulha da

Força Publica cercou o depósito e prendeu vinte e tantos indivíduos que ali estavam homistados, encontrando duzentos e muitos rifles novos e carregados. Os indivíduos que ali foram presos estão recolhidos ao quartel da Força Publica.

—Mais um ponto de emboscada possuía os desordeiros: a casa do sr. Rego Barros e a que lhe fica contigua, á rua Luiz Antony.

Era uma verdadeira trincheira que os defendia e de lá muitos disparos foram dados.

Esse reducto rendeu-se á intimação do sr. capitão Dourado, comandante do 48, sendo presos e recolhidos áquelle quartel os indivíduos ali reunidos. Deu-se amanhã, á's 13 horas, e foram transportados para a 1.ª delegacia tentaram fugir nas proximidades da praça do Commercio, sendo capturados.

—Cerca de 14 horas, ante-hontem, foi atacado o Palacio do Governo por um tropo de indivíduos armados, da facção guerrillista. Collocados no jardim em frente do Palacio investiram a tiros contra a guarda do edificio, ferindo uma das praças. Foram repellidos pela mesma guarda que se portou, como toda a nossa Força Publica, com valentia e coragem. «O Diario Typographico» grande mente atacado, tanto o material typographico, como a fachada do predio contra o qual os faccinorosos, acotados na residencia do sr. Guerreiro Antony, atiraram bombas de dynamite. —«Antes do movimento homistaram-se na Capitania do Porto os sr. Guerreiro Antony, Lima Bacury e dr. Carlos de Rezende.

«No quartel da Força Publica estão presos cerca de 70 amotinados e na delegacia do 1.º districto vinte e tantos. —«A rendição do tropo aquartelado na casa do sr. Guerreiro Antony deu-se ás 8 horas, agindo a Força Publica com heroismo para poder dominar a furia com que os apunigados daquelle sr. se insurgiram contra a lei. Ali foi en-

contrada ainda certa porção de dynamite e, segundo ouvimos a prova de um artigo que *O Liberal* devia publicar ao dia seguinte, justificando a matorca por meio da qual os tresloucados pretendiam, pisando sobre cadaveres e enlucendo grande parte da sociedade manauense, asse-nhorear-se do poder.

—«Num tiroteio havido na rua José Paranaguá foi morto pelos amotinados o turco Jorge Babbuda, naturalizado norte americano. Outra victimá dos matorqueiros foi Antonio Candido Rodrigues, commerciante á rua Costa Azeveio. «Em defeza da causa legal, no cumprimento da sua missão de soldados, foram victimados o cabo Domingos Pereira da Silva, Elisebão Gomes Caminha e o corneteiro José Gomes, da Força Policial.

O dr. Jopathas Pedrosa, ex-governador do Estado, retirou-se hontem de Palácio, com a sua exmª familia, ás 10 1/2 horas. O dr. Alcantara Bacellar e diversos cavalheiros, foram deixados até ao automovel. «O sr. dr. Pedro de Alcantara Bacellar, digno governador do Estado, dirigiu hontem ao sr. capitão José da Costa Dourado o officio que em seguida publicamos: —«Exmª sr. commandante José da Costa Dourado commandante do Contingente da Força Federal neste Estado—Estando normalisada a ordem publica, resolvi dispensar a força que v. exciª. mandou pôr á disposição deste governo. Em taes condições cumpre-me agradecer a gentileza de v. exciª. bem como o modo por que tem se portado o contingente federal, que é de esperar continue a estar a meu lado em qualquer perturbação de ordem que por ventura ainda surja. Sirvo-me do ensejo para apresentar a v. exciª. as minhas cordaes saudações. (assignado) Pedro de Alcantara Bacellar. Manáos, 2 de Janeiro de 1917.» —De uma carta dirigida ao nosso venerando chefe exmª comª, Monteiro, não podemos esquecer esses perio-

dos, que para aqui gostosamente transcrevemos principalmente senão o autor da missiva insuspeito: —«O nosso amigo Crespo contar-lhe-á o que foi a matorca do dia primeiro. Elle deu prova de grande coragem e dedicação pelo nosso bom amigo Dr. Bacellar». —Isso nos alegra e satisfaz sobre maneira e por isso felicitamos vivamente o nosso grande e bom amigo Coronel Costa Crespo, que senão foi um dos grandes pelo menos foi um dos pequenos heroes do dia 1.º de Janeiro de 1917.

Dr. Hamilton Mourão

Abaixo transcrevemos as palavras com que se manifestou um orgão da imprensa da capital, a respeito desse «nosso» redactor: —«Desempenhará as elegantes funções de secretario geral do Estado no governo do sr. dr. Alcantara Bacellar, o sr. dr. Hamilton Mourão, distincto advogado. Filho do Estado do Piahy, onde nasceu a 1.º de Março de 1886, estudou humanidades no Collegio Diocesano de S. Luiz de Maranhão, havendo feito o curso gymnasial no Lyceu Piahyense. Formou-se em Direito na Faculdade de Recife em 1909, quando seguiu para seu Estado natal, sendo nomeado promotor publico de Pedro 11, localidade em que nasceu. Veio para o Amazonas a convite de um amigo, em 1910, e foi nomeado promotor publico de Humaytá, cargo que deixou em 1912 para se dedicar á advocacia. Naquelle cidade contrahiu matrimonio, ligando-se a uma das mais distinctas familias do Estado do Amazonas, á familia Botelho. O sr. dr. Hamilton Mourão é um espirito cultivado, perfeito cavalheiro, tendo deixado invejavel renome de lisura e competencia nos cargos que exerceu. Felicitamol-

pela honrosa e merecida distincção que acaba de ter, indo auxillar a administração do illustre sr. dr. Alcantara Bacellar». —O Humaytãense, envia as suas felicitações sinceras e abraços effusivos, pelo cargo que merecidamente vai occupar.

CORONEL RAYMUNDO MONTEIRO

«A Folha do Amazonas» jornal que se publica em Manaus assim se expressa sobre o nosso redactor Raymundo Monteiro: —«Com satisfação indizível registamos a visita do nosso illustre confrade e inspirado poeta, Sr. Cel. Raymundo Monteiro que, por acto acertado do actual governo, foi escolhido para desempenhar o cargo de director geral da Secretaria do Estado.

Formoso e brilhante espirito que se abroquelou em irreductivel modestia, Raymundo Monteiro, pelas suas maneiras de cavalheiro distincto é uma figura capitante, excellente camarada e leal amigo. Admiramolo por suas triumphantes qualidades, rendendo sincero preito ao primoroso talento do confrade illustre, que realçará os seus merecimentos e competencia no desempenho do elevado cargo entregue ás suas aptidões. Abraçando-o, agradecemos penhorados a gentileza de sua visita. O Humaytãense, abraça o e felicita vivamente por sua nomeação justissima.

DR. CUNHA MELLO

Este illustre magistrado que aqui foi durante muitos annos juiz municipal integro, e que ultimamente era m. m. juiz de direito em Floriano Peixoto, foi por acto do actual governador nomeado — Procurador do Estado. Ao distincto amigo, as nossas felicitações, por esse acto meritório.

PRIMOGENITO

No segundo dia da função, chega o Sr. Bonifacio do Espirito Santo, escrivão do districto de paz de Alegria, distante umas duas leguas de Ingazeiras, unica pessoa das convidadas daquelle arraial, e que, por motivos poderosos, não tinha podido comparecer no primeiro dia da festa. Rappaz de 25 annos, baixo, muito gordo, além de suas funções de *autoridade*, era professor de dança e exímio tocador de cavaquinho, contando em sua vasta clientella grande numero de discipulos preparados.

Era tambem orador de todas as manifestações politicas de Alegria e já o fora de uma feita ao coronel Serapião, por occasião da sua nupcial. A Mariquinhas, desde muito, tinha certa sympathia pelo Bonifacio, sympathia que d. Thereza descobriu, mas a que não dera aprego, por estar a menina estudando e não se occupar com namoro. No intimo, porem, d. Thereza estava de pleno accordo com a união de ambos, não só pelas vantagens de ficarem morando em Ingazeiras, como tambem por ser Bonifacio *preparado e falar bonito*. Recebido com todas as deferencias a que tinha direito, o escrivão de Alegria ficou escarvo da formosura de Mariquinhas, e della não desviava os olhos. Esta correspondia os seus olhares, entregando-se, pouco a pouco, ás effeições da paixão. Depois de longa e demorada palestra d. Thereza annunciou a hora do jantar, e os presentes se dirigiram á mesa, sentando se Bonifacio ao lado de sua predilecta.

A sobremesa, Bonifacio ergue-se e saúda ao coronel e a Mariquinhas, dizendo-lhes: Dois motivos me levam a cumprimentar-vos *primo loco* e *per primogenito*. *Primo loco* — saúdo o sr. coronel Serapião, por sua saude, por sua felicidade, e a d. Thereza, mulher grande e boa, mãe cavalheira e nobre, rainha do lar, princeza de Ingazeiras, por suas qualidades moraes, *physicas e hyperbolicas*; ella é um anjo innocente, uma *mãe divina*, vulgar *peremptoria*.

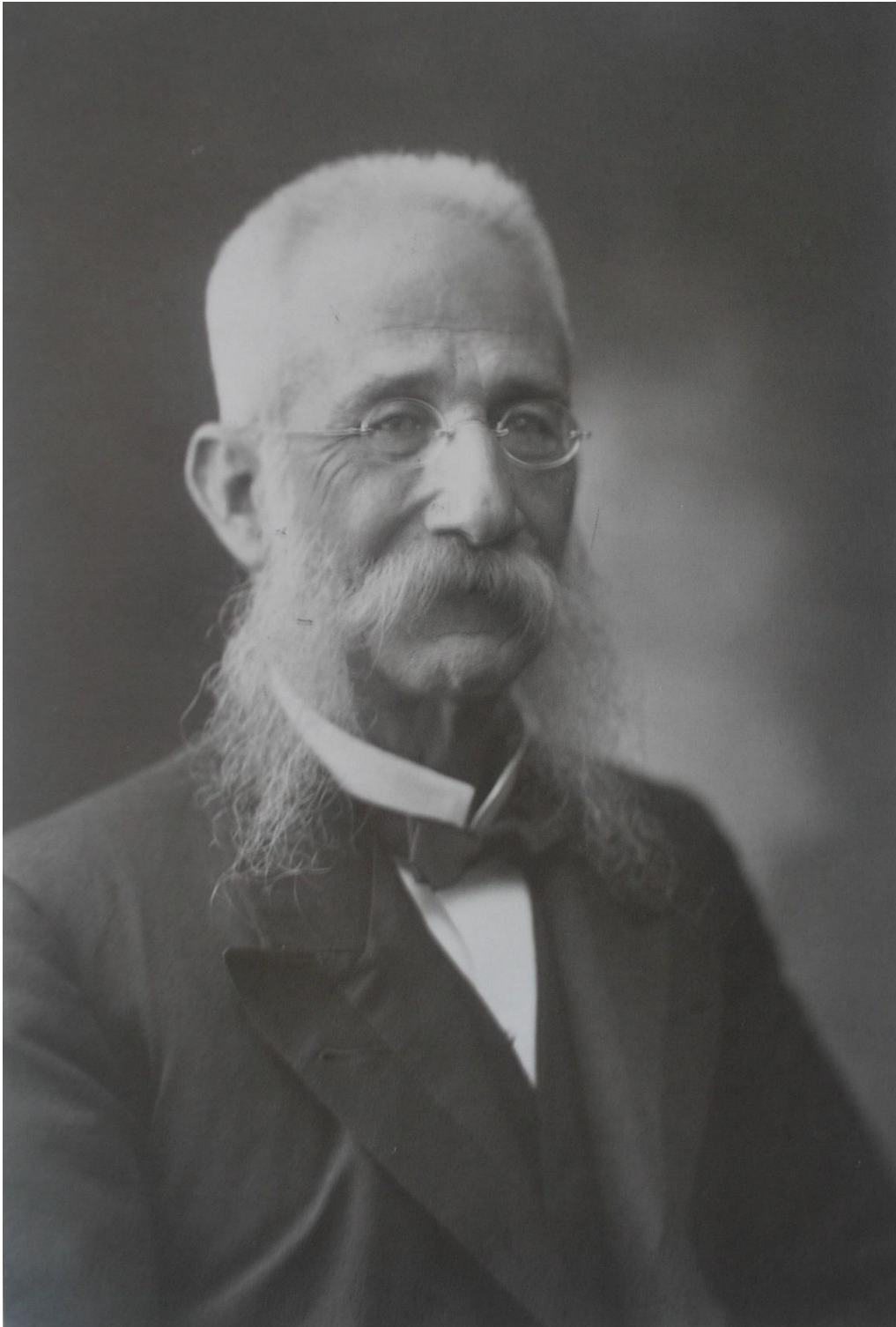
—O coronel — Qual, seu escrivão? Você fala bonito e difficil, é pena, não ser alumno mestre; pra eu lhe nomear pra cá. Sr. Bonifacio — Obrigado, é bondade. D. Thereza — Que bondade home? Bonifacio — *Primogenito*, seu coronel (ahi faz uma pequena pausa, sob o imperio da emoção), porque eu venho lhe pedir a mão de Mariquinhas, a quem amo, como as flores á Natureza, o hymno ao Céu e vosminho a Deus, seu coronel. Palmas cordam as pa-

ANEXO 07: Palacio da Justiça em frente ao Teatro Amazonas onde foi realizada a cerimonia de posse do governador Pedro de Alcantara Bacellar.
Fonte: 1920 ÁLBUM COMEMORATIVO DA INAUGURAÇÃO DA NAVEGAÇÃO PORTUGUESA, IGHA.



ANEXO 08: Dr. Jonatas Pedrosa.

Fonte: <https://portalamazonia.com/historias-da-amazonia/em-1904-a-beneficente-portuguesa-comemorava-31-anos-de-luta/>



ANEXO 09: Jornal Almofadaka, com uma reportagem sobre o coronel Aggeo da Costa Ramos. (02 páginas).

Fonte: Almofadaka, Ano I, Manaus, 02 de janeiro de 1922.

===== ALMOFADINHA =====

CORONEL AGGÊO DA COSTA RAMOS

Decorre hoje, o aniversário natalício do coronel Aggêo da Costa Ramos, director proprietario da *Gazeta da Tarde*.

Alma extraordinaria de batalhador, ha novê annos, que num apostolado sublime vem mantendo sem vacillações, o jornal que no Amazonas é, incontestavelmente, o mais popular e a mais robusta affirmação da verdade.

A vida da *Gazeta* é uma fé de officio brilhante, é o espelho onde se reflecte a alma spartana do coronel Aggêo Ramos, feita de patriotismo e de abnegação. Evolase della, como essencia rara, ascendendo para o azul da perfeição, a limpidez serena do seu caracter lidimo.

Vindo joven ainda para o Amazonas, neste uberrimo pedaço da Patria empregou a sua actividade, exercendo com brilho o cargo de promotor publico em uma das comarcas do interior do Estado, abandonando-o, mais tarde, para abraçar a carreira de industrial, em cuja profissão se firmou então como um dos mais raros e energicos pioneiros do progresso desta terra.

Em Março de mil novecentos e treze, desgostoso com o movimento que tomava a politica regional,

A black and white portrait of Coronel Aggêo da Costa Ramos. He is a middle-aged man with a mustache, wearing a dark suit, a white shirt, and a dark tie. He is standing and looking slightly to the left of the camera. The background is dark and indistinct.

paralysando as energias vitales do fertil valle do Rio Branco, onde se encontrava, rumou para Manãos, onde então, levado por varias circumstancias fundou a *Gazeta da Tarde*, que se constituiu desde logo o baluarte forte das boas causas e o paladino valoroso da opinião publica. Guiada sempre pelo seu pulso energico, em pouco tempo o intrepido vespertino se firmou definitivamente, batendo-se com convicção pelo soerguimento do Amazonas.

De victoria em victoria a *Gazeta* tem vivido e se em sua marcha ascensional encontrou por vezes espinhos bem amargos, em compensação adquiriu tambem a veneração publica e o acolhimento incondicional de toda a população do Estado, tornando-se por isso, a folha mais popular.

E depois dessa phase agitada de nove annos de luctas sem treguas, em que a *Gazeta da Tarde*, á semelhança de uma nova Phenix resurgia das suas proprias cinzas, o coronel Aggeo da Costa Ramos deitando um olhar retrospectivo a esse passado de heroismo, no dia de hoje, pode orgulhar-se de ser, talvez, o unico homem no Amazonas, que verdadeiramente existe e vive no no coração do povo.

MANAUNAS

O Bahia, que vive confundindo a sua vida com a mancha indistincta dos enxames que fabricam a sabedoria como um mel propicio aos conceitos murchos do pensamento decente e satisfeito, julga sempre que as suas alegrias ou as suas penas, as suas perfidias ou as suas desillusões, se encontrassem uma moenda intellectual que dignamente as cantassem ou celebrassem, seriam de um interesse tão raro que todas as atenções se prenderiam no seu encanto.

E á falta de narrador que tome tão preciosa materia prima para lhe dar a consagração da arte, o Bahia conta e canta nos cafés e nos botequins, num desvanecimento de quem julga salvar do esquecimento, depositando-o na memoria dos vivos, a sua perfidia de uma vulgaridade tão perfeita, sem um traço de relevo que o eleve acima de mil outros, que o tempo varreu num gesto, para a eterna obscuridade. Ora bolas!...

OLHOS MYSTERIOSOS

Olhos que fulgem, óra, em fogo brando,
Como carvões morrendo nas lareiras;
Óra, como potentes sóes, brilhando
Em meio á densa treva das olheiras;

Olhos que eu vejo arder, de quando em quando,
Como clarões intensos de fogueiras;
Ou amortecer suaves, relembrando
O fogo extinto das paixões primeiras . . .

Ao vel-os scintillar num brilho intenso,
Ou velados assim, Senhora, eu penso
De vossa alma em sondar os mil refólhos,

Para apprehender o goso em que se agita,
Ou perceber a magua que, infinita,
Boia na luz desses magoados olhos.

Sêpê.

Uma revelação em arte

(YAYÁ CASTRO)

Os trabalhos de esculptura de Yayá Castro surgiram, em nosso acanhado ambiente artistico, como uma sublime revelação: são obras de arte authenticas; irradiam genio.

De como lhe surgio essa maravilhosa faculdade de moldar, na plasticidade da argila, com surpreendente capacidade creadora, figuras palpitantes de vida e de emoção, não nos sabe ninguem dizer, nem os seus intimos, nem ella propria. O que todos vêem, porque se evidencia á radiosa luz mediana, é que ella se affirma artista consumada. Como se fez? Ninguem ousa, nem pretende explicar.

A mulher genial, cuja cerebração portentosa nivelou a potencia mental dos dois sexos, Clémence Royer negou a revelação, num arrebatemento apaixonado de fanatismo quasi religioso pela concepção evolucionista, essa outra forma de methodismo, de orthodoxia, que, com a extructura de fascinadora construção philosophica, assentou em dois pilares gigantescos — Lamarck e Darwin.

Si a viu florescer em sua grandeza, não foi dado áquella mulher singular, como suprema desolação para o seu espirito saturado de convicções philo-

THE SANITARY CONDITIONS AND DISEASES PREVAILING IN MANAÓS, NORTH
BRAZIL, 1905-1909, WITH PLAN OF MANAÓS AND CHART.

By

H. Wolferstan Thomas, M.D., C.M. (McGill)

Expedition to the Amazon, 1905-1909

(Fifteenth Expedition of the Liverpool School of Tropical
Medicine.)

Manáos, the capital of the State of Amazonas, was selected
as the headquarters of the Expedition. It is the second largest
city in the Amazon district and is one of the most important cities
in North Brazil.

The city is situated on the Rio Negro, a few miles above its
confluence with the River Amazon, and lies in latitude $3^{\circ}08'30''$
and longitude $59^{\circ}59'27''$ west of Greenwich; its height above the
sea level is only about 3'40 metres. It is 900 miles' river jour-
ney from the city of Para at the mouth of the Amazon river and
1,300 miles from the town of Iquitos, Peru. The traffic is en-
tirely carried on by ocean and river steamers of up to 6,000 tons,
plying between Hamburg, Liverpool, New York and Manáos.

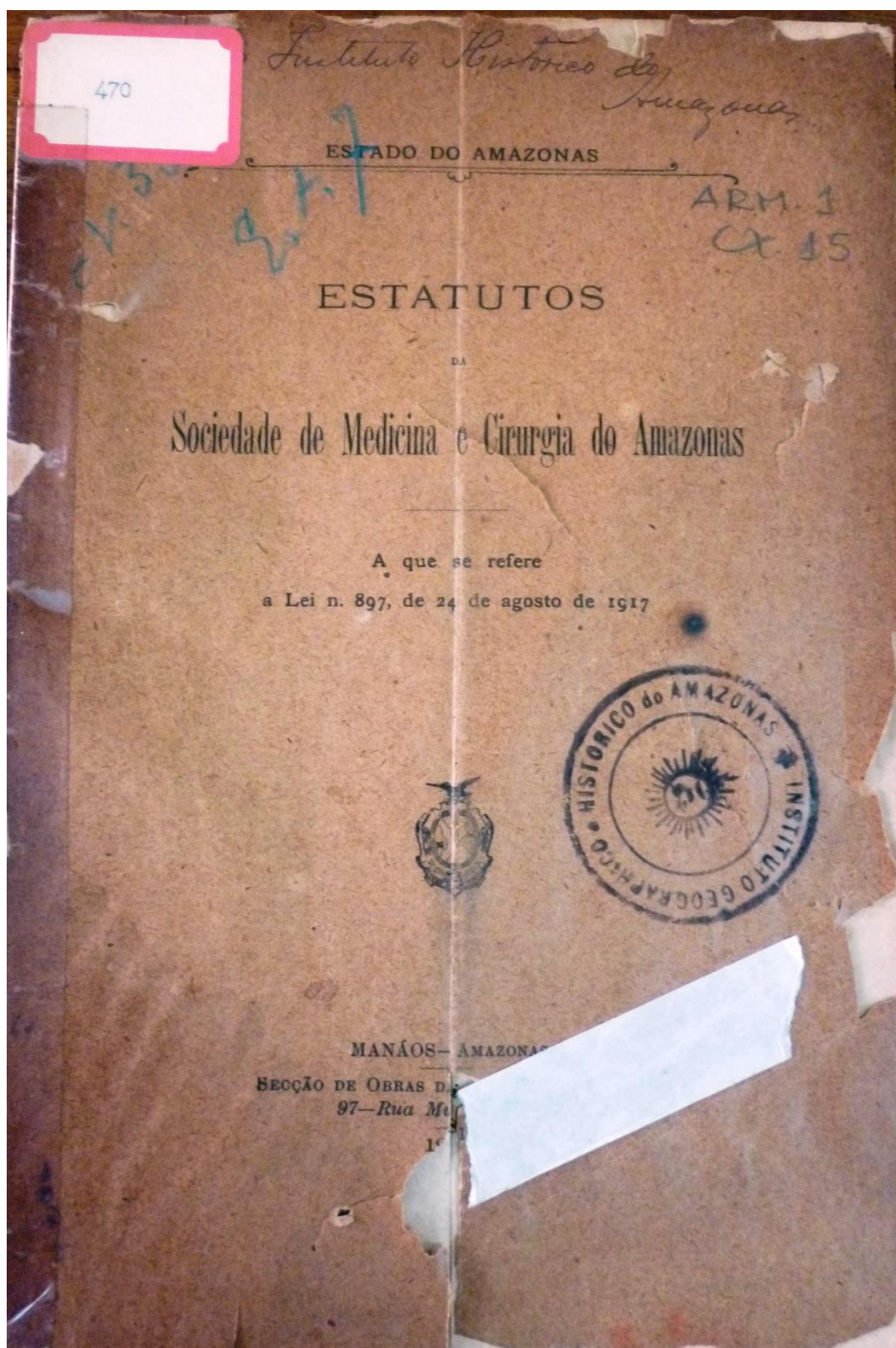
The population of Manáos is about 60,000, comprising some
33,000 intra-urban and 28,000 extra-urban inhabitants. The greater

Fonte: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232011000200002



ANEXO 11: Estatutos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, criado governo do dr. Bacellar. (02 páginas).

Fonte: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, IGHA.





LEI N. 897 — DE 24 DE AGOSTO DE 1917

Considera de utilidade publica diversas associações e dá outras providencias.

O DOUTOR PEDRO DE ALCANTARA BACELLAR, Governador do Estado do Amazonas:

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa do Estado decreta e eu sanciono a seguinte

LEI:

Art. 1.º — São considerados de utilidade publica o Instituto Geographico e Historico do Amazonas e as SOCIEDADES DE MEDICINA E CIRURGIA deste Estado e os Tiros n. 10 e Naval do Amazonas.

Art. 2.º — O Instituto Geographico e Historico e a SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA deste Estado, servirão de corporações consultivas em todos os assumptos referentes ás materias de sua alçada.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer que a cumpram e façam cumprir como nella se contém.

O Sr. Secretario do Estado a mande imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo, em Manáos, 24 de agosto de 1917.

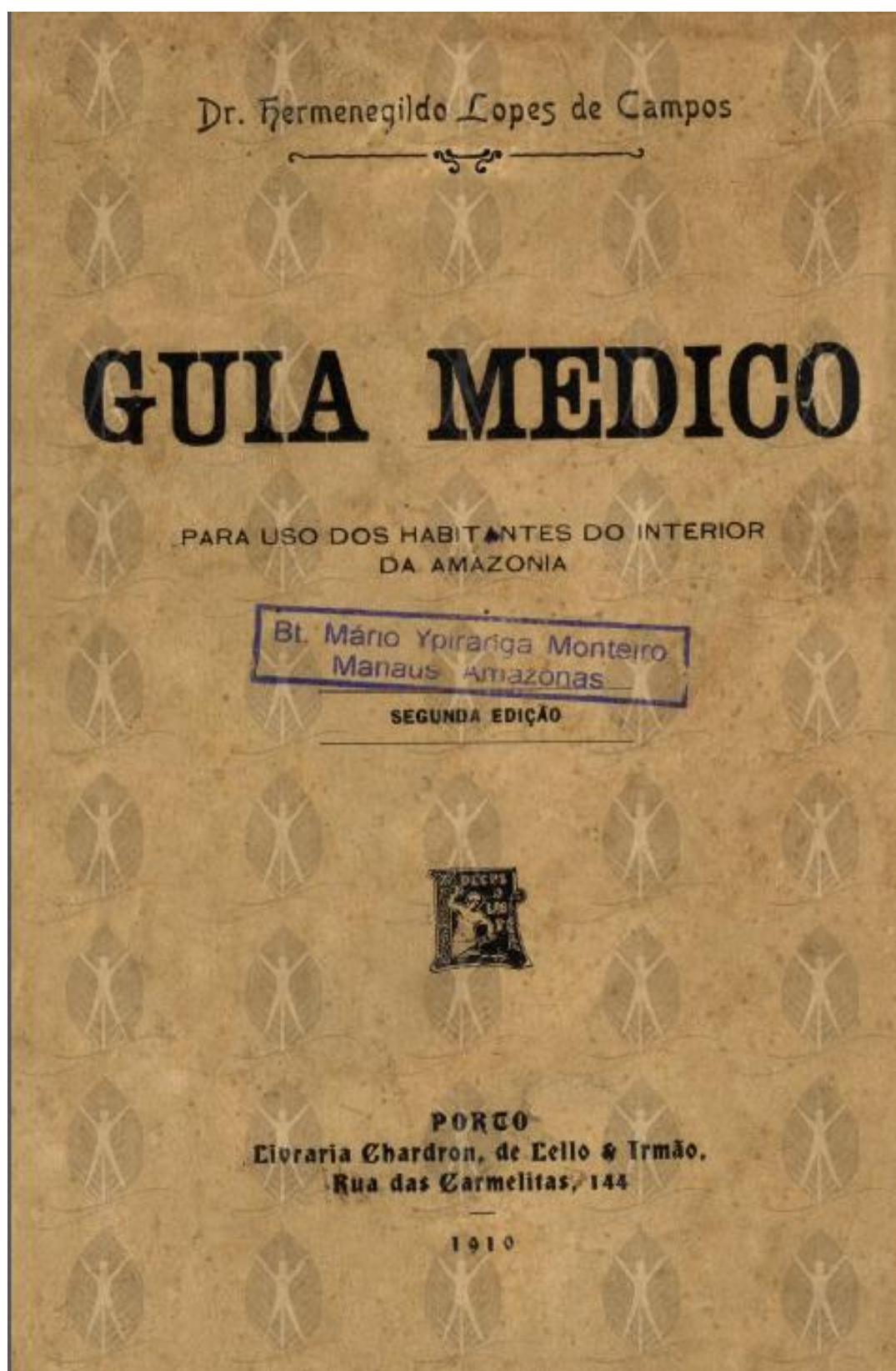
Dr. PEDRO DE ALCANTARA BACELLAR.

Hamilton Mourão.

Publicada a presente Lei nesta Secretaria do Estado, aos 24 dias do mez de agosto de 1917.

Hamilton Mourão.

ANEXO 12: Capa do Guia Médico do dr. Hermenegildo Lopes de Campos.



ANEXO 13: Capa do livro Flora Médica Braziliense do dr. Alfredo da Matta.

AMAZONAS-BRAZIL

Flora Medica Braziliense

PELO

DR. ALFREDO AUGUSTO DA MATTA

Da Faculdade de Medicina da Bahia; medico dos hospitaes de Manaos; ex-
encarregado do Laboratorio de Analyses do Amazonas;
medico resignatario da 7.^a circumscripção sanitaria do Pará;
ex-medico do Exercito; ex-director do Serviço
Sanitario do Amazonas; prof. de hygiene da Universidade
Livre de Manaos; membro da antiga
Sociedade de Medicina e Pharmacia do Amazonas;
socio honorario da Academia
Physico-Chimica Italiana; etc.



Am
581.634
M435f

MANAOS

SECÇÃO DE OBRAS DA IMPRENSA OFFICIAL

97—Rua Municipal—97

1913



AO LEITOR

Se a flora brasileira tivesse numero sufficiente de pesquisadores e todos convincentes, seria bastante para fornecer medicamentos a todo o Universo.

M. ORNELLAS.

Este livrinho trata de varias plantas medicinaes da Amazonia e em particular do Estado do Amazonas. O leitor nelle encontrará o nome vulgar de cada uma, gencro e familia, synonymias, caracteres geraes e composição chimica na maioria dos casos, parte empregada e propriedades therapeuticas.

Este estudo foi realizado sob a orientação e criterio de abalisados scientistas, nacionaes e estrangeiros, cujas obras manuseei, alem de experiencias e investigações por mim cuidadosamente feitas.

Importaria agora estudar, de um modo methodico e scientifico, a maioria dessas plantas. Concatenar, reunir opiniões esparsas, theorias e opiniões ás vezes desencontradas; dar-lhes orientação sob determinado plano, experimental-as as mais das vezes, constitue tarefa sempre difficil e fatigante.